ΑΠΟΚΑΛΥΨΙΣ ΙΩΑΝΝΟΥ

ΑΠ **1.1** Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ, ἣν ἔδωκεν αὐτῷ ὁ Θεὸς δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ, ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει, καὶ ἐσήμανεν ἀποστείλας διὰ τοῦ ἀγγέλου αὐτοῦ τῷ δούλῳ αὐτοῦ Ἰωάννῃ



Instituição Reconhecida

Conv. Geral das Assembléias de Deus no Brasil

CONFRADESP

Título

Apocalipse, à Luz da Escatologia Bíblica

1ª Edicão: 2007 - Tiragem: 2000
2ª Edição: 2011 - Tiragem: 2000

©2007 de Vicente Leite

Todos os direitos reservados por

Faculdade Teológica IBETEL
Rua Dr. Felício de Camargo, 491, 2º and
Cep. 08674-030 - Suzano-SP
Tel. (11) 4743-1964 / 4743-1826
www.ibetel.com.br

Publicação e Distribuição
Faculdade Teológica IBETEL

Diagramação e Capa
Claudio Gracindo

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Índice para catálogo
Escatologia

Prof. Vicente Leite

Apocalipse

à luz da Escatologia Bíblica

IBETEL
Faculdade Teológica

Declaração de fé

A expressão "credo" vem da palavra latina, que apresenta a mesma grafia e cujo significado é "eu creio", expressão inicial do credo apostólico -, provavelmente, o mais conhecido de todos os credos: "Creio em Deus Pai todo-poderoso...". Esta expressão veio a significar uma referência à declaração de fé, que sintetiza os principais pontos da fé cristã, os quais são compartilhados por todos os cristãos. Por esse motivo, o termo "credo" jamais é empregado em relação a declarações de fé que sejam associadas a denominações específicas. Estas são geralmente chamadas de "confissões" (como a Confissão Luterana de Augsburg ou a Confissão da Fé Reformada de Westminster). A "confissão" pertence a uma denominação e inclui dogmas e ênfases especificamente relacionados a ela; o "credo" pertence a toda a igreja cristã e inclui nada mais, nada menos do que uma declaração de crenças, as quais todo cristão deveria ser capaz de aceitar e observar. O "credo" veio a ser considerado como uma declaração concisa, formal, universalmente aceita e autorizada dos principais pontos da fé cristã.

O Credo tem como objetivo sintetizar as doutrinas essenciais do cristianismo para facilitar as confissões públicas, conservar a doutrina contra as heresias e manter a unidade doutrinária. Encontramos no Novo Testamento algumas declarações rudimentares de confissões fé: A confissão de Natanael (Jo 1.50); a confissão de Pedro (Mt 16.16; Jo 6.68); a confissão de Tomé (Jo 20.28); a confissão do Eunuco (At 8.37); e artigos elementares de fé (Hb 6.1-2).

A Faculdade Teológica IBETEL professa o seguinte Credo alicerçado fundamentalmente no que se segue:

1. Crê em um só Deus eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).

2. Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2Tm 3.14-17).

3. No nascimento virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34; At 1.9).

4. Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que o pode restaurar a Deus (Rm 3.23; At 3.19).

5. Na necessidade absoluta no novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do reino dos céus (Jo 3.3-8).

6. No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente na fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26; Hb 7.25; 5.9).

7. No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12).

8. Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Jesus Cristo (Hb 9.14; 1Pe 1.15).

9. No batismo bíblico com o Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).

10. Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação conforme a sua soberana vontade (1Co 12.1-12).

11. Na segunda vinda premilenar de Cristo em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatar a sua Igreja fiel da terra, antes da grande tribulação; Segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16.17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).

12. Que todos os cristãos comparecerão ante ao tribunal de Cristo para receber a recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo, na terra (2Co 5.10).

13. No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis, (Ap 20.11-15).

14. E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento eterno para os infiéis (Mt 25.46).

Sumário

Declaração de fé..... 05

Introdução..... 11

CAPÍTULO 1 - Prólogo, Visão de Jesus Glorificado... 17

CAPÍTULO 2 - Mensagem de Cristo às Igrejas..... 31

CAPÍTULO 3 - Mensagem de Cristo às Igrejas 2..... 41

CAPÍTULO 4 - O Trono da Majestade..... 47

CAPÍTULO 5 - O Livro Selado e o Cordeiro..... 57

CAPÍTULO 6 - A Abertura do Seis Primeiros Selos..... 59

CAPÍTULO 7 - Os Israelitas Assinalados..... 63

CAPÍTULO 8 - O Último Selo e as Quatro Primeiras Trombetas..... 71

CAPÍTULO 9 - A Quinta e a A Sexta Trombetas..... 79

CAPÍTULO 10 - João Come um Livrinho..... 83

CAPÍTULO 11 - O Templo e as Duas Testemunhas..... 89

CAPÍTULO 12 - A Mulher e o Dragão..... 95

CAPÍTULO 13 - O Surgimento das Bestas..... 105

CAPÍTULO 14 - O Cordeiro no Monte Sião..... 115

CAPÍTULO 15 - A Consumação da Ira de Deus..... 121

CAPÍTULO 16 - A Sete Taças da Ira de Deus..... 123

CAPÍTULO 17 - A Mulher assentada sobre a Besta..... 127

CAPÍTULO 18 - A Queda da Babilônia..... 133

CAPÍTULO 19 - O Fim da Tribulação e a Gloriosa Segunda Vinda de Cristo..... 139

CAPÍTULO 20 - Satanás é Amarrado, Os Fiéis Reinam com Cristo..... 145

CAPÍTULO 21 - Novos Céus e Nova Terra..... 161

CAPÍTULO 22 - Epílogo Ap. 22.6-21..... 167

Referências..... 173

Introdução

1. O Livro de Apocalipse

Assim como Gênesis é o livro dos inícios, Apocalipse é o livro da consumação. Nele, o programa divino da redenção é completado, e o nome santo de Deus é defendido e provado perante toda a criação. Embora haja inúmeras profecias nos Evangelhos e Epístolas, Apocalipse é o único livro do Novo Testamento que enfatiza principalmente os acontecimentos proféticos. Seu título significa "revelar" ou "expor". Assim, o livro é uma revelação do caráter e programa de Deus. Escrito por João durante seu exílio na ilha de Patmos, Apocalipse está baseado nas visões e símbolos do Cristo ressurreto, que tem a autoridade de julgar a Terra, refazê-la e governar em justiça.

O título do livro no texto grego é Apokalypsis loannou, "Apocalipse de João". É conhecido por Apocalipse por causa da transliteração da palavra apokalypsis, que significa "revelação", "exposição". Dessa forma, o livro revela o que de outra forma não seria conhecido. Um título melhor vem do primeiro versículo: Apokalypsis lesou Christou, "Apocalipse de Jesus Cristo". Isso poderia ser visto como uma revelação que vem de Cristo ou uma revelação sobre Cristo - ambos são adequados. Por causa dos conteúdos uniformes deste livro, não deveria ser chamado de Revelações.

2. A Autoria de Apocalipse

O autor do Apocalipse designa-se simplesmente João. Embora residente na Ásia Menor (ou, antes, Ásia proconsular), ele era claramente um cristão hebreu como a linguagem e o estilo do livro revelam, e assumiu posição de influência entre as igrejas dessa região. Era natural, em vista da forte tradição de que João, o filho de Zebedeu, emigrou para Éfeso, que os escritores cristãos identificassem João, o apóstolo, com o vidente que escreveu o Apocalipse. O motivo mais ponderável

para essa conclusão é, talvez, o fato que o profeta simplesmente se chama "João", como se não houvesse nenhum outro líder cristão nessa região com quem ele pudesse ser confundido. As muitas afinidades notáveis de pensamento e redação entre o Evangelho e o Apocalipse, quanto aos pormenores, também reclamam o reconhecimento de alguma ligação na autoria dos dois livros.

O estilo, a simetria e o projeto de Apocalipse demonstram que ele foi escrito por um único autor, quatro vezes denominado "João" (1.1,4,9; 22.8). Por causa de seu conteúdo e de sua referência às sete igrejas, Apocalipse circulou rapidamente e se tornou bastante conhecido e aceito na Igreja primitiva. Ele era frequentemente mencionado e citado pelos escritores cristãos do segundo e terceiro séculos e foi recebido como parte do cânon dos livros do Novo Testamento. Desde o início, Apocalipse foi considerado uma obra autêntica do apóstolo João, o mesmo João que escreveu o Evangelho e as três epístolas. Isso foi sustentado como verdadeiro por Justino, o Mártir, o Pastor de Hermas, Melito, Irineu, o Cânon Muratoriano, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes e outro.

Esse ponto de vista foi raramente questionado até a metade do terceiro século, quando Dionísio apresentou vários argumentos contra a autoria apostólica de Apocalipse. Ele observou uma clara diferença no estilo e reflexão entre Apocalipse e os livros que ele aceitava como joaninos e concluiu que Apocalipse deve ter sido escrito por um João diferente. De fato, a evidência interna aponta alguns problemas no ponto de vista tradicional: (1) A gramática grega de Apocalipse não se assemelha à do quarto Evangelho ou à das Epístolas de João. (2) Há também diferenças no vocabulário e expressões usados. (3) O conteúdo teológico desse livro difere de outros escritos de João em relação à ênfase e a apresentação. (4) Os outros escritos de João evitam o uso de seu nome mas nesse livro ele é encontrado quatro vezes. Já que essas dificuldades existem, devemos ter duas

coisas em mente: (1) Há inúmeras semelhanças notáveis entre Apocalipse e os outros livros tradicionalmente associados ao apóstolo João (por ex., o uso distinto dos termos verbo, cordeiro, verdade e o desenvolvimento cuidadoso de temas conflitantes como luz e trevas, amor e ódio, bem e mal). (2) Muitas das diferenças podem ser explicadas pelas circunstâncias incomuns do livro. O assunto apocalíptico requer um tratamento diferenciado, e João recebeu o seu conteúdo não por reflexão, mas por uma série de visões surpreendentes e arrebatadoras. É também possível que João tenha usado um secretário para suavizar o estilo grego de sua forma de escrever e que o exílio em Patmos o impediu de usar tal escriba quando escreveu Apocalipse.

Assim, a evidência interna, embora problemática, não precisa anular o forte e antigo testemunho externo da origem apostólica desse importante livro. O autor era obviamente bem conhecido dos destinatários nas sete igrejas da Ásia, e isso se encaixa no uso restrito do nome João e da tradição uniforme a respeito do seu ministério na Ásia. Sugestões alternativas como João, o presbítero, ou um profeta chamado João criam mais problemas do que solucionam.

3. O Tempo de Apocalipse

João dirigiu esta palavra profética às sete igrejas da província romana da Ásia (1.34). As mensagens às essas igrejas nos caps. 2-3 começam com Éfeso, a mais importante, e continuam num sentido horário até Laodicéia. É provável que esse livro tenha inicialmente seguido uma rota circular. Embora cada uma dessas mensagens tivesse um significado particular a essas igrejas, elas também eram relevantes para a Igreja como um todo ("quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas"). O testemunho eficaz de João sobre Cristo levou as autoridades romanas exilarem na pequena e solitária ilha de Patmos, no mar Egeu (1.9). Essa ilha de rocha vulcânica era um dos muitos lugares para onde os romanos baniam os criminosos transgressores políticos.

Apocalipse foi escrito em uma época de hostilidade romana aos cristãos que estava levando à perseguição (1.9; 2.10,13). Alguns estudiosos acreditam que deveria ser dada uma data mais anterior durante a perseguição aos cristãos por Nero, depois do incêndio de Roma em 64 d.C. As cartas hebraicas a Nero César (Neron Kesar) somavam 666, o número da besta (13.18), e havia uma lenda segundo a qual Nero reapareceria no Oriente após sua aparente morte (cf. Ap 13.3,12,14). Esse tipo de evidência é fraca, e uma data posterior, próxima ao fim do reinado do imperador Domiciano (81-96 d.C.), é mais provável, por várias razões: (1) Este foi o testemunho de Irineu (discípulo de Policarpo, que era discípulo de João) e de outros escritores cristãos. (2) João, provavelmente, não tenha se mudado de Jerusalém para Éfeso até mais ou menos 67 d.C., pouco antes da destruição romana de Jerusalém, em 70 d.C. Uma data mais anterior não daria a ele tempo suficiente para estabelecer um ministério na Ásia, quando escreveu este livro. (3) As igrejas da Ásia, aparentemente, existiam havia alguns anos, tempo suficiente para que algumas chegassem ao ponto de declínio e complacência (cf. 2.4; 3.1,15-18). (4) Os feitos de Domiciano são mais relevantes do que os de Nero quanto aos temas de Apocalipse. A adoração aos imperadores mortos já era praticada durante anos, mas Domiciano foi o primeiro imperador a exigir adoração enquanto estava vivo. Isso levou a um conflito maior entre o Estado e a Igreja, principalmente na Ásia, onde a adoração a César era muito praticada. À perseguição sob Domiciano foi um presságio das perseguições mais severas que viriam a seguir.

Assim é possível que João tenha escrito este livro em 95 ou 96 d.C. A data de sua libertação de Patmos é desconhecida, mas ele, provavelmente, tenha tido permissão de retornar a Éfeso após o reinado de Domiciano. Passagens como 1.11; 22.7,9,10, 18-19 sugerem que este livro foi finalizado antes da libertação de João.

Análise do

Apocalipse

à Luz da Escatologia Bíblica



Capítulo 1

Prólogo, Visão de Jesus Glorificado

1.1. Prólogo (Ap 1.1-8)

Revelação (v.1). traduz a palavra grega apokalypsis, (Ἀποκάλυψις) uma descoberta ou exposição de uma realidade que não tinha sido percebida anteriormente. É uma revelação da parte de Jesus Cristo e a respeito dEle: revela a avaliação que Cristo faz da Igreja. É uma revelação do futuro (Ap 1.1,19), pois desvenda os grandes acontecimentos do encerramento da história, inclusive a revelação de Jesus Cristo em Seu segundo advento. Uma profecia (Ap 1.3; 22.7,10,18,19), uma vez que a mensagem profética deste livro flui através de figuras e simbolismos dramáticos, retratando a consumação de toda a mensagem bíblica da redenção. Por sua vez, as cartas revelam que ocorriam graves desvios do padrão bíblico da verdade e retidão segundo o Novo Testamento em muitas igrejas da Ásia. Dentro da revelação dos eventos futuros, mostra à Grande Tribulação, o triunfo de Deus sobre o mal, a volta de Cristo para estabelecer o Milênio e o Juízo Final.

O Apocalipse é a descoberta de alguma coisa escondida, empregado aqui no sentido de "uma visão e a sua interpretação". A última fonte desta revelação é o próprio Deus; Ele a deu a Jesus Cristo para o benefício da Igreja (seus servos); foi, portanto, enviada por intermédio de um anjo a João que, por sua vez, a transmitiu às "sete igrejas" e, deste modo, a toda a Igreja de Deus. Relata as coisas que brevemente devem acontecer. "Brevemente" exprime a atitude profética normal e é acentuada através do Novo Testamento (Lc 18.8; Rm 16.20; 1Co 7.29-31; Tg 5.8; 1Pe 4.7; Ap 1.3; 22.20).

Além disso, o Apocalipse define-se como a palavra de Deus, o testemunho de (dado por) Jesus Cristo, quanto a tudo o que (o vidente) viu. Em 1.9 e 20.4 se unem as primeiras duas frases para representar toda a verdade de Deus; aqui significa as palavras desta profecia.

"Bem-aventurado" (v.3). A primeira das sete bênçãos (14.13; 16.15; 19.9; 20.6; 22.7,14) implica em Invoca-se em ler em voz alta, à congregação em assembléia e sobre os que ouvem e observam o que se ordena. Aqui existe uma tríplice promessa do Senhor para sua igreja.

"João as sete Igrejas" (v.4). O Apocalipse é dirigido às sete igrejas da Ásia, isto é, na província romana daquele nome, e são enumeradas em 1.11. Quase não se deve duvidar de que elas representem também a Igreja em sua integralidade, como se vê na conclusão de cada uma das sete cartas, "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas". João está escrevendo para as sete igrejas reais e para as quais ele pronuncia bênçãos que têm uma fonte no Deus Triúno. O Pai é descrito em termos de sua natureza eterna (Êx 3.14). "Aquele que é, e que era, e que há de vir". Esta forma acentua tanto a sua eternidade, como a sua relação vital à história. A última frase ("que há de vir", ao invés do esperado "que será") constitui não somente uma alusão cônscia à segunda vinda de Cristo, mas dá a entender que o evento mais importante do futuro é aquele aparecimento que será também a vinda de Deus.

"Os sete Espíritos diante do trono de Deus" (v.4). Quem são esses sete espíritos? Representam eles a terceira Pessoa da Trindade (o Pai e o Filho foram mencionados antes, no v. 2). É surpreendente, mas a resposta correta a essa pergunta é SIM.

Como poderia o Espírito Santo ser representado por sete, em vez de um? Bem, a primeira aparição do Espírito Santo em sete facetas ocorre em Isaías 11.2: "Repousará

sobre ele [o Messias] o Espírito do Senhor, [1] o Espírito de sabedoria [2] e de entendimento [3], o Espírito de conselho [4] e de fortaleza [5], o Espírito de conhecimento [6] e de temor [7] do Senhor". No simbolismo bíblico sete é o número da obra perfeita de Deus (cf. Gn 2.2-3), de modo que "o tronco de Jessé" (Is 11.1) será dotado do Espírito Santo ao iniciar seu ministério messiânico.

Há outra passagem em que ocorre de novo a menção do Espírito em sete facetas, que é Zacarias 3.9: "... eis aqui a pedra que pus diante de Josué; sobre esta pedra única estão sete olhos...". Temos nessa passagem a perfeita supervisão, o cuidado providencial de Deus, o Espírito Santo, representado pelos sete olhos gravados na "pedra" (provavelmente uma gema enorme) colocada diante do sumo sacerdote. Aparecem de novo em Zacarias 4.10 ARA: "... quem despreza o dia dos humildes começos, esse alegrar-se-á vendo o prumo na mão de Zorobabel. Aqueles sete olhos são os olhos do Senhor, que percorrem toda a terra". O Espírito Santo em sua amorosa providência é prometido para a dedicação do segundo templo que estaria pronto em 516 a.C.

Mas é no Apocalipse que os "sete espíritos" aparecem como indivíduos, não apenas em 1.4, mas em 3.1: "Estas coisas diz aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas: Conheço as tuas obras...". Em 4.5: "... e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete espíritos de Deus". Em 5.6: "Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro que tinha sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados por toda a terra".

Parece haver uma conexão bem definida entre o Espírito em sete facetas de Isaías 11.2 e o de igual número em Apocalipse, que representa o Senhor, em disfarce externo de sete espíritos distintos, número apropriado à perfeição de Deus, ao seu cuidado providencial, o tema central de Apocalipse. O livro todo está cheio de simbolismos; portanto,

não deveríamos considerar demasiado surpreendente que o número sete represente a unidade, de forma tão extraordinária e impressionante.

"... Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados" (v.5) Jesus é apresentado em termos de seu sacrifício de redenção, sua ressurreição e seu Reino eterno. Jesus, como Rei-Messias, é o tema principal de Apocalipse. Jesus é a fiel testemunha não só com respeito a esta revelação, mas no que diz respeito a toda a verdade de Deus (Jo 18.37). Ele é o primogênito dos mortos (v.5), no sentido de ser o primeiro a ressuscitar dos mortos e, deste modo, "as primícias dos que dormem" (Cl 1.18; 1Co 15.20).

"Eis que vem com as nuvens" (v.7). A volta do Senhor será real, pessoal e visível (At 1.9-11). Trata-se da vinda de Cristo para estabelecer o seu reino aqui na terra: "Logo em seguida à tribulação daqueles dias, (a Grande Tribulação) o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, e as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados" (Mt 24.29). "Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória" (Mt 24.30). "Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram" (1.7). Imediatamente após a tribulação, haverá sinais cósmicos assombrosos que precederão o aparecimento imediato de Cristo (Is 13.6-13). Ele vem com juízo contra os ímpios, (Ap 19.11-20.3); vem para livrar os seus fiéis e para estabelecer a justiça na terra (Ap 20.4).

“Alfa e Ômega" - (A e W) (v.8). Alfa é a primeira letra do alfabeto grego, e Ômega, a última, mencionadas também em Ap 21.6 e 22.13. É provável que a frase traduza para os leitores gregos um idiotismo hebraico pelo qual a primeira e última letras do alfabeto eram usadas para exprimir totalidade. Era dito, por exemplo, que Adão transgrediu a lei "de álefe a tau" (a - t); Abraão, pelo contrário, guardou a lei "de álefe a tau". Neste

vers. 8 o sentido é que Deus é o Senhor de toda a história, seu princípio, seu fim e todo o seu decurso. Tal afirmação é necessária para os crentes num dia quando as potestades que há se opõem à Igreja. Podemos notar que essas palavras são atribuídas a Cristo em 22.13. O Todo-poderoso, título este que João frequentemente emprega e que os LXX de Os 12.6 e Am 9.5, traduzem "Senhor Deus dos Exércitos".

1.2. Visão do Filho do Homem glorificado (1.9-20)

João está no exílio em Patmos, uma ilha de 16 por 10 km, localizada a 100 km a sudoeste de Éfeso no Mar Egeu. Vulcânica e quase sem árvores, os romanos a usavam como colônia penal, obrigando os prisioneiros a trabalhar nas pedreiras de granito. A aflição e o reino em que João e os seus leitores participam como cristãos são uma experiência e possessão presentes, como também a paciência que Jesus supre. Os três elementos nos são proporcionados por nossa união com Ele, mas o primeiro e o terceiro nos conduzem a uma apropriação mais completa do segundo, na consumação do mesmo. Comparar Jo 16.33; Rm 5.3; 2Tm 2.12.

"... Estava na ilha chamada Patmos" (v.9). Alude-se à participação de João na aflição, quando se menciona o fato dele estar em Patmos por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo; estava lá em consequência da sua fidelidade ao evangelho, não em exílio voluntário, a fim de receber mais revelações (cfr. Ap 6.9). O fato que ele diz que "estava" (ou "se achava") em Patmos dará a entender que ele escreveu o livro depois de deixar a ilha?

“Eu fui arrebatado em espírito" (v.10). A experiência de João em arrebatado em espírito (1.10; 4.2; 17.3; 21.10) foi a de um profeta bíblico recebendo uma revelação sobrenatural. Significa que João caiu em estado de êxtase (lit. "achei-me no Espírito", ARA) e deste modo ocasiona a visão que se segue. Ocorreu "no dia do Senhor" (v.10), não, como entendem alguns "no dia do Senhor" no sentido escatológico, como se João

tivesse sido transportado para viver naquele dia, mas "no dia consagrado ao Senhor", uma frase que se usava já no segundo século referindo-se ao domingo. O termo "o dia do Senhor", como Deissmann tem mostrado, é provavelmente a substituição desafiadora dos cristãos ao "dia do Imperador", que era celebrado ao menos mensalmente na Ásia Menor, se não semanalmente. Indicava originalmente o dia da elevação de Faraó ao trono do Egito, ou seu dia natalício; a idéia foi apropriada pelos imperadores romanos. Como memorial do dia da ressurreição de Cristo, e assim, da sua exaltação à soberania, o título "o dia do Senhor" é especialmente apropriado.

"As sete igrejas" (v.11). As sete que foram singularizadas, contudo, tiveram uma reivindicação especial para serem recipientes destas cartas, posto que elas se situavam nas estradas que uniam, em via circular, a província da Ásia. Igualmente, segundo Ramsay, estas cidades serviam de centros distribuidores dos sete distritos postais da região e desta forma seriam os melhores pontos para divulgarem as cartas às demais Igrejas na província.

"Os sete castiçais de ouro" (v.12) (candeeiros, ARA), nos lembram o castiçal de ouro, com seus sete braços, ou hastes, no santo lugar do tabernáculo e do templo (Êx 25.31; Zc 4.2). Com a destruição do templo, o castiçal foi transportado para um templo pagão em Roma. Naquilo em que os judeus falharam, as igrejas cristãs são chamadas para serem bem sucedidas, dando luz a um mundo em trevas.

A frase "... um semelhante ao Filho do homem" (v.13), ou "um semelhante a filho de homem" (ARA) recorda Dn 7.13; dá a entender que esta Pessoa não é apenas um homem e lembra indubitavelmente o uso deste título por nosso Senhor. (Não ocorre, porém, nas Epístolas). A descrição que se segue tira livremente de Dn 10.5-6. O significado desta presença no meio dos sete castiçais (1.13), isto é, das igrejas, mal requer menção. O vestido comprido usado por Cristo (1.13) pode ser

alusão às vestes talares (ARA) do sumo sacerdote; porém, há certa dúvida de que tal associação esteja em mente aqui, pois este vestido era usado também por qualquer pessoa de alta categoria. A descrição dos cabelos brancos é reminiscência estudada de Dn 7.9, onde se descreve o "Ancião de dias". A aplicação a Cristo dos atributos de Deus é fenômeno constante deste livro. Comparar os pés semelhantes a latão reluzente (1.15) com Dn 2.33-35. Swete pensa que as muitas águas (1.15) são o bramir do mar Egeu em torno de Patmos.

As "estrelas" (v.16). Um quadro simbólico é dado no vers. 16, que nunca deve ser representado numa tela. As estrelas estão no poder de Cristo, a espada simboliza a sua autoridade e poder judiciais. O sol resplandecendo na sua força, relembra Jz 5.31, mas também recorda a transfiguração (Mt 17.2). Para o vers. 17, comparar Dn 10.9; ver também Js 5.14; Is 6.5; Ez 1.28.

“Eu sou o primeiro e o último” (v.17), também em 2.8 e 22.13) se diz em relação a Jeová, em Is 44.6 e Is 48.12. Seu sentido é o mesmo do vers. 8.

A frase “O que vivo e fui morto” (v.18), salienta o contraste entre a vida eterna, inerente no Filho, e a morte abjeta que Ele sofreu. Aquela vida triunfou sobre a morte, consequentemente Ele diz: vivo para todo o sempre, este último predicado é atribuído ao pai em 4.9-10 e 10.6.

"... Não temas; eu sou o Primeiro e o Último" (v.17b), "e o que vive; fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém! E tenho as chaves da morte e do inferno" (v.18). A posse das chaves da morte e do Hades (v.18) foi adquirida pela Sua ressurreição e significa a conquista da morte.

No versículo supra depois que Jesus se identifica como sendo o Primeiro e o Último afirma que foi morto, mas está vivo eternamente e que possui a chave da Morte e do inferno. O que isso significa? Que é a morte? Tem a escatologia resposta para essas perguntas?

Quando falamos de escatologia, precisamos distinguir entre a escatologia individual e a escatologia cósmica - experiências que se colocam, uma, no futuro do indivíduo e, outra, no futuro da raça humana, ou melhor, de toda a Criação. A primeira ocorrerá a cada indivíduo na hora da morte. A segunda ocorrerá a todas as pessoas simultaneamente, em associação com eventos cósmicos, ou, especificando, a segunda vinda de Cristo. Um fato inegável no futuro de todas as pessoas é a inevitabilidade da morte. Há uma afirmação direta desse fato em Hebreus 9.27: "Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disto, o juízo". Essa idéia percorre todo o capítulo 15 de 1Coríntios, em que lemos sobre a universalidade da morte e sobre o efeito da ressurreição de Cristo. Apesar de se dizer que a morte foi derrotada e seu aguilhão removido pela ressurreição (1Co 15.54-56), não se insinua que não morreremos. Paulo com certeza aguardava sua própria morte (2Co 5.1-10; Fp 1.19-26).

A Morte Física. Adão e Eva ficaram agora sujeitos à morte física. Deus colocara a Árvore da Vida no Jardim do Éden para que, ao comer continuamente dela, o ser humano nunca morresse (Gn 2.9). Mas, depois de Adão e Eva comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, Deus pronunciou estas palavras: "És pó e em pó te tornarás" (Gn 3.19). Eles não morreram fisicamente no dia em que comeram, mas ficaram sujeitos à lei da morte como resultado da maldição divina. Mas o que é a morte? Como devemos defini-la? Várias passagens nas Escrituras falam da morte física, ou seja, do cessar da vida em nosso corpo físico. Em Mt 10.28, p.ex., Jesus contrasta a morte do corpo com a morte de ambos, o corpo e a alma: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo". Várias outras passagens falam da perda da psique (vida). Um exemplo é João 13.37,38: "Disse-lhe Pedro: Por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a minha vida. Respondeu-lhe Jesus: Tu darás a tua vida por mim? Na verdade, na verdade te digo que não cantará o galo, enquanto me não tiveres negado três

vezes". Finalmente, a morte é mencionada em Eclesiastes 12.7 como uma separação do corpo e da alma (ou espírito): "E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu". A morte física é a separação entre a alma e o corpo e constitui a transição do mundo visível para o invisível. Para o crente, ela marca sua entrada no paraíso e na presença de Cristo (2Co 5.1, 8; Fp 1.23), para o incrédulo, a morte é sua entrada no Hades (Lc 16.22,23; Mt 10.28; Ap 20.13). Para o crente a morte física é o efeito supremo do pecado, e o último a ser cancelado pela obra redentora de Cristo (Rm 5.12-15; 1Co 15.26).

A Morte Espiritual. Adão e Eva morreram espiritualmente quando desobedeceram a Deus, por isso destruíram o relacionamento íntimo que tinham antes com Deus. Já não anelavam caminhar e conversar com Deus no jardim; pelo contrário, esconderam-se da sua presença (Gn 3.8). A Bíblia também ensina que à parte de Cristo, todos estão alienados de Deus e da vida n'Ele (Ef 4.17,18), estão espiritualmente mortos. A morte física é biológica; a morte espiritual é a alienação entre a pessoa e Deus, tanto neste mundo quanto no vindouro. Separados de Deus mediante o pecado e a incredulidade, Paulo disse: "Ele vos deu a vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" (Ef 2.1). Como pecadores, eles se encontravam antes em estado de "morte" espiritual; ao se entregarem a Cristo, foram vivificados. Quando o indivíduo entra em comunhão com Deus através da fé em Cristo, ele passa da "morte para a vida" (1Jo 3.14).

A Morte Eterna. Também chamada de a "segunda morte", porém é também vinculada ao juízo final, que ameaça a eterna separação entre o homem e a vida de Deus, acompanhada pelo devido castigo em face do pecado. É a morte como resultado do pecado, importa em morte eterna. A vida eterna viria pela obediência de Adão e Eva (Gn 3.22); ao invés disso, a lei da morte eterna entrou em operação. A morte eterna é a eterna condenação e separação de Deus como resultado da desobediência do homem para com Deus. Tiago

refere-se a esta morte, explicando como pode ser evitada: "Sabei que aquele que converte o pecador no seu caminho errado, salvará da morte a alma dele..." (Tg 5.20). No juízo final, diante do grande trono branco, todos os mortos perversos serão lançados no lago do fogo que é "segunda morte" (Ap 20.13-15). A morte eterna é descrita nas Escrituras como: o fogo eterno (Jd 7; Mt 18.8); o castigo eterno (Mt 25.46); o juízo eterno (Hb 6.2); a eterna destruição (2Ts 1.9); e condenação eterna (Mc 3.29).

A Anulação da Morte. A única maneira do ser humano escapar da morte em todos os seus aspectos é através de Jesus Cristo, que "aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorreção". Pela sua ressurreição Ele venceu e aboliu o poder de Satanás, do pecado e da morte física (Rm 5.18,19; Rm 6.10; 1Co 15.12-28; 1Jo 3.8). É nesse sentido que Jesus diz ser possuidor da chave da morte. Mediante a palavra criativa de Deus, os que aceitam Jesus Cristo pela fé, são feitos novas criaturas, pertencendo totalmente a Deus e constituindo o seu povo, onde impera o Espírito Santo (Rm 8.14; Gl 5.25; Ef 2.10). O crente é uma nova criatura (Gl 6.15; Ef 2.10; 4.24; Cl 3.10), renovada segundo a imagem de Deus (1Co 15.49; Ef 4.24; Cl 3.10), que compartilha da sua glória (2Coríntios 3.18), que experimenta a renovação do conhecimento (Cl 3.10) e do entendimento (Rm 12.2), e que vive em santidade (Efésios 4.24).

O Estado Intermediário dos Mortos. "Estado intermediário" refere-se à condição dos homens entre a morte e a ressurreição. A pergunta é: "Qual a condição do indivíduo durante esse período? Será que a morte física é o fim"? Temos esperanças, garantia de que, quando Cristo voltar, "os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro" (1Ts 4.16).

Antes da Ressurreição de Jesus. A palavra Sheol, no Antigo Testamento, equivale em sentido a "Hades" no Novo Testamento. Elas designam o lugar para onde, nos tempos do Antigo Testamento, iam todos após a morte, justos e injustos,

havendo, no entanto, nessa região dos mortos uma divisão para os justos e outra para os injustos, separados por um abismo intransponível. Todos estavam ali plenamente conscientes. O lugar dos justos era de felicidade, prazer e segurança. Era chamado "Seio de Abraão" e "Paraíso". Já o lugar dos ímpios era medonho, ignífero, cheio de dores e sofrimentos, estando todos ali plenamente conscientes. Jesus mesmo relatou o fato descrito em Lc 16.19-31. É oportuno dizer que essa passagem não é uma parábola. O título posto informando que é parábola, vem dos editores da Bíblia, mas não consta do original. Parábola é uma modalidade de narração em que não aparecem nomes de pessoas. Além disso, o verbo haver, como está empregado no versículo 19, denota por sua vez um fato real. Conforme Ef 4.8-10, o "Hades" situa-se nas maiores profundezas da Terra. Além do ensino de Efésios, as referências são ao Sheol, e mostram um lugar situado nas profundezas da terra.

As palavras "Hades" e Sheol aparecem, às vezes, traduzidas por inferno, como em Dt 32.22; 2Sm 22.6; Jó 11.8, etc. Um estudante menos avisado pode partir daí para falsas interpretações. O inferno propriamente dito, o inferno eterno, como destino final dos ímpios é o chamado Lago de Fogo e Enxofre, mencionado em Apocalipse 20.10. 14. O "Hades" é apenas um inferno - prisão onde os ímpios permanecem entre a morte e a ressurreição deles. A ressurreição dos ímpios ocorrerá por ocasião do Juízo do Grande Trono Branco, após o reino milenar de Cristo (Ap 20.7, 11-15).

A Situação Depois da Ressurreição de Jesus. Jesus, antes de morrer por nós, prometeu aos seus que "as portas do Hades não prevalecerão contra ela (a Igreja)" (Mt 16.18). Isto mostra que os fiéis de Deus, a partir dos dias de Jesus, não mais desceriam ao "Hades", isto é, a divisão reservada ali para os justos. A mudança ocorreu entre a morte e a ressurreição do Senhor, pois ele disse ao ladrão arrependido: "Hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23.43). Paulo disse a respeito do assunto: "Quando Ele subiu às alturas, se não que também

havia descido até as regiões inferiores da Terra?" (Ef 4.8,9). Entende-se, pois, que Jesus, ao ressuscitar, elevou para o céu os crentes do Antigo Testamento que estavam no "Seio de Abraão". O apóstolo Paulo foi ao paraíso, que já estava no terceiro céu (2Co 12.1-14). Portanto, o paraíso está agora lá em cima, na imediata presença de Deus. Não embaixo como dantes.

A Presente Situação dos Ímpios Mortos. Para estes não houve qualquer alteração quanto ao seu estado, continuam descendo ao "Hades", o império da morte, onde ficarão retidos em sofrimento consciente até o juízo do Grande Trono Branco, após o Milênio, quando ressuscitarão para serem julgados e postos no eterno "Lago do Fogo" (Ap 20.13-15).

A Morte Física dos Crentes. Embora o crente em Cristo tenha certeza da vida ressurreta, não deixará de experimentar a morte física. O crente, porém, encara a morte de modo diferente do incrédulo. Seguem-se algumas das verdades na Bíblia a respeito da morte do crente:

(a) A morte, para os salvos, não é o fim da vida, mas um novo começo. Neste caso, ela não é um terror (1Co 15.55-57), mas um meio de transição para uma vida mais plena. Para o salvo, morrer é ser revestido da vida e glória celestiais (2Co 5.1-5);

(b) a Bíblia refere-se à morte do crente em termos consoladores. Por exemplo, ela afirma que a morte do santo "preciosa é a vista do Senhor" (Sl 116.15); ler ainda: Is 57.1,2; Sl 73.24; Lc 16.22; Jo 14.2;

(c) Quanto ao estado dos salvos, entre a morte e a ressurreição do corpo, as Escrituras ensinam o seguinte: no momento da morte, o crente é conduzido para a presença de Cristo Jesus. Paulo falou: "tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor..." (Fp 1.23); permanece em plena consciência

(Lc 16.19-31); o céu é como um lar; o viver no céu incluirá a adoração e o louvor a Deus (Sl 87; Ap 14.2,3); nos céus, o crente conservará a sua identidade individual (Mt 8.11; Lc 9.30-32).

"Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer" (v.19). Uma divisão rudimentar do Apocalipse de João é fornecida no vers. 19. As coisas que tens visto constituem a visão dada naquele instante; as que são se relacionam ao estado existente nas igrejas e às cartas já preparadas para serem entregues; a frase, as que depois destas hão de acontecer refere-se às subsequentes visões do livro. Isto não deve ser dado como prova de que tudo, sem exceção, nos caps. 4 a 22 refere-se ao tempo futuro, quando João escreveu e muito menos ao tempo do fim de todas as coisas.

As sete estrelas e os sete castiçais da visão (v.20), são agora interpretadas para João (1.20). Estes representam as igrejas, enquanto aquelas - os anjos -, são mais equívocas. Parece estranho interpretar as sete estrelas como sendo sete "anjos", no sentido comum do termo, nem que sejam anjos da guarda; pois seria supérfluo escrever-lhes por intermédio de João (vers. 2.1) e, de qualquer forma, o conteúdo das cartas se relaciona inteiramente com as próprias igrejas. Muitos expositores, portanto, mantêm que os anjos representam alguns dos oficiais das Igrejas, quer delegados, quer administradores. Segundo Scofield "a palavra anjo (gr. aggelos), frequentemente tem sido traduzido por 'mensageiro' que eram homens enviados pelas igrejas para informarem do estado do idoso apóstolo, agora exilado em Patmos".

Ainda que seja uma interpretação possível, é muito excepcional, na literatura apocalíptica, que os anjos simbolizem homens. Talvez seja preferível entendê-los como personificações da vida celeste, ou sobrenatural, das igrejas

vistas em Cristo, de sorte que os anjos exteriorizem o caráter que as igrejas deviam realizar, do mesmo modo como os castiçais representam a vida terrestre das igrejas vista pelos homens.

Capítulo 2

Mensagem de Cristo às Igrejas

2.1. As sete cartas às igrejas (2.1-3.2)

É da opinião de alguns que estas cartas foram escritas antes do corpo principal do livro e foram enviadas separadamente às diferentes igrejas; mais tarde foram ampliadas e compiladas a fim de todas as igrejas tirarem proveito. A teoria não é impossível, porém é duvidosa, pois as cartas estão intimamente relacionadas com o início e o fim do livro; e, se eliminarem as passagens em apreço, o que restar constituirá mensagens bem abrutas. Cada carta se endereça ao "anjo" da igreja e começa com uma descrição de Cristo, tirada da visão introdutória, tendo os pormenores que se mencionam especial relevância à igreja sob consideração. A designação de Cristo na carta aos Laodicenses constitui uma exceção, sendo uma reminiscência da saudação com que o Apocalipse começa. Semelhantemente, cada carta conclui com uma promessa no tocante a galardões a serem distribuídos no segundo advento; de modo geral, estas promessas têm uma especial aptidão para cada igreja individualmente - e é-lhes dada uma encarnação visionária nos capítulos finais do livro.

2.1.1. A carta à igreja em Éfeso (2.1-7)

"Éfeso" (v.1) era a maior cidade da Ásia e o centro da administração romana daquela província. Tomou o título de "Guardiã do Templo", originalmente em referência ao famoso templo de Ártemis, posteriormente, porém estende-se aos dois ou três templos devotados ao culto dos imperadores. Paulo fundou aqui a igreja que se tornou o centro para a evangelização do resto da província e aqui residia o apóstolo João. A igreja em Éfeso, consequentemente, deve ter-se tornado a principal do leste, com a possível exceção de

Antioquia. Kiddle sugere que esta carta foi colocada em primeiro lugar, não tanto pela importância da igreja, como pela advertência que lhe foi entregue. (Por semelhante razão, a carta aos Laodicenses foi colocada por último).

A designação de Cristo em vers. 1, tanto é um encorajamento como é uma advertência. As sete estrelas estão na sua mão (isto é, Ele mantém a vida espiritual delas), e a sua presença é co-extensiva a todas as igrejas. Mas o poder que sustêm é também competente para a remoção judicial; assim o título prepara o ouvinte para o vers. 5.

"Eu sei as tuas obras" (v.2) declara uma verdade de semelhante importância dupla. A frase encabeça cada uma das sete cartas, ora proporcionando conforto (2.9; 2.13, etc.), ora envergonhando (3.1-15). Aqui ela precede uma recomendação. As obras dos efésios são trabalho e paciência (v.2); aquela se manifesta nos esforços para vencer os falsos mestres (v.2), esta na resignação paciente frente à oposição, quer dos falsos apóstolos, quer de outras fontes (v.3). Os maus são aqueles que se chamam profetas e não o são. Comparar predições de Paulo em At 20.29-30; 1Tm 4.1-3. É possível que os principais ofensores sejam os nicolaítas mencionados no vers. 6.

A falta dos efésios é talvez a perversão de sua principal virtude; sua oposição aos falsos irmãos os conduzia a repreensão e dissensão dentro da igreja, levando-as assim a deixar o seu primeiro amor. Isto interpretaria o "amor" a que se faz referência como sendo o amor fraternal. Pode, contudo, se referir ao amor a Deus; compare Tg 2.2-5, visto que uma manifestação deste amor é impossível sem a outra, podemos talvez incluir ambas em nosso texto (cfr. Mc 12.30-31 com 1Jo 4.20).

“Brevemente a ti virei" (v.5) significa que o Senhor "virá" numa visitação de juízo. Ver também 2.16. Um exemplo da sua "vinda" em bênção se acha em 3.20. Tais afirmações de

maneira nenhuma entram em choque com a verdade de sua vinda final, fato este que os teólogos não têm sempre reconhecido quando falam da "vinda" de Cristo ao crente e dos seus "adventos" na história, como se o reconhecimento desses aparecimentos secundários de algum modo - invalidassem a verdade do aparecimento supremo.

Os nicolaítas (v.6) eram julgados logo cedo como adeptos de Nicolau de Antioquia, um dos sete (At 6.5). Deduzimos de 2.14-15 que eles mantinham o mesmo erro que os balaamitas, a saber: ensinar a comer coisas sacrificadas aos ídolos e a adulterar. Foram estas as principais matérias condenadas por decreto do concílio apostólico (At 15.29). É notável que os nomes de Balaão e Nicolau são cognatos (Balaão - "Ele tem consumido o povo"; Nicolau - "Ele vence o povo"). Se este ensino foi tão energicamente repelido pelos efésios (vers. 2), concluímos que se espalhava muito.

A injunção: "Quem tem ouvidos..." (v.7) repete-se em conexão com as promessas ao vencedor em todas as sete cartas. Está frequentemente nos lábios do nosso Senhor através dos quatro Evangelhos (Mt 13.9-43, etc.).

O Espírito (v.7), é o Espírito Santo, se bem que o orador seja Cristo. Para semelhante fenômeno comparar Rm 8.9-11 e 2Co 3.17. "Vencedor" retrata o cristão como fiel batalhador de Cristo, "membro da igreja militante, vitorioso, não obstante as circunstâncias" (Swete). Parece haver pouca justificativa em limitar o termo, como quereriam alguns, somente aos mártires, ainda que seja verdade que o vencedor só pode demonstrar sua vitória absoluta sendo fiel até a morte.

“Comer da árvore da vida" (v.7) é participar da plenitude da vida eterna; a árvore se encontra "no meio do paraíso de Deus", a Jerusalém celestial, que deverá manifestar-se na terra para o homem redimido (ver 21.10-22.2). As bênçãos da primeira criação, perdidas pelo homem, serão restauradas em escala ainda maior na "regeneração" (Mt 19.28).

2.1.2. A carta à igreja em Esmirna (2.8-11)

"Esmirna" (v.8). Esta cidade era uma das mais prósperas na Ásia Menor e tomou o nome de "Metrópole". Ali os judeus constituam uma colônia excepcionalmente numerosa e próspera; seu antagonismo à igreja cristã, aparece, não somente nesta carta, mas também na de Inácio aos esmirnenses.

"... O Primeiro e o Último" (v.8). O título dado a Cristo reaparece em 1.17. Esta igreja, prestes a ser severamente provada, necessitava relembrar que o seu Salvador era o Senhor da história e conquistador da morte (cfr. vers. 10).

"A blasfêmia dos que se dizem judeus" (v.9) seria dirigida principalmente contra Jesus, mas eram capazes de blasfemar mesmo contra o Deus que eles confessavam. Os cristãos de Esmirna mais tarde relataram como os judeus se aliaram aos pagãos em reivindicarem a morte de Policarpo, Bispo de Esmirna, na base de sua oposição à religião estatal. Desse modo, em vez de constituírem uma assembléia de Deus, eles haviam-se tornado a sinagoga de Satanás (ver também 3.9). Uma vez que se nega que os judeus tivessem o direito de manter o seu nome nacional, torna-se evidente que os cristãos se consideram os legítimos herdeiros de Abraão, como em Rm 2.28.

"Não temas" (v.10). As coisas que esses crentes brevemente têm de sofrer podem ter relação com a oposição dos judeus. Tal aflição terá a duração de dez dias (10), isto é; um período abreviado. Às vezes acredita-se ser idêntico à "grande tribulação" de 7.14, mas parece mais provável ser alusão a uma perseguição local. O diabo ("caluniador") será então o agente utilizado para provar os cristãos; tal provação por meio de perseguição se distingue da que se menciona em 3.10, onde lemos da hora da tentação que deverá vir sobre o mundo inteiro, pois desta última os cristãos serão preservados (cfr. 7.2-12.6). A coroa da vida (v.10) alude-se à grinalda

conferida ao vencedor nos jogos, "a coroa que consiste de vida". Swete lembra que a coroa não é diadema, mas o emblema de festividade, nesse caso a grinalda é um apto símbolo de vida, pois esta última tem que ser compreendida à luz das descrições finais do livro, uma vida de sagrado privilégio, gozo e de galardões distinguidos (1Co 9.25-27).

"A segunda morte" (v.11). Em 21.8 define-se como "o lago que arde com fogo e enxofre". É uma frase rabínica; comparar o muito citado Targum de Jerusalém sobre Dt 33.6, "Que viva Rúben nesta época e não morra a segunda morte de que morrem os injustos no mundo vindouro".

2.1.3. A carta à igreja em Pérgamo (2.12-17)

"Pérgamo" (v.12), era descrita por Aretas como "dada à idolatria mais do que toda a Ásia". Atrás da cidade situava-se uma colina, mais de 300 metros de altitude, coberta de templos pagãos. Entre eles o mais destacado de todos era o grande altar de Zeus, colocado sobre uma plataforma, esculpido na rocha, dominando a cidade. O culto ao imperador foi estabelecido ali primeiro que em Éfeso ou Esmirna, de sorte que posteriormente, Pérgamo se tornou o reconhecido centro do culto na Ásia. Daí dizia-se desta igreja, que habitava onde está o trono de Satanás (v.13). Este fator explicava a causa das dificuldades peculiares dos cristãos de Pérgamo.

"... não negaste a minha fé" (v.13), abrevia "fé em mim". A informação dada sobre o ensino de Balaão é tirada dos dois trechos, Nm 25.1-2 e Nm 31.16. O cristão que correspondia a Balaão provavelmente desprezava a carne, e deste modo descontava a importância da pureza física, justificando suas ações talvez, pela perversão do ensino de Paulo (repudiado por este em Rm 3.8 e Rm 6.1). "Permaneçamos no pecado, para que abunde a graça".

O sentido de vers. 15 é ou, "Vós também tendes entre vós os nicolaítas, que vos ensinam assim como Balaão

ensinava a Israel", ou "Vós também, como os efésios, tendes convosco os nicolaítas", sendo implícita a comparação com Balaão. Parece preferível aquele sentido. O vers. 16 apresenta a "vinda preliminar" de Cristo para o juízo se os pergamenses não se arrependerem. Ver 2.5 n.

"... Ao que vencer" (v.17). A promessa ao vencedor alude à corrente expectação judaica de que desceria novamente do céu o maná quando se manifestasse o Messias. Ver 2 Baruque 29.8. Aqui o maná tipifica a vida espiritual, assim como "água da vida" e "fruto da árvore da vida" (22.17-19). A promessa é especialmente apta para os que eram tentados a participar de festividades em que se comiam alimentos sacrificados aos ídolos. Abstendo-se dessas iguarias, os cristãos podiam antecipar um banquete mais farto no reino de Deus.

“A pedra branca" (v.17) é de difícil interpretação devido aos diversos fins para os quais seixos foram empregados pelo mundo da Antiguidade, cada um dos quais dava um excelente sentido simbólico. Assim uma pedra branca entregue por um júri significava ao réu sua absolvição, uma preta, culpabilidade. O seixo do vencedor outorgava-lhe ingresso a todas as festividades públicas. O Sumo Sacerdote levava doze pedras no seu peitoril inscritas com os nomes das doze tribos de Israel. Isto de modo nenhum exaure todas as possíveis interpretações. A nossa interpretação será em parte condicionada na nossa compreensão do novo nome escrito na pedra. Se o nome é de Cristo ou de Deus (cfr. 3.12 e 19.12), então pode haver uma alusão ao conceito do poder inerente ao nome de Deus; o cristão participa do poder de Deus e apropria para si de um modo que nenhum outro o pode fazer. Se o nome é um novo nome conferido ao crente, então a alusão é ao hábito de conferir novos nomes às pessoas que atingiram um novo estado, como Abrão e Jacó se tornaram Abraão e Israel; a pedra branca então significa o direito do vencedor de entrar no reino de Deus em um caráter todo próprio, moldado nele pela graça de Deus.

2.1.4. A carta à igreja em Tiatira (2.18-29)

"Tiatira" (v.18), era a menor das sete cidades. Não tinha nenhum templo devotado ao culto dos imperadores, de sorte que os cristãos não eram tão perturbados por aquele culto como as igrejas precedentes. O problema desta igreja centralizava-se nas situações comprometedoras criadas pelos interesses comerciais. Tiatira era uma cidade industrial, célebre pelos seus muitos grêmios comerciais. Era tão necessário unir-se a essas sociedades como é para o artesão hodierno, ser membro do seu determinado sindicato comercial; de outra forma, envolvia um ostracismo que tornaria quase impossível seu negócio. A dificuldade no caminho do cristão que se unia a tais grêmios era a necessidade de participar das periódicas refeições comuns quando se comia carne que fora dedicada à deidade pagã (talvez o padroeiro do seu grêmio). Pode-se entender que certos cristãos liberais não hesitariam em participar de tais festividades, alegando que "um ídolo não é nada" (1Co 8.4). Logo, a desculpa podia achar-se pela licenciosidade em que muitas vezes estas refeições culminavam; e o próximo passo seria participar da devassidão geral. Isto era geralmente aconselhado pelos nicolaítas, e pode-se entender como isto encontrava fácil aceitação em Tiatira, onde a frase "negócio é negócio" seria bem aceita.

"Filho de Deus" (v.18) O título provém de 1.14-15, Filho de Deus sendo talvez sugerido por Sl 2.7, uma vez que este salmo posteriormente é muito citado. Note-se que os olhos como chama de fogo antecipam o vers. 23, e os pés reluzentes, o vers. 27.

“As tuas obras" (v.19). Charles alega que "as tuas obras" são definidas pelas qualidades que se seguem, "o teu amor, o teu serviço, a tua fé e a tua paciência" se esta interpretação é correta, é importante no esclarecimento do que o escritor quer significar com a expressão "julgado segundo as obras" (20.12-14). A profetiza que propaga o ensino dos nicolaítas é simbolicamente chamada Jezabel, pois a rainha

daquele nome tentou estabelecer um culto idólatra em lugar do culto a Jeová e ela mesma foi acusada de prostituição e feitiçaria (2Rs 9.22). Note-se a inserção curiosa em alguns manuscritos de "tua mulher Jezabel" que implica ser o "anjo" da igreja, o seu administrador.

"Jezabel" (v.21). No vers. 21 deduzimos que "Jezabel" anteriormente tinha sido advertida, sem resultado, ou por João ou por algum outro líder cristão. A "cama" em que Jezabel seria prostrada corresponde à grande tribulação (v.22), de sorte que é uma cama de sofrimento que está em mente aqui. O idiotismo é hebraico e ocorre em 1Macabeus 1.5 e Judite 8.3. É possível que aqueles que com ela adulteram (v.22) devem ser distintos dos seus filhos (v.23), no sentido que aqueles foram suficientemente influenciados por Jezabel, a ponto de comprometerem a sua lealdade cristã, enquanto estes abraçaram inteiramente a sua doutrina; aqueles deveriam ser castigados, estes exterminados. Por tais juízos as igrejas reconhecerão que Cristo sonda os rins e os corações (v.23). No uso hebraico, os rins são a sede das emoções, enquanto o coração é a sede do intelecto.

"As profundezas de Satanás" (v.24) podem ser uma alusão satírica à pretensão gnóstica de conhecer exclusivamente as profundezas de Deus. Tal sabedoria não é divina, mas satanicamente inspirada. De outra forma, reflete o ensino nicolaíta que o cristão deve participar afoitamente dos excessos do paganismo e demonstrar que é imunizado de sua poluição. Os cristãos que assim procederam gabaram-se do seu conhecimento das profundezas de Satanás e, assim, desdenharam os seus irmãos mais escrupulosos. Para outra carga comparar At 15.28-29; os dois preceitos principais do concílio apostólico foram abstenção de coisas sacrificadas aos ídolos e ao adultério.

“Ao que vencer" (v.26). O vencedor aqui se define como o "que guardar até ao fim as minhas obras". Ele deverá receber uma delegação da autoridade de Cristo sobre as nações e

participar do seu triunfo sobre os povos rebeldes (v.27); esta função faz parte daquela autoridade e antecipa a vinda de Cristo para o juízo (19.11) e não o reino milenário, propriamente dito (20.4-6). O verbo traduzido "regerá" no vers. 27 deve ser "destruirá". A estrela da manhã (28) parece ser o próprio Cristo (como em 22.16); maior do que o privilégio de reinar por Cristo será o irrestrito gozo de plena comunhão com Ele.

Capítulo 3

Mensagem de Cristo às Igrejas 2

3.1. A carta à igreja de Sardes (3.1-6)

“Sardes" (v.1) era uma cidade de glória lustrada. Outrora tinha sido a capital do antigo reino da Lídia, mas entrou em ocaso, depois da conquista persa, até que Tibério a reconstruiu depois de um terremoto. A cidade era célebre por duas coisas: a sua indústria de tintura e lã, e a libertinagem. A igreja em Sardes parece refletir a história da cidade. Houve tempos quando tinha um nome para progresso espiritual, mas agora era sem vida; a libertinagem caracterizava tanto os cristãos como os pagãos, de sorte que ali havia poucas pessoas que não tinham contaminado os seus vestidos (v.4), isto é, manchado a sua profissão cristã. Consequentemente, ela foi censurada com uma severidade igualada somente na carta aos laodicenses. O título reflete 1.4 e 1.16. Cristo se apresenta como o possuidor dos sete espíritos, possivelmente para representar o Seu perfeito conhecimento dos feitos da igreja (veja vers. 6), se bem que isto possa sugerir os dons espirituais que ele deseja conferir-lhe em contraste ao estado desanimado da igreja. Para as sete estrelas (v.1) ver 1.4; 1.20. Note-se que embora alguns cristãos permaneçam fiéis ao seu Senhor (v.4), a igreja como tal é caracterizada como morta; por estarem nesta condição todos são tidos como responsáveis. Com a primeira parte do vers. 2, comparar Mt 24.42; com a segunda parte, comparar Dn 5.27. Os tempos dos verbos no vers. 3 são descomunalmente variados: "Lembra-te (presente), pois, do que tens recebido (perfeito) e ouvido (aoristo); e guarda-o (presente), e arrepende-te (aoristo).

"E, se não vigiares" (v.3) relembra Mt 24.43-44 e se refere ao Advento final. Alguns estudiosos consideram que Ap 16.15 tem sido deslocado e deve ser inserido logo antes desta afirmação. É fato que a situação de 16.15 no contexto atual é

curiosa e fica melhor aqui, mas a deslocação do texto não passa de ser pura conjetura.

"O seu nome do livro da vida" (v.5). Segundo certo uso da época o nome era sinônimo de "pessoa". É de supor que os cristãos contaminavam os seus vestidos acomodando-se aos costumes pagãos dos seus próximos. Aquele que mantinha o seu caráter e testemunho imaculados haveria de acompanhar a Cristo num vestuário de glória. Andarão comigo (v.5); Swete compara o convívio dos doze com Ele, nos dias do seu ministério terrestre. O vencedor recebe a dupla promessa deste privilégio. A literatura apocalíptica, contemporânea considerava o corpo da ressurreição como um vestuário de glória. A idéia é usada por Paulo (ver 2Co 5.4), e se revela neste livro também (ver 4.4). Porém 7.13-14 e 19.8 parecem salientar a pureza moral no uso deste símbolo, enquanto que, segundo Swete, o uso de branco às vezes denota festividade (Ec 9.8). Parece que várias idéias se associam com este quadro; é bom aceitar e ao mesmo tempo reconhecer que o elemento ético predomina.

O riscar do "livro da vida" (v.5) recorda Êx 32.32, onde o livro mencionado é um registro dos cidadãos do reino teocrático, aqui se trata do registro de reino eterno, como em Dn 12.1 e muitas passagens neotestamentárias (ver, por exemplo, Lc 10.20; Fp 4.3; Hb 12.23). Ver Ap 20.12,15, onde isto se explica. Para a confissão do vencedor, comparar Mt 10.32.

3.2. A carta à igreja em Filadélfia (3.7-13)

"Filadélfia" (v.7). Devido a frequentes terremotos, a população de Filadélfia era pequena. A igreja parece ter sido numericamente fraca (ver vers. 8, "tendo pouca força"). Não há nenhuma alusão à perseguição das autoridades pagãs nem a heresias dentro da igreja; como em Esmirna, os judeus criavam um problema (v.9). Em contraste notável à carta que precede e à que se lhe segue, não há repreensão nem

advertência do Senhor para esta igreja, mas apenas encômio e exortação.

Os predicados "santo e verdadeiro" (v.7), aplicados aqui a Cristo, são usados em 6.10 em referência a Deus, assim dando uma das muitas indicações neste livro de que os atributos de Deus são compartilhados por Cristo. Jesus é verdadeiro no sentido de "fiel a sua palavra". Isto se diz em conexão com a sua posse da chave de Davi (7), uma frase que recorda 1.18, mas que, na realidade, cita Is 22.22; reivindica para Cristo o direito de ingressar ou fechar ao homem a cidade de Davi, a nova Jerusalém, o reino messiânico. A relevância deste poder se manifesta no trecho entre parênteses, vers. 8-9.

"... Sinagoga de Satanás" (v.9). Os judeus de Filadélfia não eram mais dignos do nome do que os seus compatriotas em Esmirna e, como estes, são designados a sinagoga de Satanás. Este versículo declara que um dia, presumivelmente ao estabelecer-se o reino messiânico, eles serão obrigados a reconhecer que estes cristãos desprezados são na realidade os companheiros do Filho do Homem, os herdeiros do reino de Deus. É claro que os judeus ainda negavam esta última reivindicação. "Vós cristãos", diziam eles, "sois excluídos do reino; é para nós, os judeus". "Assim não", declara o Senhor; "Eu sou fiel à minha promessa. Só eu tenho a chave do reino. Tenho posto diante do meu povo, uma porta aberta que ninguém pode fechar. Eles entrarão no reino, e a homenagem que vós, judeus, esperais receber dos gentios (Is 60.14), vós tereis que prestar a eles". Esta interpretação coaduna afirmações aparentemente sem nexo e concorda com a promessa do vers. 12. A fidelidade desta fraca comunidade cristã (v.8) receberá a sua devida compensação. A hora da tentação ("provação"), de que o Senhor guardará estes cristãos, não se refere ao prazo em que os juízos de Deus cairão sobre a terra, mas às próprias tribulações. Cfr. Mc 14.35, onde a "hora" representa os horrores da cruz e as circunstâncias concomitantes.

A tribulação mencionada aqui se aplica "àqueles que habitam na terra" (v.10), a frase técnica neste livro para os descrentes do mundo (cfr. 11.10). Para uma representação pictórica desta promessa ver 7.1-4.

O vencedor será na nova era "uma coluna no templo" (v.12); 21.22 torna claro que não haverá outro templo na Jerusalém celeste senão Deus e o cordeiro. Esta promessa assegura nossa indissolúvel união com Deus para todo sempre.

"Escreverei sobre ele o nome do meu Deus" (v.12). Caso esta frase se usar com a mesma metáfora a inscrição seria na coluna e não na testa do vencedor.

1 Macabeus 19.26-48, relata como os feitos de Simão Macabeus foram inscritos sobre tábuas de bronze; estas foram fixadas "sobre colunas no monte de Sião", "dentro do recinto do santuário, num lugar conspícuo". Destarte foram conservados permanentemente os anais das façanhas de Simão. O motivo de orgulho do vencedor, contudo, não deverá ser nos seus feitos, mas antes no fato de que ele leva o nome do seu Deus, e da cidade de Deus, e o novo nome de Cristo; isto é; ele pertence a Deus e a Cristo revelado em glória (19.12); é cidadão da nova Jerusalém, o eterno reino de Deus (21.2).

3.3. A carta à igreja em Laodicéia (3.14-22)

“Laodicéia" (v.14) era situada à margem dum rio e ficava no entroncamento de três estradas que atravessavam a Ásia Menor. De modo natural, ela se tornou um grande centro comercial e administrativo. Três fatos que se conhecem acerca da cidade, lançam luz sobre esta carta: era um centro bancário de fabulosas reservas financeiras; as indústrias principais eram de tecidos e tapetes de lã; possuía também uma faculdade de medicina. A igreja não era acusada de imoralidade, nem de idolatria, nem tão pouco de franca

apostasia (perseguição era desconhecida em Laodicéia). A terrível condenação que se pronunciava sobre ela era devido ao orgulho e auto-satisfação do elemento pagão dentro da igreja de sorte que sua comunhão com Cristo se enfraqueceu tragicamente. A severa descrição da sua condição espiritual (v.17) e a admoestação ao arrependimento (v.18), são apresentados em termos das três ocupações da cidade.

"Amém" (v.14). Na qualidade de o Amém Jesus é a encarnação da verdade e fidelidade de Deus (ver Is 65.16); o uso cristão do Amém acrescenta a idéia de que Ele é também cumpridor fiel dos propósitos declarados de Deus. Nesta designação achamos um contraste singular com a infidelidade dos laodicenses. Semelhantemente o título o princípio da criação de Deus (v.14) exalta a Cristo como Criador acima das pequeninas criaturas orgulhosas que se gabam da sua auto-suficiência. No vers. 16, se encontra uma censura sem igual no Novo Testamento, como expressão do aborrecimento de Cristo. A referência prende-se ao último juízo (cfr. Lc 13.25-28).

Os vers. 17 e 18 formulam uma só afirmação: "Pois dizes: ... Aconselho-te que compres..." A pretensão dos laodicenses não é apenas que eles de nada carecem, mas que a sua riqueza, tanto moral como material se deve completamente aos seus próprios esforços. Revela-se a sua verdadeira condição de pobreza, apesar de possuir dinheiro; de nudez, a despeito da sua abundância de vestidos; de cegueira, embora haja nela muitos médicos. Esta igreja, portanto é a única de todas as sete, a ser chamada de miserável. O seu recurso é "comprar" (cfr. Is 55.1) de Cristo o ouro fino de um espírito regenerado, de pureza de coração, que possa levá-la à glória da ressurreição (Ap 7.13-14) e da graça pela qual possa apropriar as realidades espirituais (cfr. 1Co 3 e 2Co 4). A condição repugnante dos laodicenses não extinguiu o amor de Cristo para com eles; a escorchante censura não é senão a expressão do seu profundo afeto que os possa levar ao arrependimento. O gracioso convite que se segue dirige-se, não à igreja coletivamente (que exigiria "se

ouvirdes" a minha voz, mas a cada membro individualmente). Cristo deseja participar com eles mesmo nas atividades mais comuns da vida. Coincidente com o alto privilégio que se oferece a estes cristãos quase apóstatas é a promessa que transcende às que foram aplicadas às outras igrejas. Assim como o crente pede a Cristo que compartilhe consigo tudo quanto tem vida transitória, de igual modo, o Senhor o convida, se ele permanecer até o fim, a compartilhar o trono dos séculos vindouros dado pelo Pai. O cumprimento da promessa do reino milenar é descrito em Ap 20.4-6, e do reino eterno da nova Jerusalém em 22.5.

Capítulo 4

O Trono da Majestade

4.1. Nossa posição hermenêutica

Antes de adentrarmos ao comentário do Apocalipse propriamente dito, a fim de que o leitor saiba qual posição hermenêutica adotamos neste livro, informamos que nos utilizamos da interpretação Pré-milenista, Pré-tribulacionista e Dispensacionalista.

Os pré-milenistas crêem que Jesus voltará antes dos mil anos (milênio Ap 20.2-6) em que Cristo reinará sobre o mundo que sobreviverá à destruição e julgamento que serão visitados sobre a Terra na grande tribulação.

O ponto de partida para o exame do pré-tribulacionismo é seu modo de ver a natureza da Grande Tribulação. Os pré-tribulacionistas crêem que haverá uma Tribulação completamente sem igual na totalidade da História. Haverá uma Grande Tribulação como sendo tão intensa que não será facilmente confundida com as tribulações em geral. Sem dúvida, numerosas passagens bíblicas falam da tribulação e da guerra que é característica da experiência dos santos em todas as eras dos tratos redentores de Deus para com seus filhos. Em contraste agudo com isto, no entanto, há o ensino bíblico que um período futuro de tribulação sem precedentes eclipsará todos os tempos anteriores de aflição que envolve ao mesmo tempo três classes de pessoas: (a) A nação de Israel; (b) o mundo gentio pagão e; (c) os santos ou eleitos que viverão naquele tempo de tribulação.

Um segundo aspecto do pré-tribulacionismo, de extrema importância, é a idéia de que Jesus virá buscar Sua Igreja antes da Grande Tribulação para "arrebatá-la" fora do

Mundo. A palavra arrebatamento deriva de rapere, a tradução latina de "arrebatar" em 1Ts 4.17. A palavra grega geralmente relacionada com o arrebatamento é parousia [gr.παρουσία] (que é transliterada parusia). Esta vinda de Cristo para a Igreja significará que os crentes serão arrebatados da Terra para se encontrar com Ele no ar. Cristo não descerá totalmente para a Terra, conforme fará na segunda vinda quando descerá ao Monte das Oliveiras. Logo, Sua vinda não será observada pelo mundo descrente, embora seus efeitos (a ausência de um número substancial de pessoas) serão facilmente discerníveis.

O efeito do arrebatamento é remover a Igreja da cena da História do Mundo durante a tribulação, que durará sete anos. O dispensacionalismo, com sua distinção nítida entre Israel e a Igreja, considera que a tribulação fará a transição entre o trato (temporário) da Igreja da parte de Deus, e o recomeço do Seu trato primário com o Israel nacional. A "bendita esperança" do crente, portanto, é a libertação da Grande Tribulação.

No fim deste período de sete anos, durante o qual a Igreja, tendo recebido seu galardão, estará com Cristo no céu enquanto os não-cristãos estarão passando por grandes tribulações na Terra, Jesus voltará com a Igreja em triunfo. Este grande evento será visível a todos. Será acompanhado por uma segunda ressurreição: uma ressurreição dos crentes que morreram durante a tribulação. Estes passam a compartilhar do reino milenar com Cristo e os demais crentes.

A segunda vinda, portanto, tem duas etapas ou fases. Na primeira fase, Cristo vem para a Igreja, para removê-la do Mundo. Na segunda fase, chega com a Igreja, para começar o reino terrestre, estabelecer Seu governo, e iniciar o milênio.

Uma doutrina crucial do pré-tribulacionismo é a doutrina da iminência, segundo a qual a volta de Cristo (o

arrebatamento ou parusia - παρουσία) pode ocorrer a qualquer tempo. Nenhum evento adicional precisa ocorrer, nenhuma profecia adicional precisa ser cumprida, antes do arrebatamento. Isto, naturalmente, está estreitamente vinculado ao conceito do pré-tribulacionismo.

E por fim, temos a posição dispensacionalista. De acordo com o dispensacionalismo, há sete épocas da História da Salvação desde a criação do homem. A chave imprescindível para a compreensão do futuro se encontra em Daniel 9.24-27. As setenta semanas se referem a 490 anos e não a dias. As primeiras 69 semanas de anos terminaram com a crucificação de Jesus, encerrando a época na qual Deus se interessou principalmente com Israel. Com a rejeição do Messias que Deus ofereceu a Israel no ministério e na pessoa de Jesus, Deus fez o relógio escatológico parar. Em consequência Ele estabeleceu a Igreja, a realidade não prevista pelos profetas do Antigo Testamento. Portanto, a Igreja é o "mistério" revelado a Paulo e aos escritores do Novo Testamento (Ef 3, Cl 1, Rm 16.25-27). Terminado este período de graça no qual os gentios das nações são convidados a formar a "noiva" de Cristo, ocorrerá o arrebatamento (1Ts 4.13-18). Este maravilhoso evento se realizará sem aviso prévio. O relógio profético então será reativado com a atenção de Deus voltada para Israel. A 70ª semana de Daniel 9, marcará os sete anos da grande tribulação. Brevemente, os dispensacionalistas prevêem, haverá o desenvolvimento do seguinte quadro:

(a) Israel, a nação judaica, estará no centro do plano divino de Deus para a humanidade. Restaurada para a terra (Palestina), Israel reconstruirá o templo e restabelecerá os sacrifícios levíticos exigidos pela lei Mosaica;

(b) Poder político internacional será exercido pelo governador satânico (chamado o Anticristo), a Besta ou o Homem de Iniquidade (1Jo 4.3; Ap 13; 2Ts 2.3);

(c) O cristianismo apóstata unindo o Catolicismo, a Igreja Ortodoxa, e o Modernismo protestante, chamado a Meretriz, se aliará com o anticristo (Ap 17) e prosperará através da união adúltera durante um tempo;

(d) A ira de Deus será derramada sobre a Terra numa série de julgamentos cataclísmicos;

(e) Quando a Besta (Anticristo) romper com a nação israelita, provocará uma crise internacional que atingirá seu auge na guerra de Armagedom. Tudo culminará no fim dos sete anos da tribulação com a vinda de Jesus Cristo com seus santos (a parousia);

(f) Após a parousia, o reino do Anticristo será destruído e Cristo passará a reinar sobre a Terra. Assim se cumprirão literalmente as profecias do Antigo Testamento que prevêem um reino messiânico na Terra. Passados os mil anos, previstos em Ap 20, Satanás será solto da sua prisão, encabeçará uma revolta breve pelos moradores não regenerados do mundo, mas ela será esmagada. Sucederá então o último julgamento do trono Branco (Ap 20.11-15). Os mortos não convertidos serão ressuscitados para serem julgados segundo suas obras. Os santos, judeus e gentios, gozarão a vida perfeita na nova terra eternamente.

4.2. A Visão do Trono da Majestade

As visões registradas nestes capítulos preparam para a abertura dos sete selos declarando o poder de Deus como Criador e o amor de Deus como redentor.

"Uma porta aberta no céu" (v.1), é a porta da revelação profética. A primeira voz era a do Senhor Jesus Cristo (1.10). O Senhor intimou João para subir a fim de que ele pudesse receber uma perspectiva celestial das coisas que depois destas devem acontecer na terra. João não registrou os acontecimentos em ordem cronológica.

As recorrências de depois destas coisas (por exemplo, v. 1; 7.1,9) e frases como "E vi..." (10.1). "E foi-me..." (11.1), e "viu-se um grande sinal..." (12.1) referem-se apenas à sequência que João recebia as visões. É o mesmo que se encontra entre todos os profetas bíblicos, que escrevem quando têm uma visão (por exemplo, Is 6.1; Jr 25.1; Ez 20.1). A ordem em que eles relatam a visão profética não pretende necessariamente sugerir uma ordem sequencial com os acontecimentos ou cumprimento.

Esta divisão de capítulos é crítica para a interpretação da parte restante de Apocalipse. João escutando uma trombeta e sendo ordenado a subir ao trono são vistos como símbolos do arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação.

Muitos expositores bíblicos crêem que, à essa altura do livro, Cristo já retirou do mundo os fiéis e vencedores. Sendo assim, o arrebatamento da igreja fiel precede o período da tribulação (6-18). Crê-se assim pelas seguintes razões: (1) A partir de 4.1, não ocorre mais a palavra "igreja" ou "igrejas", até 22.16. (2) A noiva de Cristo (isto é, a igreja) só aparece no capítulo 19, já com Cristo no céu, antes de Ele voltar à terra para julgar os ímpios e reinar no milênio (ver 20.4 nota). (3) A promessa dada à igreja de Filadélfia, de preservá-la da hora da tribulação em escala mundial, pertence a todos os crentes que permanecerem leais a Cristo antes da grande tribulação.

“Logo fui Arrebatado em Espírito” (v.2) denota um estado de sensibilidade espiritual aguçada (1.10). O um assentado no trono é identificado no v. 8 como Deus, que é descrito não em forma, mas em termos de brilho e glória (ver Ez 1.16-28).

“Jaspe" (v.3) é provavelmente um diamante (ver 21.11), sugerindo pureza ou santidade. Sardônica é comalina, de um vermelho profundo, retratando a ira vingativa de Deus. Esmeralda é verde, a cor dominante de um arco celeste, simbolizando misericórdia (Gn 9.12-15).

"Vinte e quatro anciãos" (v.4). O primeiro grande grupo celestial deste livro está sendo agora apresentado: vinte e quatro anciãos assentados sobre vinte e quatro tronos situados à volta do trono de Deus, vestidos de vestes brancas e usando coroas (stefanoi) de ouro. Stefanoi eram coroas concedidas aos vencedores. Quem são esses anciãos? Alguns crêem que representam a totalidade da igreja no céu (Jo 14.3; 2Tm 4.8; 1Pe 5.4). Outros entendem que podem ser anjos governantes; note, porém, que os anjos ficam em derredor desses anciãos (7.11; cf. 5.11). Ainda outros acreditam que representam Israel e a igreja, juntos em adoração a Deus e ao Cordeiro, isto é, a associação de 12 (Israel) mais 12 (a igreja) soma 24 (o povo de Deus das duas eras). Embora não possamos definir com exatidão se os anciãos representam a totalidade da igreja no céu ou Israel e a igreja, contudo, numa condição ou noutra, vemos nos versículos 4-11, provas de que a Igreja está a salvo da Grande Tribulação, uma vez que esses anciãos (na totalidade ou em parte), que eram visto como representantes dos fiéis vencedores da Igreja, já estão glorificados, entronados e coroados (3.10; Jo 5.24; 1Ts 1.1-10; 5.1-11).

“Relâmpagos e trovões" (v.5). Do trono partiam relâmpagos, vozes e trovões, e, além disso, João viu sete lâmpadas de fogo, que ele identifica como símbolos dos sete espíritos de Deus. O conceito dos sete espíritos de Deus certamente se refere à perfeição e plenitude das atividades da Terceira Pessoa da Deidade.

"O mar de vidro" (v.6) semelhante ao cristal denota a inacessibilidade e majestade de Deus (ver Êx 24.10; Ez 1.26).

"... Animal" (v.7). Outro grupo, quatro seres viventes, é apresentado (v.7) - um semelhante a um leão, um semelhante a um bezerro, um com o rosto de homem, e um semelhante a uma águia voando (parecidos com os de Ez. 1:5-14, 15-22; 10:20-22). Swete, com característica concisão, diz acertadamente, "As quatro formas sugerem o que há de mais

nobre, mais forte, mais sábio e mais rápido na natureza animada. A natureza, incluindo o homem, está representada diante do trono tomando parte no cumprimento da vontade divina e na adoração da majestade divina" (H.B. Swete, The Apocalypse of St. John, in toco). Eles reaparecem em Ap 6.7; 7.11; 14.3; 15.7; 19.4.

"E os quatro animais tinham" (v.8). Não transcorreu muito tempo antes da Igreja Primitiva encontrar um simbolismo bem definido para os quatro seres viventes. Em particular, os quatro seres foram, para ela, símbolo dos quatro evangelhos. Esta concepção encontra-se representada, muito frequentemente, nos vitrais das Igrejas mais antigas. A mais anterior das identificações foi a que fez Irineu no ano 170. Disse que as quatro criaturas representavam quatro aspectos da obra de Cristo, os quais, por sua vez, estão representados nos quatro evangelhos. O leão simboliza a poderosa e efetiva obra do Filho de Deus, sua liderança e seu poder soberano. O bezerro significa o aspecto sacrificial e sacerdotal de sua obra, porque é um animal que se usava para oferecer sacrifícios. O homem simboliza a encarnação, sua vinda como humano. A águia representa o dom do Espírito Santo, que sobrevoa a Igreja com suas asas. Por outro lado, João representa "a original, efetiva e gloriosa geração do Filho a partir do Pai", e diz como todas as coisas foram feitas por Ele.

Deve destacar-se que em geral a identificação de Agostinho é a mais frequentemente usada, pois é a que mais se ajusta aos fatos. Mateus está muito bem representado pelo leão, porque nele Jesus é o Leão de Judá, aquele em quem se tornam realidade todas as esperanças e sonhos dos profetas. Marcos corresponde à fome, porque é o Evangelho que mais se aproxima de uma descrição puramente humana da vida de Jesus. Lucas se identifica com o boi, porque representa a Jesus como a oferta sacrificial por toda classe e condição de homem e mulher, em qualquer lugar e época. João está representado na águia, porque entre todas as aves é a que voa mais alto e a única coisa que pode fixar seu olhar no Sol; e

João, entre os quatro evangelhos, é aquele que se eleva às zonas mais altas do pensamento humano.

O primeiro dos vinte hinos (vv.8-11). Com a apresentação das quatro criaturas viventes, temos o primeiro dos vinte hinos, como poderiam ser chamados, cantados pelos diversos grupos celestes através do livro do Apocalipse. Cinco deles estão nestes dois capítulos prefaciando a abertura dos selos. Os dois primeiros são hinos a Deus: um é cantado pelas criaturas viventes atribuindo santidade a Deus (4.8) e o outro pelos vinte e quatro anciãos reconhecendo Deus como Criador. As palavras iniciais do primeiro hino fazem-nos lembrar de Is 6.3, tecnicamente conhecido na antiga hinologia como o Trisagion. O terceiro e quarto são hinos ao Cordeiro, cantados pelos dois grupos que acabamos de mencionar, reconhecendo que o Cordeiro é digno de abrir o livro (Ap 5.9,10; 5.11,12). O quinto hino é cantado a ambos, Deus e o Cordeiro, por "toda criatura que há no céu e sobre a terra, e debaixo da terra' (v. 13), atribuindo-lhes bênçãos, honra, glória e domínio.

4.3. O Arrebatamento da Igreja

O período de Grande Tribulação não é um período da Igreja, mas a última semana da visão de Daniel relativa ao trato de Deus com Israel (Dn 9.24). É um período em que Deus irá ocupar-se de Israel e da sua ira contra as nações ímpias (Ap 6.15-17). O período de tribulação é chamado de "tempo de angústia para Jacó" (Jr 30.4-7).

Paulo declara, em relação à Igreja: "Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo" (1Ts 5.9). A Igreja tem sofrido e sofrerá muitas dificuldades e tribulações, mas não o grande dia da ira de Deus.

O Senhor prometeu aos fiéis que eles serão excluídos dessa hora de ira: "Porque guardaste a Palavra da minha

perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a Terra" (Ap 3.10).

Em ponto algum do livro do Apocalipse, depois do capítulo 4, a Igreja é especificamente mencionada, até o capítulo 19, onde é vista nos céus como a noiva de Cristo. Os santos da tribulação (os que são salvos durante a tribulação e martirizados) são vistos como um único grupo no céu. Os justos vistos na Terra são os 144.000, declarados como sendo judeus (Ap 7.1-8; 14.1-5).

A Era da Igreja termina com o início da grande tribulação (a 70ª semana de Dn 9.27; "a plenitude dos gentios" Rm 11.12, 27), a Igreja não tomará mais parte nos assuntos terrenos até o milênio.

Com respeito à registrada em Ap 20 e referida como a "primeira ressurreição", uma leitura cuidadosa revelará que os ressurretos mencionados são aqueles que foram decapitados durante a tribulação; nenhuma menção é feita aos santos de toda a Era da Igreja.

O argumento mais forte para um arrebatamento pré-tribulacional é o fato de ser feita exortação através do Novo Testamento inteiro para vigiar e esperar a volta de Jesus (Mt 24.42,43; 25.13; Mc 13.35; 1Ts 5.6; Tt 2.13; 1Jo 3.3; Hb 9.28; Jo 14.3). Se a tribulação vier primeiro, com a manifestação do Anticristo, antes do arrebatamento, quem esperará a vinda de Jesus até que muitos dos eventos do Apocalipse tenham acontecido?

4.3.1. Circunstâncias do Arrebatamento

"Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que

morrerem em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" (1Ts 4.16,17).

O termo "arrebatamento" deriva da palavra raptus em latim, que significa "arrebatado rapidamente e com força". O termo latino raptus equivale a harpazo (ἁρπάζω) em grego, traduzido por "arrebatado" em 1Ts 4.17. Esse evento, descrito aqui e em 1Co 15, refere-se à ocasião em que a Igreja do Senhor será arrebatada da Terra para encontrar-se com Ele nos ares.

4.2.2. Sua Abrangência

Instantes antes do arrebatamento, ao descer Cristo do céu para buscar a Igreja, ocorrerá a ressurreição dos "que morreram em Cristo" (1Ts 4.16). Ao mesmo tempo em que ocorre a ressurreição dos mortos em Cristo, os crentes vivos serão transformados; seus corpos se revestirão de imortalidade (1Co 15.51, 53). Isso acontecerá num instante, "num abrir e fechar de olhos" (1Co 15.52). Tanto os crentes ressurretos como os que acabaram de ser transformados serão "arrebatados juntamente" (1Ts 4.17) para encontrar-se com Cristo nos ares, ou seja: na atmosfera entre a terra e o céu. Estarão literalmente unidos com Cristo (1Ts 4.16,17), levados à casa do Pai, no céu (Jo 14.2,3) e reunidos aos queridos que tinham morrido (1Ts 4.13-18). Quem está na Igreja, mas não abandona o pecado e o mal, sendo assim infiel a Cristo, será deixado aqui, no arrebatamento (Mt 25; Lc 12.45). Os tais ficarão neste mundo e farão parte da Igreja apóstata (Ap 17.1), sujeito à ira de Deus.

Depois do arrebatamento, virá o Dia do Senhor, um tempo de sofrimento e ira sobre os ímpios (1Ts 5.2-10). Seguir-se-á a segunda fase da vinda de Cristo, quando, então, Ele virá para julgar os ímpios e reinar sobre a Terra (Mt 24.42, 44).

Capítulo 5

O livro selado e o Cordeiro

5.1. O livro selado com sete selos

João relata nos caps. 4-5 duas partes de uma única e magnífica visão da glória de Deus. Um segundo ato dramático da visão é introduzido em 5.1. A ação transfere o foco da criação em 4.11 para a redenção e a restauração. Os propósitos da redenção e do governo de Deus somente podem ser realizados através daquele que é incomparavelmente digno - Jesus Cristo. Ele é, simultaneamente, o Leão feroz da tribo de Judá, lutando contra os inimigos de Deus (17.14; 19.11-21), e o manso Cordeiro que foi morto, aquele que comprou seu povo com o sangue de seu sacrifício de expiação (vs. 9-10). Somente Deus, na plenitude da sua trindade, pode cumprir esses grandes propósitos. Observe a presença do Pai ("daquele que estava sentado no trono", vs. 1,7), do Filho ("Cordeiro", vs. 6-7) e do Espírito de Deus (v.6), o qual é os chifres e os olhos do Cordeiro.

"... Um livro" (v.1). Àquele que está assentado sobre o trono, tem em Sua mão direita um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos. Se este livro é um códice igual aos livros de hoje, com os sete selos distribuídos mais ou menos igualmente sobre os lados, a pane de cima e de baixo, ou um pergaminho com os sete selos em linha contínua, não sabemos.

"... Quem é digno de abrir este livro" (v.2). Ouve-se novamente uma voz, a de um forte anjo, perguntando quem é digno de abrir este livro. A resposta é que ninguém no universo é digno.

“João chorava muito" (v.4) porque anseia pela realização dos propósitos de Deus (Mt 6.10) e porque percebe a dificuldade de como eles se realizarão.

"Então um dos anciãos" (v.5) anuncia que o Leão da tribo de Judá (Gn 49.9), a Raiz de Davi (Is 11.1,10), é digno de

abrir este livro, por dois motivos: primeiro, Ele venceu, o que parece se referir a derrota, na terra, de Satanás e todo o poder do mal; e, em segundo lugar, pela Sua obra redentora comprou-nos para Deus, com o Seu sangue (Ap 5.9).

"Como tendo sido morto" (v.6). "Como" é usado porque o Cordeiro foi morto, mas agora está vivo "pelos séculos dos séculos" (1.18). Os propósitos de Deus para a história podem se concretizar somente com base na morte e na ressurreição de Cristo.

"Sete chifres - pontas" (v.6). Chifres - pontas -, frequentemente representam poder (SI 89.17; 92.10; Dn 7.8; 8.3). Neste caso, representam o poder do Espírito de Cristo pleno da vida eterna (Jo 3.34; Rm 8.11; 1Co 15.45).

E, cantavam um novo cântico (v.9). Aqui a harpa é mencionada pela primeira vez (reaparecendo em 14.2 e 15.2). Esta idéia de um novo cântico se encontra frequentemente no Antigo Testamento, como em SI 33.3; 40.3; 96.1; 98.1; 149.1.

Apocalipse 5.10 é praticamente uma reafirmação da verdade expressa em 1.6. Aqui temos o conceito do reino dos santos e de um reino. Observe cuidadosamente a declaração, eles reinarão sobre a terra.

Estamos agora preparados para a abertura dos selos propriamente ditos, mas antes de começarmos o estudo do capítulo 6, observe - um ponto muitas vezes passado despercebido - que, enquanto os selos são abertos, o livro mesmo jamais é aberto. Swete tem segurança ao dizer que o seu conteúdo abrange o futuro desconhecido, e assim ele o intitula de "o livro do destino". Milligan diz que contém "todo o conselho de Deus". Só seis selos são abertos no capítulo 6; o sétimo não é aberto até que os juízos vão ser anunciados pelas trombetas (8.1). Destes seis selos, os quatro primeiros formam um grupo; o quinto e o sexto ficam à parte. Cada um dos quatro primeiros é apresentado por um cavaleiro, donde surgiu a famosa frase, "os quatro cavaleiros do Apocalipse".

Capítulo 6

A Abertura dos Seis Primeiros Selos

Introdução

Aqui ocorre o início da abertura dos selos. Juízos de Deus se desdobram na medida em que um por um dos sete selos são abertos. A participação do Cordeiro nos lembra que tais juízos são baseados nas suas incomparáveis qualificações e realizações (cap. 5). Em uma estrutura formal, 5.1-8.1 corre paralelamente a 8.2-11.19. Cada um possui uma cena de abertura que introduz a origem dos juízos (cap. 5; 8.2-6). Seguem seis juízos (cap. 6; 8.7-9.21). Um dramático interlúdio promete cuidado ao povo de Deus (cap. 7; 10.1-11.14). O sétimo e culminante juízo segue ao interlúdio (8.1; 11.15-19). Os sete juízos avançam em direção à segunda vinda que acontece em 6.12-17; 11.15-19. Dos sete juízos, os primeiros quatro contêm uma unidade interna. Os quatro seres viventes de 4.6 e os quatro cavaleiros de Zc 1.8 são refletidos em 6.1-8. As quatro partes principais do mundo (terra seca, mar, água doce e céu) são abordadas em 8.7-12.

6.1. Abertura dos primeiros seis selos

"Um cavalo branco" - primeiro selo (vv.1-2). O próprio Cordeiro (5.6) abre todos os selos que desvendam os julgamentos devastadores de Deus contra o mundo (vv. 1,3,5,7,9,12). Uma clara indicação que os julgamentos são divinos na sua origem, pois foram entregues às mãos de Cristo (5.1,7). A abertura do primeiro selo além de dar início a Grande Tribulação de sete anos, introduz o Anticristo, que vem para enganar Israel a aceitar a paz sem guerra. O tempo futuro será de sofrimento e juízos sem precedentes que antecedem a segunda vinda de Cristo à terra (cf. Dn 9.27; Jr 30.7; Dn 12.1; Ap 6.17; 7.14).

"Um cavalo vermelho" - segundo selo (vv.3-4). Aqui a paz é tirada da terra. A conquista do Anticristo, conforme seu aparato, representado no cavalo branco, foi realizada sem guerra aberta, pois somente agora no cavalo vermelho é que a paz é tirada (cf. 1Ts 5.3). Este cavalo com seu cavaleiro representam a guerra, violência e morte, características do período da Grande Tribulação (cf. Zc 1.8; 6.2).

"Um cavalo preto" - terceiro selo (vv.5-6). Seu cavaleiro com uma balança na mão anuncia a que haverá escassez de produtos básicos de sobrevivência. A carestia será grande, a fome se alastrará por todo o mundo. O "azeite e o vinho" referem-se à oliveira e à videira, que não sofrem tanto na seca quanto os cereais.

"Um cavalo amarelo" - quarto selo (vv.7-8). Seu cavaleiro era a personificação da morte, simboliza uma escalada terrível da guerra, da fome, da peste, das pragas, da criminalidade, da desordem pública, das enfermidades e das feras perigosas.

"Almas debaixo do altar" - quinto selo (v.9). Em sacrifícios antigos, o sangue, que simbolizava a vida, era derramado na base do altar. Estas almas são daqueles que foram mortos no período da Grande Tribulação por causa da palavra de Deus, e que clamam por justiça. Parece óbvio que todos aqueles que recebem Jesus Cristo durante essa época são martirizados, exceto o restante de Israel, que está selado para proteção. A elas foi dito que repousassem ainda um pouco, que tivessem paciência, porque muitos outros ainda morreriam pela sua fé em Cristo (v.11).

“... Não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" (v.10). Os que estão no céu oram para que os ímpios que rejeitaram a Deus e mataram os seus seguidores recebam a justiça divina. Esta oração não pede vingança pessoal, pois provém do zelo por Deus e pela retidão e da preocupação com os sofrimentos do seu povo.

Na Bíblia inteira, Deus é visto como justo Juiz. Ele pronunciou juízos, nos tempos antigos, contra Israel e também contra as nações. No fim desta Era, Ele continuará sendo o justo Juiz, só que esse juízo será realizado através do Filho, pois "o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo, para que todos honrem o Filho, como honram o Pai" (Jo 5.22,23; 2Tm 4.8). Entre os muitos juízos mencionados nas Escrituras, alguns são dotados de significado especial. São eles:

(a) O Juízo das Nações. Este julgamento dos indivíduos gentios deve ser distinguido dos outros juízos nas Escrituras. O período deste julgamento é "quando vier o Filho do homem na sua majestade", isto é, na segunda vinda de Cristo, depois da Grande Tribulação. Os réus deste julgamento de indivíduos são mencionados como: as ovelhas - os gentios salvos na Terra durante o período da Grande Tribulação; os cabritos - os gentios não-salvos; os irmãos - o povo de Israel. Pelo que consta no contexto de Mateus 25.31-46, a base para o julgamento será a maneira como seus "irmãos" foram tratados, o remanescente fiel de Israel que dará testemunho de Cristo durante a tribulação e não se curvará diante da besta (Ap 7.11). Elas se tornarão as nações que habitarão a Terra durante a era do Reino, segundo predição dos profetas do Antigo Testamento (Is 11.10).

(b) Da Nação de Israel. Os profetas do Antigo Testamento predisseram uma época de provação e juízo para o remanescente de Israel, em preparação para o reino: "Far-vos-ei passar debaixo do meu cajado, e vos sujeitarei à disciplina da aliança" (Ez 20.37). Em Mt 24, Jesus fala da grande tribulação como um tempo de provação e juízo para Israel. Já que a tribulação, a 70ª semana de Daniel, será penosa para Israel, ela constituirá um juízo final sobre a nação a fim de satisfazer à justiça e purificar um remanescente para o reinado do Messias sobre o trono de Davi (Dn 9.24-27; Ap 12).

(c) Dos Mortos Ímpios, com o Término da História Desta Era Atual. O julgamento aqui descrito é chamado o "Julgamento do Grande Trono Branco", abrangendo os perdidos de todas as épocas. (Veja comentário em Ap 20.6).

(d) De Satanás e dos Anjos Decaídos. No fim do reinado de mil anos de Cristo, Satanás será solto de sua prisão por algum tempo. Ele sairá para enganar as nações, cuja rebelião (a última) terminará com a terrível destruição dos rebeldes e Satanás que serão lançados no lago de fogo para sempre (Ap 20.10). Várias passagens bíblicas referem-se a um juízo final dos anjos decaídos (Is 24.21,22; 2Pe 2.4; Jd 6). Supõe-se geralmente que os anjos decaídos serão julgados ao mesmo tempo em que Satanás. De acordo com Paulo, os santos participarão do juízo dos anjos (1Co 6.3). (Veja comentário em Ap 20. 7-10).

"Um grande terremoto" - Sexto selo - (Ap 6.12). A humanidade depara-se agora com um Deus irado, cheio de vingança, justiça e juízo. Estes juízos abrangem tremores físicos no mundo, comoções cósmicas, densas trevas e terror para os habitantes da terra. Pavor, desespero, pânico, terror experimentam os habitantes da terra a ponto de desejarem a morte (v. 13-17).

Todos os habitantes da terra e o próprio universo criado experimentarão o juízo de Deus. Esses versículos apresentam a primeira das sete descrições do Apocalipse sobre eventos associados à Grande Tribulação. Em Lc 21.25-27 e Mc 13.24-26, a vinda do Filho do Homem acontece imediatamente depois de fenômenos incomuns envolvendo sol, lua e estrelas.

Capítulo 7

Os Israelitas Assinalados

O capítulo 7 é um interlúdio entre o sexto e o sétimo selos, mostrando os que permanecerão fiéis a Cristo durante a Grande Tribulação. Esses fiéis de Deus são tanto judeus, como não judeus. Eles aceitam o evangelho eterno proclamado pelos anjos (14.6).

A segunda série de juízos é muitíssimo mais severa e extensa do que aquela que foi apresentada pela abertura dos selos. Antes que os sete anjos façam soar as sete trombetas, duas grandes multidões são apresentadas, uma na terra (7.1-8) e outra certamente no céu, em pé diante do trono e diante do Cordeiro (7.9-17). O primeiro grupo está identificado como os 144.000 selados... de todas as tribos dos filhos de Israel (v. 4). Não se diz que são mártires. O sinal dá a entender que este grupo particular será divinamente protegido nas tribulações que estão para se desencadear sobre a terra.

7.1. Os israelitas fiéis são salvos de perigos iminentes

Entendemos que o selar dos 144.000 (vv. 4-8) refere-se a um grupo de judeus, literalmente, vivo naquele momento e o restante devoto da nação de Israel na terra durante a grande tribulação. O fato de eles serem judeus físicos (em oposição a "espiritual") é observado pelo fato de ser dado uma lista com as 12 tribos (vs. 5-8). As Escrituras ensinam que o Senhor lidará soberanamente com a nação de Israel antes de o Reino ser consumado (ver Zc 12.10-13; Rm 11.26-32). Sem esse selo, todos os que testemunham do verdadeiro Deus durante a grande tribulação serão martirizados, exceto os 144.000 judeus remanescentes "selados". Estes cento e quarenta e quatro mil servos de Deus, provenientes das tribos dos filhos de Israel serão assinalados nas suas testas, para indicar a sua consagração a Deus e que pertencem a Ele, são os primeiros convertidos de uma grande colheita dentro da Grande Tribulação. Estes crentes

dentre os filhos de Israel serão comissionados pelo Espírito Santo e pregarão o Evangelho durante a Grande Tribulação. É significativo que a tribo de Dã seja omitida - para o que muitos motivos têm sido apresentados - e que Levi seja inclusa. "Uma vez que as cerimônias levíticas foram abandonadas, Levi encontra-se novamente em situação de igualdade com seus irmãos. Em lugar de Efraim, foi usado a de José.

7.2. Visão dos Mártires na Glória (7.9-17)

A outra multidão é de natureza universal - certamente não confinada a Israel, mas de todas as tribos e povos agora na glória - cantando o grande hino a Deus e ao Cordeiro, junto com os anjos, os anciãos, e os quatro seres viventes. Estes, João foi informado, são aqueles que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro (v.14). A grande tribulação não pode ser nenhuma outra a não ser aquela mencionada no Discurso das Oliveiras (Mt 24.9,21,29). Toda a cena é celestial: O Cordeiro é apresentado como seu pastor e guia; faz-se a promessa de que Ele os guiará até as fontes das águas da vida; e, antecipando à posterior descrição detalhada da Cidade Santa, eles são informados de que Deus enxugará toda lágrima de seus olhos (Ap 21.4).

7.3. A Grande Tribulação

"... Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro" (ACF, v.14, grifo nosso).

A Grande Tribulação é um tempo de julgamento divino sobre um mundo ímpio que rejeitou a Cristo, mas também um tempo de ira e perseguição satânicas contra os que recebem a Cristo e sua palavra(12.12). Durante esse período, muitos santos sofrerão terrivelmente como objetos da ira de Satanás e dos ímpios (vv.914; 6.9-11; 20.4; cf. 14.13).

Assim como alguns intérpretes, entendemos que o rompimento do primeiro selo é o início da tribulação de sete anos, isto é, o tempo futuro de sofrimento e juízos sem precedentes que

antecedem a segunda vinda de Cristo à terra (ver Dn 9.27; cf. Jr 30.7; Dn 12.1; Ap 6.17; 7.14).

7.3.1. As duas fases da Vinda de Cristo

As declarações de Jesus sobre a vinda do Filho do Homem (Mt 24) revelam que ela abrange dois aspectos. A vinda do Filho do Homem refere-se, tanto à primeira fase da sua volta, numa data desconhecida, antes da tribulação (Ap 3.10) para buscar os santos da Igreja, isto é, o arrebatamento (Jo 14.3; 1Ts 4.14), como também à segunda fase da sua vinda, que ocorrerá depois da tribulação, para julgar os ímpios e recolher os justos no seu reino (Ap 19.11; 20.4). Que Cristo se referiu a dois eventos, tanto à sua volta imprevisível, como também à sua volta previsível, vê-se pelo fato que Ele cita três diferentes categorias de pessoas nos versículos 37-44 de Mateus 24, ilustrando os dias de Noé. As três categorias de pessoas e seu relacionamento com a vinda de Cristo são: As vítimas do dilúvio nos dias de Noé, representando os descrentes da tribulação. Não sabem a ocasião da volta de Cristo e estão despreparados. Serão destruídos no tempo do fim (Mt 24.38,39, 43; Lc 17.26-29). Trata-se de uma referência à segunda fase da sua volta depois da tribulação. Noé, representando os crentes da tribulação. Por causa dos sinais do tempo do fim, os santos da tribulação sabem, quase exatamente, o momento da volta do Senhor, e estarão preparados e serão salvos.

A ocasião da volta de Cristo para eles ocorre no tempo previsto (Mt 24, 27; Gn 7.4). Aqui se trata da segunda fase da volta de Cristo, depois da tribulação. Os discípulos de Jesus. Eles representam os crentes dos nossos dias, isto é, os crentes da Igreja, antes da tribulação, que não saberão o tempo da volta de Cristo para levá-los ao céu (Mt 24.42, 44; Jo 14.3; 1Ts 4.14). Não haverá sinais específicos precedendo a vinda do Senhor para buscá-los, pois Cristo declara que ela ocorrerá inesperadamente (Mt 24.42, 44). Note que Jesus assemelha os discípulos (isto é, os santos da Igreja), não com Noé (isto é, os crentes da tribulação), mas com o povo do dilúvio (não o perceberam Mt 24.39), com não sabeis (Mt 24.42). Isto porque os santos da Igreja, em certo

sentido, assemelham-se ao povo do dilúvio. Eles não saberão o tempo da volta de Cristo e, semelhantemente, serão surpreendidos quando Ele vier. Devem, portanto, aplicar toda a diligência a fim de estarem prontos para qualquer momento (Mateus 24.44).

7.3.2. Textos Bíblicos Comprobatórios da Grande Tribulação

"E, depois das 62 semanas, será tirado o Messias e não será mais; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será como uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas assolações" (Dn 9.26).

"E, naquele tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro" (Dn 12.1).

"Dia de trevas e de tristeza, dia de nuvens e de trevas espessas; como a alva espalhada sobre os montes, povo grande e poderoso, qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração" (Jl 2.2);

"Porque haverá, então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais" (Mt 24.21).

“E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são e de onde vieram? E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro" (Ap 7.13,14).

7.3.3. Sinais Especiais que Ocorrerão Durante a Grande Tribulação

Começado com Mt 24.15 ["Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no

lugar santo (quem lê, que entenda)"], Jesus trata de sinais especiais que ocorrerão durante a grande tribulação (as expressões "grande aflição" de Mt 24.21, e "grande tribulação" (θλίψεως τῆς μεγάλης) de Ap 7.13,14, são idênticas no grego). Tais sinais indicam que o fim dos tempos está muito próximo (Mt 24.15-29).

O maior desses sinais é "a abominação da desolação" (Mt 24.15), um fato específico e visível, que adverte os fiéis vivos, durante a grande tribulação, de que a vinda de Cristo à Terra está prestes a ocorrer. Esse sinal-evento visível, relacionar-se-á principalmente com a profanação do templo judaico daqueles dias em Jerusalém, pelo Anticristo. O Anticristo, também chamado o homem do pecado, colocará uma imagem dele mesmo no templo de Deus, declarando ser ele mesmo Deus (2Ts 2.3,4; Ap 13.14,15).

7.3.4. Sinais Para os Crentes da Grande Tribulação

Se os santos da tribulação atentarem para o fator tempo desse evento ("quando, pois, virdes", Mt 24.15), poderão saber com bastante aproximação quando terminará a tribulação, época em que Cristo voltará à Terra. O decurso de tempo entre esse evento e o fim dos tempos é mencionado quatro vezes nas Escrituras, como sendo de três anos e meio ou 1260 dias (Dn 9.25-27; Ap 11.1,2; 12.6; 13.5-7);

Por causa da grande expectativa da volta de Cristo (Mt 24.33), os santos daqueles dias devem acautelar-se quanto a informes afirmando que Cristo já voltou. Tais informes serão falsos (Mt 24.23-26). A "vinda do Filho do Homem" depois da tribulação será visível e conhecida de todos os que viverem no mundo (Mt 24.27-30; Ap 1.7).

7.3.5. Elementos Abrangentes

Esse tempo de tribulação envolve a ira de Deus sobre os ímpios (Ap 6.17; Dt 4.26-31; Is 13.6-13; 17.4-11; Jr 30.4-11; Ez 20.33-38; Dn 9.27; 12.1; Zc 14.1-4; Mt 24.9-31).

Esse período de provação também inclui a ira de Satanás contra os fiéis, isto é, contra os que aceitarem a Cristo durante esse período terrível. Para eles, haverá fome, sede, exposição às intempéries e muito sofrimento e lágrimas (Dn 12.10; Mt 24.15-21). Experimentarão de modo indireto as catástrofes naturais da guerra, da fome e da morte. Serão perseguidos, torturados e muitos sofrerão o martírio (Ap 6.11; 13.7; 14.13). Sofrerão as assolações de Satanás e das forças demoníacas (Ap 9.3-5; 12.12), violência de homens ímpios e perseguição da parte do Anticristo (Ap 6.9, 12, 17; 13.15-17). Perderão suas casas e terão de fugir, aterrorizados (Mt 24.15-20). Será um período terrivelmente calamitoso para quem tiver família e filhos (Mt 24.19); será tão terrível, que os santos que morrerem são tidos por bem-aventurados, porque descansam da sua lida e ficam livres da perseguição (Ap 14.13).

A Grande Tribulação será de âmbito mundial: "Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na Terra" (Ap 3.10).

Será o pior tempo de aflição e angústia que já ocorreu na história da humanidade, "porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria, mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias" (Mt 24.21,22).

Será um tempo de terrível sofrimento para os judeus. "Perguntai, pois, e vede se um homem tem dores de parto. Por que, pois, vejo a cada homem com as mãos sobre os lombos, como a que está dando à luz? E porque se têm tornado macilentos todos os rostos? Ah! Porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! E é tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será salvo dela" (Jr 30.5-7).

"O período será controlado pelo "homem do pecado", isto é, o Anticristo. "E ele firmará um concerto com muitos por uma

semana (sete anos); e, na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador" (Dn 9.27).

Durante o período da tribulação, muitos entre os judeus e gentios crerão em Jesus Cristo e serão salvos. "Quando estiveres em angústia, e todas estas coisas te alcançarem, então, no fim de dias, te virarás para o Senhor, teu Deus, e ouvirás a sua voz. Porquanto o Senhor, teu Deus, é Deus misericordioso, e não te desamparará, nem te destruirá, nem se esquecerá do concerto que jurou a teus pais" (Dt 4.30,31).

Será um tempo de ira de Deus e juízo seus contra os ímpios, "E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu, com os anjos do seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo; os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder" (2Ts 1.7-9).

A declaração de Jesus de que aqueles dias serão abreviados (Mt 24.22) não pressupõe a redução dos três anos e meio, ou 1260 dias preditos. Pelo contrário parece indicar que o período é tão terrível que se não fosse de curta duração a totalidade da raça humana seria destruída;

A Grande Tribulação terminará quando Jesus Cristo vier em glória, com sua noiva (Ap 19.7,8, 14), para efetuar o livramento dos fiéis remanescentes e juízo e destruição dos ímpios (Ez 20.34-38; Ap 19.11-21).

O trecho principal das Escrituras que descreve a totalidade da tribulação de sete anos de duração é encontrado em Ap 6.17.

A falsa religião - a prostituta - rejeitará o Evangelho de Cristo e dos apóstolos (2Tm 3.5; 4.3; Mt 24.24). Ela se alinhará

com os poderes e a filosofia da "Babilônia", isto é, o estilo de vida do mundo com sua imortalidade. Os poderes político e religioso se unirão para apoderar-se do controle espiritual das nações. Seus líderes perseguirão os verdadeiros seguidores de Cristo. Ela era uma miscelânea de religiões e credos, sem preocupação com a doutrina bíblica; seu principal interesse estará em conquistar as massas e na adoração dos seus sistemas, valores e objetivos religiosos. Ela se tornará moradia dos demônios, e abrigo de todo espírito imundo" (Ap 18.2; Is 47.12-13). A todos os verdadeiros crentes se lhes ordena que saiam de "Babilônia", para que não sejam condenados com ela;

Igreja Apóstata (Ap 17.1), a Grande prostituta. Trata-se da Babilônia religiosa, e abrange todas as religiões falsas, inclusive o cristianismo apóstata. Na Bíblia, os termos prostituição e adultério, quando empregados figuradamente, normalmente denotam apostasia religiosa e infidelidade a Deus (Isaías 1.21; Jr 3.9; Ez 16.14-18; Tiago 4.4), e significa um povo que professa servir a Deus enquanto, na realidade, adora e serve a outros deuses;

Imediatamente após a tribulação haverá sinais cósmicos assombrosos que precederão o aparecimento imediato de Cristo. A volta de Cristo à Terra com poder e grande glória não surpreenderá nenhum santo, da tribulação, atento à Palavra de Deus e aos sinais cósmicos relacionados com o sol, a lua, as estrelas e o abalamento das potências dos céus (Is 13.6-13);

Mateus 24.30 descreve o aparecimento de Cristo nos céus, depois da tribulação, precedido dos sinais. Ele vem com juízo contra os ímpios (Ap 19.11; 20.3), para livrar os seus fiéis e para estabelecer a justiça na Terra (Ap 20.4). Todos os crentes que foram arrebatados da Terra para o céu, voltarão com Cristo na sua vinda com poder e grande glória (Ap 19.14).

Capítulo 8

O Último Selo e as Quatro Primeiras Trombetas

O sétimo selo inicia os julgamentos das sete trombetas de 8.7-9.21, sendo que esses julgamentos são uma lembrança das dez pragas do Egito. As quatro primeiras afetam o mundo natural; as três últimas afetam as pessoas não-redimidas da Terra. Todos, exceto os 144.00 restantes de Israel, estarão sujeitos às pragas dos julgamentos da trombeta. O horror anunciado pelas primeiras seis trombetas está além da compreensão, mas a sétima trombeta anuncia a glória do Reino de Cristo, que há de vir. As trombetas serviram para muitos propósitos nos dias do Antigo Testamento, e eram usadas para viagens, alarmes, e preparação do exército divino contra seus inimigos (Nm 10.1-9; Jr 1.14-18; 4-19; Jl 2.1; Mt 24.31). A abertura do sétimo selo dá início aos juízos das sete trombetas. Os juízos das trombetas são juízos parciais, ao passo que os juízos das sete taças são mais severos. O juízo da sétima trombeta anunciará as sete taças de juízo.

"... Fez-se silêncio no Céu" (v.1). Com a abertura do sétimo selo fez-se silêncio impressionante no céu. Com ele emergem as sete trombetas com sua missão de caráter judicial, e as séries de sete aumentam em severidade. Os sete selos, as sete trombetas e as sete taças, não são juízos idênticos executados ao mesmo tempo. Apresentam três séries diferentes de juízos experimentados durante a Grande Tribulação, ou a septuagésima semana de Daniel. Os juízos dos selos, trombetas e taças não são contemporâneos, mas sucessivos.

O próximo evento após 6.12-17 parece, muito naturalmente, ser o aparecimento do próprio Cristo como o último guerreiro e juiz (Mc 13.24-26). O silêncio pode indicar que o céu está em reverência perante sua presença (Hc 2.20;

Zc 1.7). Nesse momento, João não recebe uma imagem mais plena que desvende os eventos do juízo final e da restauração. Essa reserva mantém o interesse do leitor para os ciclos de juízo posteriores.

"... Sete anjos... foram lhe dadas sete trombetas" (v.2). As trombetas acionam sete juízos que precedem a segunda vinda. As trombetas formam o segundo de vários ciclos que retratam de vários ângulos o governo de Deus sobre a história. Semelhantes às trombetas usadas na batalha de Jericó (Js 6), essas trombetas conduzem a cidade mundana à queda (11.8; 11.13). Com a sétima trombeta chega a vitória total de Deus. As pragas da trombeta lembram as pragas do Egito, significando os Juízos de Deus sobre os poderes idólatras.

Os sete selos começam com anúncios de cavaleiros encarregados de trazer calamidades (6.1-8). Em contraste, as sete trombetas contêm descrições das calamidades em si. A intensidade do juízo cresceu. Porém, ainda outras coisas estão guardadas: a maioria das pragas das trombetas cai sobre um terço do povo ou da terra e não sobre todos; a praga dos gafanhotos de 9.1-12 termina depois de cinco meses; algumas pessoas sobrevivem ao colapso da cidade em 11.13. Contrastantemente os últimos juízos com as taças (15.1-16.21) são profundamente devastadores.

“E veio outro anjo e pôs-se junto ao altar" (8.3). Antes de examinarmos com mais detalhes os anúncios dos sete anjos, devemos identificar o anjo separado - "outro anjo" (Ap 8.3) - que aparece em sua companhia (Ap 8.3-5). É ele simplesmente outro anjo ou é alguém especial? Sempre que se usa a frase outro anjo, no Apocalipse, usa-se a palavra grega allos - outro da mesma espécie. Muitos expositores acreditam que a expressão "anjo do Senhor", sempre que ocorre, implica a presença da Divindade em forma angélica e, às vezes, até mesmo em forma humana (Gn 18.1-14 etc.). Referem-se a estas como aparições teofânicas de Cristo antes de sua encarnação. Quanto ao seu ser celestial e

espiritual, Cristo é como os anjos, mas também é infinitamente melhor do que eles por ser o Filho de Deus e Senhor dos anjos, que, a fim de salvar a humanidade perdida, foi feito um pouco menor do que os anjos. Alguns expositores do Apocalipse afirmam que o anjo especial que serve no altar é apenas um dentre a hoste angelical, e não o Senhor Jesus Cristo. Mas estamos convencidos de que anjo algum, qualquer que seja sua posição, tenha qualificações para estar na presença do altar celeste perante Deus em benefício do homem, nem recebe o exercício de funções sacerdotais. Como há somente um mediador entre Deus e os homens - o Homem Cristo Jesus que se deu em resgate de todos - estamos convencidos de que este anjo - sacerdote, cuja ação nos altares tem caráter mediador é Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote.

Prova-se que a descrição do anjo - redentor não é de um anjo comum pelo fato de referir-se ele aos dois profetas martirizados como "minhas duas testemunhas" (Ap 11.13), o que não poderia ser escrito de qualquer anjo. Além disso, o arco-íris jamais é usado na Bíblia a não ser com referência a Deus. Portanto, o anjo aqui deve ser Deus (Ap 10.1). A descrição "como o rugir de um leão " fala dele como "o leão da tribo de Judá" (Ap 5.5).

Acreditamos, portanto, que este anjo - sacerdote "certamente deve ser o Mediador, Jesus Cristo, pois ninguém pode acrescentar eficácia às orações dos santos". Na cena celestial que João recebeu e registrou, feições discerníveis aparecem sob imagens da língua judaica. Por exemplo, apenas sacerdotes serviram tanto nos altares de cobre como de ouro. A linguagem que João usa lembra o altar da oferta queimada, no pátio do tabernáculo.

“E a fumaça do incenso" (v.4), representa a vida e as obras do Salvador. Seu cheiro suave é o incenso, e sua morte e ressurreição eficaz, dão aceitação divina às nossas orações inspiradas pelo Espírito. O altar é o local da propiciação

substituinte, e o fogo fala do juízo divino sobre o pecado - e o juízo sobre a terra é o que os anjos das trombetas anunciam - (Ap 8.5,6). Deve-se notar que os anjos apenas anunciam o juízo; eles não o executam nem o dispensam. Mas o anjo - sacerdote distribui o juízo (Ap 8.5).

"E o primeiro anjo tocou a trombeta" (v.7). Os dias da Tribulação verão repetirem-se as pragas do Egito sofridas por Faraó e sua corte. Agências destruidoras estão prestes a dominar a terra, e o que acontece depois de soar a primeira trombeta corresponde à sétima praga do tempo de Israel (Êx. 9.18-26). Saraiva, descendo dos altos, prova ser Deus o executor de juízo severo numa calamidade, forte e avassaladora; fogo, símbolo que Deus usa para Cristo e para o Espírito Santo. Muitas vezes é empregado como expressão da ira de Deus sobre o homem por causa de seu pecado. Indica também a influência purificadora da palavra de Deus (Jr 23. 29; Ml 3.2); sangue representa o morticínio terrível, a vida tolhida pelo pecado, mas reclamada por um Deus santo, e a apostasia completa de Deus e da verdade (Lv 3.17; 17.10-14; Ap 14.20; 16.3); saraiva e fogo misturado expressa a manifestação terrível da ira divina sobre a terra e seus habitantes. Quanto aos juízos das sete trombetas, os primeiros quatro são sobre lugares, coisas materiais e acessórios da vida. Os três últimos são sobre as pessoas e sobre a própria vida.

No primeiro juízo, a terça parte das árvores é queimada. Diferentes partes do mundo têm experimentado incêndios florestais devastadores, mas a história não registra nenhum acontecimento que diz ter sido destruída pelo fogo a terça parte das árvores do mundo. Portanto, uma interpretação histórica do Apocalipse não cabe aqui. A repetição por 12 vezes da frase terça parte é impressionante. Árvores simbolizam a grandeza e o orgulho humano. (Ez 31; Dn 4; Ap 8.7). Nosso Deus justo odeia o orgulho do homem e dominará os orgulhosos e poderosos da terra com o juízo. Erva verde, símbolo da prosperidade de caráter temporário (bem como fragilidade humana) aqui descreve a desolação de tanta

gente, embora possuíssem uma condição próspera como da "erva verde (Is 40.6,7; Tg 1.10; 1Pe 1.24; Ap 8.7).

"E o segundo anjo tocou a trombeta" (vv.8,9). Comparando Escritura com Escritura, descobrimos que o mar é usado como a inquietação da natureza humana, e também dos povos em estado de anarquia e confusão (Is 57.20; Ap 8.8; 13.1). Navios representam viagem e comércio (Gn 49.13; Ap 8.9; 18.19). Frases denotando comparação (como, com a aparência de) são usadas com frequência no livro do Apocalipse e indicam a linguagem simbólica (Jr 51.25; Zc 4.7). Todo mundo gentio, há de sofrer a justa vingança de Deus. A transformação do mar em sangue corresponde à praga que invadiu o rio Nilo (Êx 7.17-21). Assim como o mar sempre agitado representa as multidões da terra em rebelião por falta de mão forte que as dirija, o mar que se parece com o sangue descreve a terrível destruição que lhe há de sobrevir. Impeça-se a passagem pelo mar e o principal meio de comércio mundial está bloqueado. Mas os usos e os produtos do mar estão indelevelmente selados com o sinal da morte.

O símbolo de uma montanha ardente sendo lançada ao mar, denota que a destruição não é causada por nada que esteja dentro das forças humanas, mas provém diretamente de Deus como uma advertência de juízo. A destruição da terça parte dos navios revela que o comércio e a comunicação também sentirão o peso do juízo divino. Exportações e importações serão diminuídas drasticamente. Na Segunda Guerra Mundial houve uma série colossal de afundamentos; cerca de um terço de todos os navios de todas as nações envolvidas com a guerra, foi parar no fundo do mar! Um tremendo programa de construção naval substituiu esta perda enorme de navios afundados. Nos dias da Tribulação, entretanto, com os homens e materiais destruídos, essa reposição de perdas não será possível.

“E o terceiro anjo tocou a trombeta" (vv.10,11). Rios e

fontes de águas sugerem fontes de prazer lucrativo, ou de nações agindo debaixo de influências turbulentas (Ap 16.4,5; 17.15; Jr 2.13; Jl 3.18). O meteoro, com seus vapores gasosos cobrindo o suprimento de água potável, será absorvido por um terço das águas, rios e fontes e lembra o que aconteceu na praga egípcia. Uma grande estrela cai do céu simbolizando o instrumento do poder de Deus. Não se deve confundir esta estrela com a estrela cadente sob a quinta trombeta (Ap 9.1). Estas duas estrelas distintas são dirigentes espirituais, entretanto, são vistos como caídos moralmente de suas posições. Céu é o centro e a fonte de autoridade divina ("O céu reina" - Dn 4.26), e os dirigentes distintos e apóstatas estão sujeitos a esse reinado. Absinto não se refere tanto a uma pessoa como descreve sua influência maligna. Alguns escritores identificam a grande estrela com Satanás ou o Anticristo. Absinto relaciona-se com Artemísia e é a fonte de um óleo indispensável obtido das folhas secas e da parte superior da planta. Como tal simboliza amargura (Dt 29.18; Jr 23.15). O uso contínuo desta bebida produz deterioração mental e até mesmo a morte (Lm 3.15,19). Salomão fala do fim da mulher licenciosa como sendo "amargoso como o absinto" (Pv 5.4). Todo lazer terreno tem em si o sabor amargo do "absinto", e na Tribulação uma terça parte da terra, em vez de encontrar vida nas fontes das águas vivificantes, encontra a morte. Da mesma forma, Deus pode transformar águas amargas em doces (Êx 15.25-27). A área geográfica afetada pelo castigo da amargura é a terça parte, sugerindo que "os passos de Deus desde a misericórdia para o juízo são sempre lentos, relutantes e medidos".

"E o quarto anjo tocou a trombeta" (vv.12,13). O juízo da quarta trombeta terá grande efeito sobre os amantes da astrologia, e aos que crêem ser suas vidas reguladas pelo movimento do sol, da lua e das estrelas. As afirmações encontradas em horóscopos no que diz respeito à sua associação com os acontecimentos do presente ou do futuro é pura bobagem.

Astronomia é um estudo legítimo e fascinante, mas a astrologia não passa de invencionice dos adivinhos ávidos por dinheiro. O homem fala da fixidez das leis da natureza, mas a ordem que Deus mantém sobre os luminares dos céus declara-o Senhor do universo. O último versículo deste capítulo contém um anúncio alto e universal de três "ais" que precedem as três últimas trombetas. Estes "ais" solenes indicam a severidade dos juízos que se seguirão, e seu efeito aterrorizador. Estas três últimas trombetas resultarão em uma nova qualidade e grau de desprazer divinos, e desastre consequente. O "ai" é tríplice porque três piores juízos ainda estão por vir. Ao som das primeiras quatro trombetas, revela-se o homem em seus relacionamentos terrenos. Os homens podem procurar onde desejarem as coisas que lhes dêem prazer ou sustento, mas em todos os lugares devem ver a marca do juízo de Deus causada por seu próprio pecado.

Com o soar das últimas três trombetas passamos do visível para o invisível. Nas trombetas anteriores, o homem era visto em seu ambiente material, e as coisas vistas pelo olho humano, mas agora, com a quinta trombeta, já não estamos no reino material, mas no espiritual. Neste versículo temos uma das mais horríveis descrições de devastação jamais escrita, à medida que o quinto anjo apresenta-se a fim de exercer sua missão terrível.

Capítulo 9

A Quinta e a Sexta Trombetas

Ao juízo da quinta trombeta, que é chamado de o primeiro ai! (v. 12), João dedica mais espaço do que a todos os juízos precedentes juntos. Talvez seja porque, além da identificação exata da Babilônia nos capítulos 17 e 18, o significado dos dois juízos neste capítulo apresente o mais difícil de todos os problemas do Apocalipse.

"O quinto anjo tocou a trombeta" (v.1) e uma estrela caiu do céu. Refere-se a um ser demoníaco não identificado, possivelmente o próprio Satanás, um anjo caído (9.11; 12.7-12; Is 14.12-14; Ez 28.11-17). A esse ser foi dado uma chave que com ela abriu o poço do abismo (gr. abyssos) lugar onde a besta estava antes de aparecer na terra (Ap 11.7). O poço do abismo é o lugar de aprisionamento dos demônios (Lc 8.31; 2Pe 2.4; Jd 6). É também o lugar onde Satanás ficará preso por mil anos (Ap 20.3). A esse que caiu do céu é entregue "a chave" do poço do abismo "a cadeia dos demônios". A posse da chave significa poder e autoridades sombrias para executar a morte. A fumaça que se levanta do abismo resulta em um exército devastador de gafanhotos. Por fumaça podemos compreender o efeito segador e lúgubre da ilusão satânica. O retrato que Paulo faz da imitação demoníaca em 2Ts 2.9-12, corresponde ao poder que Satanás torna possível para o exército de gafanhotos. Estes gafanhotos representam um vultoso número de demônios e também intensa atividade demoníaca na terra, com poder como escorpiões para causar dores e grandes sofrimentos. Simbolizam as ordens de agências diabólicas que trazem vingança sobre os culpados, descritos como "os homens que não tem na fronte o selo de Deus" (Ap 9.4). Como os 144.000 de Israel estão selados, e, portanto, a salvo do juízo (Ap 7.3,4), são as multidões gentias não seladas que devem beber da taça da vingança.

Do poço do abismo subiram "gafanhotos" que se espalharam por toda a terra e a eles foi-lhes dado poder semelhante ao dos escorpiões (v.3). Os viajantes do Oriente, onde os escorpiões são comuns, tomam precauções contra esta criatura, que muitas vezes é encontrada debaixo de pedras soltas e em ruínas, pois suas ferroadas são severas e doloridas quando perturbados. Com a aparência de lagosta, os escorpiões secretam veneno em suas caldas. Estas armas de ataque é um instrumento de dor excruciante, perturbação mental ou mesmo a morte. Os nativos temem a picada do escorpião por causa do sofrimento horrível que ela causa. Nosso Senhor ligou serpente e escorpiões com o poder de Satanás (Ap 10.11).

Aos (gafanhotos que na realidade não se tratam de elementos físicos, mas sim de forças demoníacas sob a direção de um anjo), foi dito que não causassem dano à erva da terra (v.4). Por que esta proibição específica? Deus, como Criador, intervém na lei natural outra vez, e suspende os hábitos alimentares naturais dos gafanhotos, que geralmente se alimentam de erva, coisas verdes e de árvores. O poupar o mundo vegetal, sugere uma preservação temporária das mercadorias mais essenciais. Sob a oitava praga do Egito os gafanhotos destruíram tudo o que era verde (Êx 10.12-15). Mas agora o seu consumo de coisas verdes é restringido, e ferem somente aos homens que não pertencem a Deus.

Aos "agentes demoníacos" foi-lhes dado o poder para atormentar os homens por cinco meses (v.5). Por que somente cinco meses? Esse tempo limitado significa que este juízo não separará os culpados de Deus para sempre, e é permitido, principalmente para prevenir os pecadores do castigo final que os aguarda se não se arrependerem. Os meses especificados estão da mesma forma relacionados com os gafanhotos, porque este é o seu tempo de vida normal. A dor provocada pelos gafanhotos demoníacos é tão severa, que as pessoas desejarão morrer, mas não lhes será possível. A aparência era "semelhante" a rostos de homens, significando uma falsa

aparência, ou seja, não tinham aparência reais, mas simples imitações. O "ruído" dos demônios serão aterradores. Suas "couraças" significam uma proteção contra as armas humanas. Tinham sobre si rei. Em Provérbios 20.30, Salomão diz que os gafanhotos não têm rei. Mas os horríveis escorpiões que João descreve possuem um líder cruel. O anjo que comanda os gafanhotos é chamado (heb "Abadom" 'avad·dóhn אבדון e em grego Ἀβαδδών), que significa "destruição", ou (gr "Apoliom" Ἀπολλύων), que significa "destruidor".

"E tocou o sexto anjo a trombeta (v.13). A sexta trombeta traz um exército demoníaco do Eufrates. Uma voz do altar de ouro inicia a praga (v.13), ligando-a, deste modo, aos clamores dos mártires no céu e às orações dos santos na terra (cfr. 8.4-5).

"Salta os quatro anjos" (v.14), são eles ministros da ira. O sexto anjo solta quatro anjos, anjos maus - demônios -, para matar uma terça parte da população do mundo (cf. v.15). Estavam presos juntos ao Rio Eufrates. O rio Eufrates formava o "limite ideal" da terra de Israel (Driver, ver Gn 15.18); além dele ficavam os grandes impérios da Babilônia e Assíria. Como exércitos vinham destes territórios incógnitos para devastar ao Israel desobediente da antiguidade, assim se levantariam cavalos mais pavorosos para punir o mundo sem Deus. Nada no programa de Deus é acidental. É fixo o momento preciso desta invasão, a saber, "numa hora definida de um dia definido, num mês definido, de um ano definido" (v.15).

A inimaginável cifra de "duas centenas de milhões" (v.16), (ver Sl 68.17) sugere que toda esta descrição nos vers. 16-19 é algo tremendamente assustador.

Os cavaleiros parecem ser de pouca monta; são os cavalos que apavoram e destroem. Correspondendo ao mortífero fogo e fumo e enxofre (v.17) que procede da boca dos

cavalos, os cavaleiros têm couraças de vermelho fogoso, azul fumegante e amarelo sulfúrico. Monstros desta qualidade não eram incógnitos à mitologia pagã; João, possivelmente de propósito, emprega tais termos para declarar que os artifícios desta multidão infernal excedem a descrição das mais apavorantes imaginações da superstição pagã. A praga deixa de produzir um efeito salutar no mundo que se opõe a Deus; os homens persistem ainda na idolatria, com seus males concomitantes e não acham nenhum lugar para o arrependimento (vv.20-21).

Capítulo 10

João Come um Livrinho

O capítulo dez apresenta um agradável interlúdio. Outro anjo forte desce do céu tendo um livrinho na mão, e quando João pretende registrar o que viu, ouve uma voz dos céus dizendo, guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram, e não as escrevas (v. 4; cons. Dn. 12.9). Ao que parece ele jamais chegou a registrá-lo, e, portanto não sabemos o que os trovões disseram. O anjo enuncia uma declaração famosa e mais ou menos enigmática - dizendo que já não haverá demora. Swete traduz assim, "não haverá mais nenhum intervalo, nenhuma delonga". Esta declaração, ao lado da que se lhe segue imediatamente, que cumprir-se-á, então, o mistério de Deus (v. 7), convence-nos de que o propósito desta visão, e especialmente destas declarações, é preparar-nos para o derramamento final dos juízos divinos, ao aproximar-se o final dos tempos, e a destruição dos inimigos do Cordeiro. O livrinho (v. 8) que João devia comer (cons. Ez 3.1-3; Sl 19.10,11; Jr 15.16) nunca foi aberto e por isso sua natureza exata tem de ser assunto controvertido.

10.1. A Revelação Inefável (Ap 10.1-4)

O anjo poderoso que aparece nesta passagem vem diretamente da presença de Deus e do Cristo ressuscitado. Sabemo-lo pelos termos de sua descrição. Está vestido com uma nuvem; as nuvens são os carros de Deus (Salmo 104.3). Tem um arco íris sobre sua cabeça; o arco-íris é parte da decoração do trono de Deus no céu (Ezequiel 1.28). O arco-íris produz o resplendor do rosto do anjo através da nuvem. O rosto do anjo é como o Sol. Deste mesmo modo se descreve o rosto de Jesus no monte da transfiguração (Mateus 17.2). A voz do anjo é como o rugido de um leão; a voz de Deus é

comparada, muitas vezes, com a voz de um leão (Joel 3.16; Oséias 11.10; Amós 3.8). Como podemos ver, a descrição desta criatura é, em parte, a descrição de Deus e de Jesus Cristo. Este anjo vem diretamente da presença de Deus. Alguns intérpretes crêem que não é outro senão o Cristo glorificado em pessoa.

O anjo tem um pé sobre a terra e outro sobre o mar. Este detalhe demonstra o tamanho gigantesco e o poder do anjo, porque a terra e o mar representam a totalidade do universo criado. Também demonstra que o poder de Deus é tão firme sobre o mar como sobre a terra. Em sua mão o anjo tem um pequeno rolo, aberto e desenrolado. Isto quer dizer que está transmitindo a João uma revelação limitada sobre um período de tempo muito breve. Quando a voz do anjo falou ressoaram os sete trovões. Os sete trovões são muito provavelmente uma referência às sete vozes de Deus que aparecem no Salmo 29 como descrição poética da voz divina.

Como é natural, quando João viu o anjo e escutou sua voz, preparou-se para registrar o que tinha ouvido. Mas desta vez foi proibido de escrever. Quer dizer, recebeu uma revelação que, no momento, não deve comunicar a outros homens. Às vezes recebemos revelações que não devem ser transmitidas. A mesma idéia encontramos em 2 Coríntios 12.4, quando Paulo diz ter sido transportado ao terceiro céu e ter ouvido vozes ali cuja mensagem é inefável. Não é necessário que especulemos sobre qual pode ter sido o conteúdo desta revelação. Simplesmente devemos registrar que em sua relação com Deus João recebeu revelações cuja natureza era tal que não deviam ser transmitidas, que não podiam expressar-se em termos humanos, que não podia comunicar a outros.

Deus muitas vezes nos diz muito mais do que nós podemos dizer, ou mais do que outros poderão entender ou aceitar.

10.2. O Anúncio Divino do Fim (Ap 10.5-7)

O anjo agora faz um anúncio, e o confirma com um juramento.

Qual é este anúncio? Às vezes o anúncio se interpretou no sentido de "O tempo deixará de ser", ou seja, o tempo, tal como nós o conhecemos, a história, chega a seu fim, e está para começar a eternidade. É muito mais provável que signifique que resta muito pouco tempo ou que já não sobra tempo, que já não haverá demoras nem dilações. O Anticristo está a ponto de fazer sua entrada em cena com todo o seu terror destrutivo. Tal como o autor de Hebreus afirma: "Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará" (Hebreus 10.37). Chegou o momento quando deve revelar-se o homem de pecado (2 Tessalonicenses 2.3). E agora a cena está a ponto de iniciar.

Quando isto suceder terá concluído o mistério de Deus. Esta expressão significa que o propósito de Deus para a história, seu plano de salvação, terá sido totalmente realizado e revelado. Há muitas coisas na vida que são difíceis e ininteligíveis. O mal anda solto e não se pode explicar a razão de sua autorização para agir. Mas, segundo João, é possível vê-lo, haverá uma confrontação final. Nesta confrontação Deus e o Anticristo, o bem e o mal, se enfrentarão. E ali há de ser ganha a vitória final: todas as perguntas terão respostas e os problemas soluções.

Nesta imagem terrível e estranha a verdade que se nos comunica é que a história avança rumo ao inevitável triunfo de Deus, e que, mesmo quando o mal possa parecer-nos florescente, não é possível que, no balanço final, saia triunfador.

10.3. A Alegria e a Tristeza do Mensageiro de Deus (Ap 10.8-11)

Antes de começar o tratamento detalhado desta passagem, é necessário que tomemos nota de uma coisa. Duas vezes diz-se ao vidente que tome o rolo. Não lhe é alcançado; mesmo quando ele pede ao anjo que o dê a ele, a resposta que recebe é que ele o deve pegar. Este detalhe é significativo. A revelação de Deus nunca é imposta aos homens; o homem deve tomá-la. O mensageiro de Deus deve estar disposto a obter a revelação que logo transmitirá. Não é um recruta, que desempenha a contragosto sua missão, mas sim um voluntário.

Não pode haver dúvida com relação à origem desta visão. Provém da experiência de Ezequiel, que recebeu a ordem de comer o rolo, e que encherá com ele o seu estômago (Ezequiel 3.1,3). Em ambas as imagens a idéia é a mesma. O mensageiro de Deus deve assimilar a mensagem, deve digeri-la, deve levá-la à sua vida e ser mais íntimos, a mensagem de Deus deve tornar-se parte de sua própria humanidade.

A doçura do rolo de papiro é uma idéia que aparece várias vezes na Bíblia. Para o salmista os juízos de Deus são mais doces que o mel e o favo de mel (Salmo 19.10; cf. também Salmo 119.103). Talvez tenha seu eco num agradável costume pedagógico dos judeus. Quando um menino estava aprendendo o alfabeto, ele o escrevia sobre um tablete de farinha e mel. O mestre, então, ensinava ao menino o valor fonético de cada signo. Quando o menino era capaz de repetir os sons das letras era-lhe permitido comê-los uma por uma, à medida que as lembrava de modo correto. Assim o alfabeto era como mel em sua boca. Quando o profeta e o salmista falam das palavras e os juízos de Deus, dizendo que são mais doces que o mel, é bem possível que estejam lembrando este costume.

Mas João acrescenta outra idéia. Para ele o rolo era doce e amargo ao mesmo tempo. Com esta idéia quer nos dizer o seguinte. A mensagem de Deus pode ser ao mesmo tempo doce e amarga para o servo de Deus que deve transmiti-la. É doce porque é um privilégio receber uma mensagem de Deus e ser eleito para agir como seu mensageiro. Mas a mensagem em si pode ser uma advertência de ameaças, uma antecipação da condenação; portanto a mensagem é amarga. Para João era um privilégio ter sido admitido ao conhecimento dos segredos celestiais e receber uma mensagem de parte de Deus. Mas era uma experiência amarga ter que predizer os tempos de terror, até se no final dessas tribulações a vitória esperava os crentes. A doçura e a amargura estão mescladas na responsabilidade de todo mensageiro de Deus.

Capítulo 11

O Templo e as Duas Testemunhas

O capítulo 11 de Apocalipse continua o interlúdio (que começou no cap. 10) acerca de Israel e do templo, e dá uma idéia da vida espiritual de então daquele povo. Os eventos aqui registrados ocorrem na cidade onde o Senhor foi crucificado - Jerusalém - (v. 8). Israel continua na incredulidade durante essa parte da tribulação. O "templo de Deus" refere-se à existência de um templo em Jerusalém nesse período, o qual será profanado pelo anticristo (ver Ap 13.14,15; Dn 9.27; 12.11; 2Ts 2.4). A medição do templo significa que Deus medirá a condição espiritual do povo judaico (cf. Ez 40; Zc 2). Durante a tribulação, Israel e a "Cidade Santa" serão oprimidos pelos gentios e sofrerão grandemente durante 42 meses (Lc 21.24). Israel será severamente julgado por causa da sua rejeição a Cristo e da sua imoralidade semelhante a "Sodoma" (vv. 8,13). Os 42 meses se refiram ao período final, de três anos e meio, da tribulação (Dn 7.25; 9.27; 12.7).

“Mede o templo de Deus" (v.1). Os vs, 1-2 retratam a adoração no templo Judeu restaurada nos primeiros três anos e meio da grande tribulação, também conhecidos como a septuagésima semana de Daniel (Dn 9.24-27). Isso é seguido pela "abominação da desolação", um momento em que a besta exigirá que parem os sacrifícios no templo e que sua imagem seja colocada no templo para ser adorada.

"Porque foi dada às nações" (v.2). É profetizado que as Nações pisarão a Cidade Santa por quarenta e dois meses - Jerusalém -: isso começou por volta de 605 a.C. com o cativeiro de Judas sob Nabucodonosor e, provavelmente, não terminará até a segunda vinda (19.20-21; Dn 2.34-35).

"... Mil duzentos e sessenta dias" (v.3). Quarenta e dois meses como quadro de tempo mostra a perfeita harmonia

entre Dn e Ap. Daniel fala de "70 semanas de anos" (9.24-27), revelando que toda a história profética desse século culminará em uma final semana septuagésima de anos. Durante esse período final de sete anos, cada profecia relacionada à nação de Israel e a Jerusalém serão literalmente cumpridas. Entretanto, ele falou sobre essa semana final de anos como sendo dividida em períodos distintos de três anos e meio (Dn 9.27), sendo a última metade a grande tribulação propriamente dita. Esse é o significado dos 42 meses (11.2), 1260 dias (11.3; 12.6) e "tempos e metade de um tempo" (12.14) do Apocalipse (Dn 9.24-26).

"Darei poder às minhas duas testemunhas" (v.3). Deus levantará duas testemunhas para pregar o evangelho e profetizar a respeito do futuro; terão grande poder sobrenatural e exercerão o seu ministério no poder do Espírito. Serão grande ameaça ao Anticristo e a todo o mundo ímpio, durante um período de 1260 dias, e neutralizarão os sinais e maravilhas dos profetas da Besta.

As duas testemunhas profetizarão "... vestidas de pano de saco" (v.3). O pano de saco era a vestimenta tradicional usada pelos profetas de grande poder. Era uma fazenda de fabricação rude e tinha a cor negra (Ap 6.12). O pano de saco usualmente era usado diretamente sobre a pele, para dar desconforto, pois simbolizava o descontentamento com as coisas como elas estavam. "No dizer de Charles: a vestimenta de "cilício" tipifica a natureza sombria da mensagem deles (das duas testemunhas). Era também uma vestimenta que representava aflição. Cf. Gn 37.34; 2Sm 3.31; 21.10; 2Rs 6.30; Et 4.1-4; Jó 16.15; Sl 30.11; 35.13; 49.11; Is 3.24; 15.3; 20.2; Jr 48.37; 49.3; Am 8.10; Jn 3.5; Mt 11.21".

Mas, quem são essas duas testemunhas? "Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra" (v.4). Note-se que as duas testemunhas (v.3), são chamadas de "as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra". Os Mórmons acreditam que a

primeira testemunha é a Bíblia e a segunda testemunha é o "Livro de Mórmon" de Joseph Smith. Mary Baker Patterson Eddy (Ciência Cristã), ensinou que uma das duas testemunhas era a Bíblia e a outra testemunha era "A chave para as Escrituras". Os Judeus pensam que o Antigo Testamento é a primeira testemunha e o Talmud é a segunda. Os Muçulmanos pensam que a primeira testemunha é Abraão, Isaque, Moisés e a Lei, e a segunda é Maomé.

Alguns afirmam que são Enoque e Elias, porque a Escritura não menciona a morte de nenhum deles (Gn 5.24; 2Rs 2.11) e como "aos homens está ordenado morrerem uma vez" (Hb 9.27) devem voltar à terra para morrerem. Outros procuram uma pista na transfiguração de Jesus (Mt 17.3; Mc 9.4; Lc 9.30), identificando essas testemunhas como Moisés e Elias, representantes da Lei e dos Profetas. Além disso, segundo afirmam, as circunstâncias da morte de Moisés foram muito incomuns (Dt 34.5; Jd 9) e os profetas disseram que Elias voltaria novamente (Ml 4.5; Mt 17.10-12; Mc 9.11-13).

Não obstante, parecerem convincente as propostas supracitadas, cremos que qualquer tentativa para identificá-las não passará de mera especulação. Cremos que as testemunhas sejam dois seres humanos literais - dois profetas cristãos convertidos na durante a Grande Tribulação.

"... A besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará" (v.7). A expressão "a besta que sobe do abismo" (11.7 e 17.8), desde já revela a origem do seu poder: o rei do abismo. A mesma só poderá sacrificar as duas testemunhas (ou "profetas", 11.10) quando estas tiverem terminado a tarefa que lhes foi divinamente ordenada (11.7).

"... E não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros" (v.9). Não contente com uma simples morte, os habitantes da cidade fazem delas um espetáculo público ao recusarem sepultarem-nas, e até comemoram suas mortes, trocando presentes entre si (v.10). Não sabemos quem

realmente foram as duas testemunhas, pois não existem registros desses detalhes.

A Besta é o anticristo (cf. 13.1; 14.9,11; 15.2; 16.2; 17.3,13; 19.20; 20.10) ou o "homem do pecado" (2Ts 2.3-10). Jerusalém é, neste tempo, chamada "Sodoma" por causa da sua imoralidade, e "Egito" devido ao seu mundanismo (v. 8).

"E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre seus pés... E subiram ao céu em uma nuvem; e os seus inimigos os viram" (vv.11,12). A história dessas duas testemunhas termina com uma inversão de proporções apocalípticas. Os dois mortos foram ressuscitados (vv.11,12) enquanto muitos daqueles que estavam vivos foram mortos (v.13). Parte da cidade que ainda resistia desmoronou, gerando uma nuvem de poeira (v.13), enquanto as testemunhas que haviam morrido são agora levadas ao céu em nuvens (v.12). Aqueles que se regozijaram com a morte das duas testemunhas de Deus (v.10) estão agora aterrorizados (v.13). Aqueles que se alegraram pelo silêncio das duas testemunhas de Deus (v.10) agora usam seus próprios lábios para dar glória ao Deus do Céu (v. 13).

Certamente essa conclusão prenuncia o fim de toda vida cristã. A balança da justiça fará o julgamento vindouro, os pobres serão ricos, os famintos saciados, os que choram sorrirão (Lc 6.20,21), os fracos se tomarão fortes (Ez 34.16), os cegos enxergarão e aqueles que eram escravos serão libertados (Is 61.1-4). Ana sabia disso e celebrou esses acontecimentos em seu cântico de louvor (1Sm 2.1-10), exatamente como fez Maria (Lc 1.46-55). Nós, que desejamos perseverar até o fim, não podemos nos esquecer disso.

"E o sétimo anjo tocou a sua trombeta" (v.15). A sétima trombeta, como o sétimo selo, é seguida pelo advento do reino de Deus. Uma vez que o soar da sétima trombeta pretenda introduzir o terceiro ai (v.14), mas não se descreve nenhuma calamidade, evidente se torna que mais tarde devemos

esperar mais elucidação quanto à matéria. Tal expansão provê-se em 14.19-20 e cap. 18. Entrementes, grandes vozes proclamam, "Os reinos do mundo vieram a ser do nosso Senhor e do seu Cristo" (v.15), um reino conjunto que não deve conhecer fim.

"Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir" (v.17). O cântico de ação de graças (vv.17-18) marca um ordenado progresso de pensamento que mais tarde se observa no livro: Deus tem começado o seu reino eterno (20.4-6); as nações se enraiveceram, levantando-se em rebelião (20.8-9); a ira de Deus se manifestou em juízo (20.9); os mortos foram julgados (20.10-15); os santos galardoados na cidade de Deus (cap. 21) e os pecadores destruídos no lago de fogo (20.15-21.8).

O grande segredo aqui mencionado é o estabelecimento do reino de Deus sobre a terra, que começará com o reino milenial de Cristo (20.1-6), o qual, após o julgamento final, passará para o Reino Eterno de Deus. O reino de Deus e de Cristo é um só. Em Ef 5.5, encontramos menção ao "reino de Cristo e de Deus".

"... E reinaste" (v.18). Segundo o Dr. Ladd, o verbo, no grego, está de fato no passado, mas o grego tem o que nós chamamos de um uso ingressivo do tempo aoisto (passado), que coloca a ênfase sobre o início da ação, quase sem dar atenção ao tempo da ação. Isso explica o significado do pensamento: "que és (reinas), e que eras (reinavas), e que hás de vir" (para reinar).

"E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca da sua aliança foi vista no seu templo" (v.19). O templo no céu se abre para revelar a arca do concerto. A manifestação aos homens da arca neste ponto sugere que o alvo do concerto, que é a promessa do reino, está agora no ato de se cumprir. Relâmpagos, terremoto e saraiva etc., testificam que tem chegado a consumação (cfr. 8.5; 16.17-21).

Capítulo 12

A Mulher e o Dragão

"E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça" (v.1). O termo grego para sinal é "semeion" derivado do hebraico "õth" palavra que comumente significa "sinal" ou "marca distintiva". No presente texto, "o sinal" é uma maravilha celestial cujo teor se compõe não só da instrução, mas também da imagem.

"A Mulher" (v.1). Qunto à mulher, neste capítulo, quase todos teólogos seguem a mesma linha de pensamento, a saber: A mulher representa a Nação Israelita, Jr 4.31. Estar vestida do sol equivale a estar revestida de luz. Bem perto de Deus, pois "Deus é sol" (Sl 84.11), e "cobre-se de luz como de um vestido" (Sl 104.2). O simbolismo do sol, lua e estrelas sugere um resumo da história de Israel, como se depreende de Gn 37.9.

Dado a posição da mulher vestida do sol, evidentemente este, estava posicionado acima desta e esta tendo por pedestal a lua; nesse caso, o sol e a lua estavam em relação um ao outro em posição vertical. Dando a entender que, a lua estava em fase minguante em ("forma de aliança"). Na simbologia profética das Escrituras Sagradas, isso aponta também para "a aliança eterna" (a lei) que por desobediência Israel colocou "debaixo dos seus pés" (cf. Mt 15.6). As doze estrelas representam os doze patriarcas, que são o princípio da formação da Nação Israelita. O simbolismo inteiro faz-nos lembrar, de qualquer modo, do sonho de José, historiado em (Gn 37.9) que diz: "...Eis que ainda sonhei um sonho: e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam a mim". Assim o sol, a lua e as estrelas lhe prestavam honrarias. Isso certamente

fala da nação de Israel. Não devemos pensar na Igreja nesta secção, pois a mesma se encontra ao lado de Cristo nas "bodas do Cordeiro" (cf. Ap 3.10 e 19.9).

"E estava grávida, e com dores de parto, e gritava com ânsia de dar à luz" (v.2). este texto representa a agonia da nação Israelita, a fim de que Jesus viesse ao mundo. Esse simbolismo encontra-se nas páginas do Antigo Testamento (cf. Is 66.7, 8) e ilustrado em (Is 9.6); Mq capítulo 5; e cumpre-se em Mateus cap.1 e 2.

"Um Dragão Vermelho". (v.3). "E viu-se outro sinal no céu; e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeça sete diademas" (v.3). Nesta secção o dragão é visto com "sete cabeças e dez chifres" - isso pode ser já uma antecipação do que lemos em 13.2 do mesmo livro, onde o dragão deu à Besta "o seu poder", e o seu trono, e grande poderio". É evidente que a Besta e os dez monarcas escatológicos são, agentes de Satanás. Num cômputo geral do significado do pensamento, sua cor vermelha, representa: a cor do pecado, do sangue, do fogo e da violência, qualidades possuídas por Satanás em grau supremo. Isso aponta para sua natureza mortífera; sua astúcia se vê nas sete cabeças, seu poder, nos seus dez chifres, e a sua autoridade nas suas sete coroas.

“E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra..." (v.4) Multidões que brilhavam no ordenado firmamento de Deus se tornam meteoritos carbonizados por causa do dragão. Segundo o Dr. H. L. Sr, "a cauda, representa a parte mais perigosa do dragão, é como um grande cometa neste monstro (cf. Dn 8.10). Assim (Is 9.15) assemelha o profeta mentiroso a uma "cauda". A causa da queda do dragão foi o orgulho (Ez 28.1 e ss); quando ele disse em seu coração. O "eu subirei" (Is14.13), ali o pecado teve início. Ele queria se assentar "sobre o trono de Deus" (Ez 28.2), e ser semelhante ao Altíssimo (Is 14.14; Ez 28.6),

chegou até dizer: "...eu sou Deus" (Ez 28.2); queria estabelecer seu trono na região setentrional: (região norte) do céu (Is 14.13); mas foi frustrado o seu plano, e ele com "grande ira" abriu uma "cisão" no exército celeste e, conquistou a "terça parte" das estrelas (anjos) do céu. Provavelmente, essa batalha teve lugar na região norte do céu (estelar) onde existe um "vazio" (cf. Jó 26.7; Is 14.13; Jr 1.14).

O dragão se "deteve" em frente da mulher, isto é, "pôs-se de pé". Plínio mostra que os antigos concebiam os dragões como feras que normalmente se punham de pé. Como as Escrituras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe, a presente passagem pode ter sua aplicação desde o Éden, até ao tempo "da plenitude dos tempos" (cf. Gl 4.4). Pode-se fazer certa comparação com a narrativa sobre Faraó, monarca egípcio. Ele procurou matar aos meninos israelitas (cf. Êx 1.15 e ss; Sl 85.13; Is 21.1; 51.9 e Ez 29.3). Herodes tentou fazer a mesma coisa (cf. Mt 2.13 e ss). Esses eventos foram inspirados pelo próprio Satanás, seu objetivo, não era somente conseguir matar a Cristo, mas o texto diz claramente, "queria-o tragar". E assim, aniquilar o plano de Deus, de trazer Seu Filho ao mundo como o Salvador da Humanidade.

"E deu à luz um filho varão que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono" (v.5). Cremos está aqui em foco, a pessoa de Cristo. "O Filho Varão". A citação do Salmo 2.9, aplicada a Cristo, afirma-nos que o Filho da mulher é o próprio Cristo que nasceu para reinar (cf. Gn 3.15; Sl 2.9; 110.5, 15; Dn 4.26; Ap 12.5; 19.15). E que mediante sua ressurreição e ascensão, frustrou os desígnios malignos e destruidores de Satanás. A ascensão do Cristo é expressa com as palavras: "...e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono" (cf. Mc 16.19; Lc 24.50, 51; At 1.9; 7.56; Ap 3.21). "Reger todas as nações" no presente texto, refere-se ao governo milenial de Cristo, após o término da Grande Tribulação. Naquela época, Ele governará como monarca absoluto.

“E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias" (v.6). Durante a tribulação, esses fiéis de Israel, judeus tementes a Deus, opor-se-ão à religião do Anticristo. Examinando com sinceridade as Escrituras, eles aceitam a verdade de que Jesus Cristo é o Messias (Dt 4.30,31; Zc 13.8,9). São socorridos por Deus durante os últimos três anos e meio da tribulação, e Satanás não poderá vencê-los (ver vv. 13-16).

"E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão e os seus anjos" (v.7). O arcanjo. O prefixo "arca" ou "arqui" sugere um anjo-chefe, principal ou poderoso. Assim, Miguel é agora o anjo acima de todos os anjos, reconhecido como o primeiro príncipe do céu. É como o primeiro-ministro da administração divina do universo, sendo o "administrador angélico" de Deus para o juízo". A expressão "o Arcanjo": só é usada em duas passagens do Novo Testamento (1Ts 4.16 e Jd v.9). Designa algum altíssimo poder angelical, dotado de autoridade sobre larga área, celestial ou terrena. No Antigo Testamento, Miguel aparece primordialmente identificado com Israel como nação. Desse modo, Deus fala dele como o príncipe do povo eleito: "naquele tempo (da Grande Tribulação) se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levantará pelos filhos do teu povo..." (Dn 12.1 e ss). Ele defende e protege em caráter especial o povo eleito de Deus. Seja como for, ele é sempre visto como o Arcanjo representado!

Miguel entra em foco nas seguintes passagens: (Dn 10.13, 21; 12.1; 1Ts 4.16; Jd v.9; Ap 12.7). Em Daniel 10.13, 21 e 12.1, ele é pintado como o anjo chefe e guardião de Israel. Ele ali é também chamado "... um dos primeiros príncipes" e "... vosso príncipe" (10.13, 31). Nessa capacidade que lhe é peculiarmente apropriado que fosse o arcanjo.

“Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus" (v.8). A batalha mais significativa de toda a história

do mundo vai ser agora preparada. Forças divinas e forças satânicas encontrar-se-ão neste conflito sombrio. João apresenta os Aliados (Miguel e seus anjos) e os Opositores (Satanás e seus anjos). Por "céu" onde ocorrerá a batalha não devemos compreender a presença imediata de Deus, mas a esfera que Satanás ocupou desde que foi expulso do lugar da habitação de Deus por causa de sua rebelião. O versículo em foco mostra como Satanás será expulso do céu. Ele perderá de uma vez por todas, "seu lugar nos céus". Isso significa que ele será derrubado de qualquer posição que, no presente, lhe seja permitida (tal como se vê em 1Rs 22.21; Jó 1.12; Zc 3.1), sendo projetado na terra.

"E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele" (v.9). A tribulação significa não somente grandes conflitos espirituais na terra, mas também nos céus. Satanás é derrotado, precipitado na terra e não lhe é mais permitido acesso ao céu. O céu se regozija (vv. 10-12), porque Satanás já não é uma força espiritual nos lugares celestiais (cf. Ef 6.12). Ao mesmo tempo, isso causa "ais" em relação aos que vivem na terra (vv. 12,13). É possível que essa expulsão de Satanás dê início à grande tribulação.

Os conflitos não serão apenas na terra, mas também nos céus. O Arcanjo Miguel com os seus anjos empreenderão guerra contra Satanás e suas hostes infernais. Eis alguns elementos sequenciais: Satanás será derrotado e precipitado na terra, e não lhe será permitido acesso ao céu; o céu se regozija, porque Satanás já não é uma força espiritual nos lugares celestiais; enquanto os céus se regozijam, na terra ouve-se os "ais" por causa dos que vivem nela (Ap 12.12); Satanás sabe que está perdido, que sua derrota final se aproxima, e que tem poder somente na terra.

“E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e

o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite" (v.10). O dragão na qualidade de "destruidor", é um "leão que ruge" (1Pd 5.8); e na qualidade de "enganador", é uma "serpente sedutora" (Gn capítulo 3.1 e ss). Mas, na qualidade de "Diabo", é "acusador em grau supremo". No grego, o particípio presente é usado como se fora um substantivo, com o artigo definido: "o acusante" dando a entender alguém cuja tarefa permanente é seu trabalho destruidor. Nesta condição de "acusador" ele é homicida tanto da vida física como espiritual (Jo 8.44). Nas palavras do vidente João, ele aponta algo parecido com a história de Jó. E, evidentemente, estão em foco, na palavra "irmãos", os mártires (como se vê no décimo primeiro versículo desta secção) aos quais Satanás perseguirá especialmente.

"E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte" (v.11). Até mesmo na Grande Tribulação o único meio de vencer é por meio da expiação pelo sangue do Cordeiro. Contudo, este versículo aponta para um segundo meio de vencer: "... e pela palavra do seu testemunho". Em outras palavras foram fiéis como mártires, sustentando até ao fim a profissão cristã, a despeito de uma horrenda oposição.

“Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo" (v.12). Nesta secção é dito que o diabo "... tem pouco tempo". Essa é uma das causas de sua "grande ira", pois lhe restam apenas três anos e meio depois vem sua prisão (Ap 20.1 e ss). É esse o único lugar na Bíblia que nos leva a entender o limitado conhecimento (onisciência só para Deus) futurístico de Satanás: três anos e meio. Sobre isso o leitor deve observar bem a frase: "... sabendo que já tem pouco tempo". Profeticamente, isso aludi ao tempo da Tribulação, ou, talvez, à porção da mesma em que o Anticristo mostrar-se-á mais ativo, chamada de "Grande Tribulação". É evidente que o mal pertence ao tempo; a benignidade pertence à eternidade.

"E, quando o dragão viu que fora lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o varão" (v.13). O presente versículo dá prosseguimento à narrativa iniciada no primeiro versículo deste capítulo. A "mulher", que representa a nação de Israel, deu à luz a um "menino", que é Cristo (cf. Gl 4.4). O dragão procurou devorá-lo, mas não obteve êxito nisso. E, esta razão ele voltará a sua ira contra a "mulher" (os fiéis do tempo da angústia), e a sua "semente" (toda a nação). A mulher foi perseguida pelo dragão, primeiramente no céu (v.4), e depois na terra (v.15). A cena é primeiramente descrita como quem está "no céu", depois como quem está "na terra". Alguns vêem nisso a "queda de Israel". Essa interpretação é possível. A apostasia e a rejeição de Cristo retiraram da nação de Israel a sua antiga glória, como também a aprovação divina. Contudo Deus cumprirá todas a suas promessas por amor aos patriarcas.

"E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voassem para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente" (v.14). Para aqueles que interpretam o Apocalipse advogam que "as duas asas" simbolizariam o Egito e a Babilônia respectivamente (Ez 17.3, 7, 12, 15 e ss), mas dificilmente esta forma de interpretação combina com o argumento principal. Para nós, as "duas asas de grande águia" significam a proteção de Deus e os meios por ele usados. Seu cuidado e livramento são indicados desta maneira: "Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia, e vos trouxe a mim" (Êx 19.4); "Achou-o na terra do deserto... como a águia desperta o seu ninho, se move sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os e os leva sobre as suas asas, assim só o Senhor o guiou..." (Dt 32.10-12). Entre as criaturas que estão dentro dos limites de nossa visão, aquelas que possuem "asas" e "voam", exemplificam as dotadas de maior velocidade. Assim vemos nestas "asas" meios sobrenaturais (o poder angelical: 8.13, ed. atual) e naturais (a própria natureza: v.16).

"Um tempo, e tempos, e metade de um tempo" (v.14b). A presente expressão tem seu fundo histórico na passagem de Daniel 7.25. G. H. Pember diz que o sentido é: "um ano, dois anos, e metade de um ano", mas como diz Pember, por que se diz "tempo, e tempos, e metade de um tempo", em vez de três anos e meio? Aparentemente não sem razão, pois segundo o modo judaico de calcular, três anos juntos precisariam do acréscimo de um mês, de maneira que o período seria 1.290 dias (Dn 12.11) em vez de 1.260 dias (Dn 7.25; Ap 11.2, 3; 13.5); mas, referindo-se a um dos anos separadamente evita-se este resultado. Isso é confirmado em Ap 11.2,3 quando a cidade de Jerusalém será pisada pelos gentios durante o tempo de 42 meses.

"E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatar" (v.15). Na simbologia profética das Escrituras Sagradas, um rei poderoso, comandando os seus exércitos, é comparado a "uma corrente de águas", conforme Is 8.7: "Eis que o Senhor fará vir eles as águas do rio, fortes e impetuosas, isto é, o rei da Assíria...". Em Os 5.10 temos o simbolismo de Deus a enviar sua ira como "corrente de água". Em Sl 33.6 e 124.4; Is 43.2, lemos que os ímpios engolfam os justos, como se fossem "uma inundação". Em Is 59.19 o inimigo é visto perseguindo a Israel "como uma corrente de água". No texto em foco, cremos que o sentido é o mesmo, isto é, a "corrente de água" que o dragão lançou de sua boca, é retratado como "um poderoso exército" composto de súditos da Besta. Mas a exemplo de Core e de seu grupo, foram tragados pela própria terra (Nm capítulo 16)

“E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a sua boca e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca" (v.16). Essa "corrente de água" (o exército) será absorvida antes de ter alcançado o lugar de "refúgio" preparado por Deus (Is 16.4). Deus usará tanto meios naturais como divinos. O certo é que a terra serviu de "bandeira" como diz o profeta Isaías (59.19): "... vindo o inimigo como uma corrente de água, o Espírito do Senhor arvorará contra ele a sua bandeira". Alguns

expositores do Apocalipse interpretam literalmente estes dois versículos (15 e 16); e, na realidade, nada há que impeça sua realização literal. Na passagem de Nm 16.31 diz que acabando Moisés de falar "... a terra que estava debaixo deles se fendeu. E a terra abriu a sua boca, e os tragou... e eles e tudo o que era seu desceram vivos ao sepulcro, e a terra os cobriu...".

"E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo" (v.17). É esta já a oitava vez que aparece esta figura feminina - a mulher -, nesta secção: (vs. 1, 4, 6, 13, 15, 16, 17). Naturalmente, essa semente da mulher perseguida, são aqueles que sobraram do número dos assinalados: os 144.000 (7.1-8); são os que guardam os mandamentos de Deus (a lei), e têm o testemunho (da morte de Cristo).

Capítulo 13

O Surgimento das Bestas

O sentido geral do capítulo é o seguinte: Vimos que no capítulo anterior Satanás foi arrojado do céu. De maneira que vem à Terra e o faz com ira e fúria. Sabe que seu tempo é escasso e durante o período limitado que tem se propõe fazer tanto mal e dano quanto lhe seja possível. A fim de provocar esse dano na Terra delega seu poder às duas bestas que são as figuras centrais deste capítulo. Esta duas bestas são os agentes e os instrumentos por meio dos quais Satanás exerce seu poder maléfico. De maneira que nossa primeira tarefa será a identificação das bestas.

"... Uma Besta". A palavra grega usada para "besta" neste capítulo é "therion" - (θηρίον), que significa "uma fera". Ela era usada na literatura grega para indicar animal "perigoso", ser animalesco de natureza sobrenatural, ou indivíduo de natureza bestial. No presente texto, João usa a palavra para descrever a "figura sombria do Anticristo". Esta Besta será uma pessoa e não apenas uma personificação do mal. A passagem fala claramente de uma pessoa, pelo uso do pronome "ela" (13.4; 17.11; 19.20). Somos forçados a crer que ele tenha duas nacionalidades: uma romana e a outra judia. Sobre a primeira (Dn 2.44; 7.7; 8.9; 9.27; Ap 13.1); sobre a segunda (Dn 11.37,38,45; Mt 24.15; Mc 13.14; Jo 5.43; 2Ts 2.4; 1Jo 2.18; 2Jo v.7). Semelhantemente, ele exercerá suas atividades em duas capitais: (Roma - centro político) e (Jerusalém - centro religioso). Os rabinos judaicos ensinam que ele será da tribo de Dã: "Dã será (no futuro) serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda" (Gn 30.6; 49.17).

"... Mar", v.1 (θαλάσσης). O mar aqui indubitavelmente é um símbolo da superfície agitada da humanidade não

regenerada, e especialmente da caldeira fervente da vida nacional e social da qual os grandes movimentos históricos do mundo se levantam. A primeira besta, cujos chifres e diademas representam poder, recebe sua energia de Satanás (v. 2). "A besta que sobe do mar" é o último grande governo mundial da história, e consiste em dez reinos sob o controle do Anticristo (ver 17.12; Dn 2.40-45; 7.24,25; 11.36-45).

O que diz a Bíblia sobre o Anticristo? As expressões que a Bíblia usa para o Anticristo são "o homem do pecado" e "o filho da perdição" (2Ts 2.3). Outras expressões usadas na Bíblia são "a besta que sobe do mar" (Ap 13.1-10), a "besta de cor escarlate" (Ap 17.3) e "a besta" (Ap 17.8, 16; 19.19,20; 20.10). Diferente do arrebatamento, a vinda do Anticristo não ocorrerá sem sinais precursores. Pelo menos três eventos deverão ocorrer antes dele surgir na terra: o "mistério da injustiça" que já opera no mundo, deverá intensificar-se (2Ts 2.7); virá a "apostasia" (2Ts 2.3); "um que, agora, resiste", deve ser afastado (2Ts 2.7). O "mistério da injustiça", isto é, a atividade secreta dos poderes do mal, ora evidente no mundo inteiro, aumentará até alcançar seu ponto máximo na total zombaria e desprezo a qualquer padrão ou preceito bíblico. Por causa do predomínio da iniquidade, o amor de muitos esfriará (Mt 24.10-12; Lc 18.8). Mesmo assim, um remanescente fiel permanecerá leal à fé apostólica conforme revelada no Novo Testamento (Mt 24.13; 25.10; Lc 18.7; Ap 2.7).

Por meio desses fiéis, a igreja permanecerá batalhando e manejando a espada do Espírito até ser arrebatada (Ef 6.11). Ocorrerá a "apostasia" (gr. apostasia), que literalmente significa "desvio", "afastamento", "abandono" (2Ts 2.3). Nos últimos dias, um grande número de pessoas da igreja apartar-se-á da verdade bíblica. Tanto o apóstolo Paulo quanto Cristo

revelam um quadro difícil da condição de grande parte da igreja - moral, espiritual e doutrinariamente - à medida que a era presente chega ao seu fim (Mt 24.5, 10-13, 24; 1Tm 4.1; 2Tm 4.3,4). Paulo, principalmente, ressalta que nos últimos dias elementos ímpios ingressarão nas igrejas em geral.

Essa "apostasia" dentro da igreja terá duas dimensões. A apostasia teológica, que é o desvio de parte ou totalidade dos ensinos de Cristo e dos apóstolos, ou a rejeição deles (1Tm 4.1; 2Tm 4.3). Os falsos dirigentes apresentarão uma salvação fácil e uma graça divina sem valor, desprezando as exigências de Cristo quanto ao arrependimento, à separação da imoralidade, e à lealdade a Deus e seus padrões (2Pe 2.1-3,12-19). Os falsos evangelhos, voltados a interesses humanos, necessidades e alvos egoístas, gozarão de popularidade.

A apostasia moral, que é o abandono da comunhão salvífica com Cristo e o envolvimento com o pecado e a imoralidade. Esses apóstatas poderão até anunciar a sã doutrina bíblica, e mesmo assim nada terem com os padrões morais de Deus (Is 29.13; Mt 23.25-28). Muitas igrejas permitirão quase tudo para terem muitos membros, dinheiro, sucesso e prestígio (1Tm 4.1). O evangelho da cruz, com o desafio de sofrer por Cristo (Fp 1.29), de renunciar todo pecado (Rm 8.13), de sacrificar-se pelo reino de Deus e de renunciar a si mesmo será algo raro (Mt 24.12; 2Tm 3.1-5; 4.3).

Tanto a história da igreja, como a apostasia predita para os últimos dias, advertem a todo crente a não pressupor que o progresso do reino de Deus é infalível na sua continuidade, no decurso de todas as épocas e até o fim. Em determinado momento da história da igreja, a rebelião contra Deus e sua

Palavra assumirá proporções espantosas. No dia do Senhor, cairá a ira de Deus contra os que rejeitarem a sua verdade (1Ts 5.2-9).

O triunfo final do reino de Deus e sua justiça no mundo, portanto, depende não do aumento gradual da igreja professa, mas da intervenção final de Deus, quando Ele se manifestará ao mundo com justo juízo (Ap 19-22; 2Ts 2.7,8; 1Tm 4.1; 2Pe 3.10-13; Jd).

Um evento determinante deverá ocorrer antes do aparecimento do "homem do pecado" e do Dia do Senhor começar (2Ts 2.2,3), que é a saída de alguém (2Ts 2.7) ou de algo, que "detém", resiste, ou refreia o "mistério da injustiça" e o "homem do pecado" (2Ts 2.3-7). Quando o restringidor do "homem do pecado" for retirado, então poderá começar o Dia do Senhor (2Ts 2.6,7).

O que agora o detém é, sem dúvida, uma referência ao Espírito Santo, pois somente Ele tem poder de deter a iniquidade, o homem do pecado e Satanás (2Ts 2.6). Esse que agora o detém ou resiste (2Ts 2.7), leva no grego o artigo definido masculino e ao mesmo tempo o artigo definido neutro, em 2Ts 2.6 ("o que o detém"). De modo semelhante, a palavra "Espírito" na língua grega pode levar pronome masculino ou neutro (Gn 6.3; Jo 16.8; Rm 8.13; Gl 5.17).

No começo dos sete anos de tribulação, o Espírito Santo será "afastado" (2Ts 2.7). Isso não significa ser Ele tirado do mundo, mas que cessará sua influência restritiva à iniquidade e ao surgimento do Anticristo. Todas as restrições contra o pecado serão removidas, e começará a rebelião inspirada por Satanás. O Espírito Santo, todavia, agirá na terra durante a tribulação, convencendo pessoas dos seus pecados, convertendo-as a Cristo e dando-lhes poder (Ap 7.9, 14; 11.1-11; 14.6,7).

Retirando-se o Espírito Santo, cessará a inibição à aparição do "homem do pecado", no cenário terreno (2Ts 2.3,4). Deus então liberará uma influência poderosa enganadora sobre todos os que se recusam a amar a verdade de Deus; os tais aceitarão as imposturas do homem do pecado, e a sociedade humana descerá a uma depravação jamais vista.

A ação do Espírito Santo restringindo o pecado é levada a efeito em grande parte através da igreja, que é o templo do Espírito Santo (1Co 3.16; 6.19). Por isso, muitos expositores da Bíblia acreditam que a saída do Espírito Santo é uma clara indicação de que o arrebatamento dos santos ocorrerá nessa ocasião (1Ts 4.17). Noutras palavras, a volta de Cristo, para levar a igreja e livrá-la da ira vindoura (1Ts 1.10), ocorrerá antes do início do Dia do Senhor e da manifestação do "homem do pecado".

"E a besta que vi era semelhante ao leopardo..." (v.2). Esse monstro é uma composição dos retratos de Daniel de antigos poderes políticos (ver Dn 7.2-7), não significando necessariamente que o leopardo seja o império romano ressurreto, como querem alguns. A descrição desta "besta" é apenas uma incorporação de todos os governos bestiais do homem que tem governado o mundo. João contempla esta grande visão que também tivera o profeta Daniel (Dn 7), só que a ordem é inversa. Daniel olha para o futuro dos séculos e vê: Leão, Urso, Leopardo e Fera Terrível; João olha para o passado e vê: Besta, Leopardo, Urso e Leão. Essa Besta combina características das primeiras três feras de Dn 7.2 e ss.

A força e a brutalidade do império babilônico, a vigilância felina do leopardo, o poder lento esmagador do urso e o rugido do leão. Desta forma o Anticristo sumariará todo o brilho da Grécia, todo o poder maciço e passado da Pérsia, todo o domínio absoluto real e autocrático da Babilônia que os gentios já conheceram.

"Ferida de morte" - εσφαγμένην εἰς θάνατον (v.3). No meio da Tribulação (v.5), o Anticristo será ferido de morte - morto -, jazerá assim brevemente, e depois será habilitado pessoalmente por Satanás, que foi expulso do céu no capítulo anterior. Satanás habitará no Anticristo e imitará a ressurreição de Cristo. "E toda a terra se maravilhou após a besta". Esse maravilhar-se com a Besta indica que ela pode declarar ter visto coisas no outro mundo que contradizem a Bíblia para dar aos pecadores perdidos uma falsa sensação de segurança quanto à eternidade.

"... E adoraram a besta" (v.4). A autoridade da Besta é mundial: sobre cada tribo, povo, língua e nação. Enquanto nos versículos 4 e 8 a adoração é aparentemente voluntária e espontânea, embora interesseira, no versículo doze parece haver intenção de coagir: observe bem a frase "faz com que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta". Isso não é de admirar, pois além das forças invisíveis do mal: o dragão lhe deu "o seu poder, e o seu trono, e grande poderio".

"... Abriu a sua boca em blasfêmias" (vv.5,6). Esta "besta", o anticristo, blasfema, não só contra Deus, mas, também contra aqueles que habitam no céu. Satanás blasfema contra Deus e todo objeto da misericórdia e da graça de Deus.

"... Foi-lhe permitido fazer guerra aos santos" (v.7). O versículo em foco, tem sua base literária nas palavras de Daniel (7.21), aludindo ao poder que Antíoco IV Epifânio teve de ferir e derrotar a nação de Israel. Historicamente, conforme o vidente João encarava a questão, o Anticristo será a culminação desse poder satânico vindo do mundo exterior. Quando surgir no grande cenário mundial, o mundo inteiro sofrerá suas perseguições atrozes. Os santos serão vencidos, não no sentido espiritual. Alguns deles morrerão à míngua, porquanto não poderão adquirir alimentos, medicamentos e outros meios de subsistência, já que não prestaram lealdade a Besta.

"Adoraram-na Todos" (v.8). O anticristo se apresentará como se fosse Deus com poder sobrenatural demoníaco (2Ts 2.4,9). Isso levará o povo a adorá-lo. A religião do anticristo ensina a divinização da humanidade como está divulgando a Nova Era (Gn 3.5). Ao invés da verdade de que em Cristo Deus se tornou homem (Jo 1.14), o Anticristo propaga a mentira de que, nele mesmo a humanidade é parte de Deus (2Ts 2.4). Atualmente, a Nova Era já enfatiza claramente a doutrina do Anticristo, sem dúvida preparando as massas para a aceitação posterior e final dessa doutrina. "O cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (v.8). A morte redentora de Cristo, pela salvação da humanidade, foi determinada por Deus desde o início da criação do mundo (17.8; Gn 3.15; 1Pe 1.18-20). "o livro da vida do Cordeiro" (v.8). O presente texto faz referência ao "livro da vida". Encontramos de novo a mesma idéia e expressão, em 21.27.

"... Se alguém tem ouvidos, ouça!" (v.9). Tal expressão chama a nossa atenção para a necessidade de darmos ouvidos à mensagem proferida e de agirmos de acordo com ela.

"... Se alguém leva em cativeiro" (v.10). A lei da compensação aqui apresentada será exclusivamente aplicada por Deus: "... Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor" (Rm 12.19b). Ninguém a não ser Deus terá esse poder no tempo do fim (Gl 6.6). A Besta que durante seu reino tenebroso, aprisionou, os servos de Deus; será aprisionada no "Lago de Fogo" (Ap 19.20; 20.10). E, semelhantemente, sua espada ferina, que matou a muitos santos naqueles dias, será neutralizada pelo "esplendor da vinda do Senhor", quando voltar a terra com poder e grande glória (cf. 2Ts 2.8; Ap 19.15).

"E vi subir da terra outra besta" (v. 11). A outra besta é o falso profeta. Ele serve de porta-voz do anticristo. Ele se faz de verdadeiro profeta, mas dirige as pessoas à adorar a primeira besta (vs. 12-14). É interessante observar que o sinal mais significativo do anticristo é atribuído ao falso profeta, isto é, o

selar fisicamente com o sinal... da besta, seu número... seiscentos e sessenta e seis - ἑξακόσιοι ἑξήκοντα ἓξ (v. 18). Como nem a língua grega nem a hebraica possuíam um sistema numérico separado, as letras de seus alfabetos continham valor numérico. Portanto, o simbólico número da besta é a soma dos valores numéricos das letras de seu nome.

"Exerce todo o poder da primeira besta na sua presença" (12). O falso profeta será o segundo mais elevado líder mundial durante a Tribulação, e ele forçará todo mundo a adorar o Anticristo.

"Até fogo faz cair do céu" (vv.13,14). Entre os poderes sobrenaturais do Falso Profeta, estará sua habilidade de chamar fogo do céu a fim de enganar aqueles que habitam na terra. Seu poder excede ao dos falsos profetas de Baal, que foram incapazes de fazer o mesmo nos tempos de Elias (1Rs 18.36-38). Muitos crerão no Anticristo durante esse tempo porque o Falso Profeta possuirá esse poder.

"Concedido que desse espírito à imagem da besta" (v.15). De maneira semelhante a Nabucodonosor, o Falso Profeta erguerá uma imagem que parecerá estar viva.

"... Um sinal na mão direita ou na testa" (v.16). O Anticristo procurará obter o total controle econômico do mundo. Todo mundo será obrigado a adorá-lo e a receber um sinal na mão ou na testa, a fim de poder comprar ou vender (vv. 16,17), identificando, assim, os adeptos dessa religião mundial do anticristo. Quem recusar aceitar o sinal será procurado para ser morto (v.15). Toda a humanidade será forçada a escolher um dos lados: "... todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos" (Ap 13.16). O Dr. Robert Thomas comenta que essa construção retórica "abrange todas as pessoas, de todas as classes sociais, [...] ordenadas segundo sua condição financeira, [...] abrangendo todas as categorias culturais [...]. As três expressões são um recurso estilístico que traduz universalidade". A Escritura é muito

específica. O falso profeta vai exigir uma "marca" em sinal de lealdade e devoção à besta, e essa marca será "sobre a mão direita" - não à esquerda - "ou sobre a fronte" (Ap 13.16).

"... O seu número é seiscentos e sessenta e seis" - (v.18). O falso profeta vai exigir uma "marca" em sinal de lealdade e devoção à besta, e essa marca será "sobre a mão direita" - não a esquerda - "ou sobre a fronte" (Ap 13.16). A palavra "marca" aparece em muitas passagens da Bíblia. Por exemplo, ela é usada várias vezes em Levítico, referindo-se a um sinal que torna o indivíduo cerimonialmente impuro, e está geralmente relacionada à lepra. É interessante notar que o modo como Ezequiel 9.4 usa a idéia de "marca" é semelhante ao de Apocalipse: "E lhe disse: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal a testa dos homens que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela". Nessa passagem, o sinal serve para preservação, assim como o sangue espalhado nas ombreiras das portas livrou os hebreus durante a passagem do anjo da morte, como relata o Livro do Êxodo. Em Ezequiel, a marca é colocada na fronte, semelhantemente à do Apocalipse. Todas as sete ocorrências da palavra "marca" ou "sinal" (gr. charagma) no Novo Testamento em grego, encontram-se no Livro do Apocalipse, e todas se referem à "marca da besta" (Ap 13.16,17; 14.9,11; 16.2; 19.20; 20.4).

Alguns se perguntam por que foi usado um termo tão específico para designar a marca do Anticristo. Essa marca parece ser uma paródia do plano de Deus, principalmente no que se refere aos 144.000 "selados" de Apocalipse 7. O selo de Deus sobre Suas testemunhas muito provavelmente é invisível e tem o propósito de protegê-las do Anticristo. Por outro lado, o Anticristo oferece proteção contra a ira de Deus - uma promessa que ele não tem condições de cumprir - e sua marca é visível e externa. Como os que receberem a marca da besta o farão voluntariamente, é de supor que as pessoas sentirão

certo orgulho de terem, em essência, a Satanás como seu dono. O Dr. Thomas afirma: "A marca será visível e identificará todos os que se sujeitarem à besta".

"... O nome da besta, ou o número do seu nome" (v.17). A segunda metade de Apocalipse 13.17 descreve a marca como "o nome da besta ou o número do seu nome". Isso significa que o número do nome da besta é absolutamente equivalente ao nome, [...]. Essa equivalência indica que, como nome, ele é escrito com letras; mas, como número, é o análogo do nome escrito com algarismos. O nome do Anticristo será expresso numericamente como "666".

"Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta (v.18). Nesse ponto da profecia (Ap 13.18), o apóstolo João interrompe momentaneamente a narrativa da visão profética e passa a ensinar a seus leitores a maneira correta de interpretar o que havia dito. Uma leitura do Apocalipse demonstra claramente que os maus não entenderão o significado, porque rejeitaram a Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Por outro lado, os demais que estiverem atravessando a Tribulação receberão sabedoria e entendimento para que possam discernir quem é o Anticristo e recusar a sua marca. A Bíblia deixa claro que aqueles que receberem a marca da besta não poderão ser salvos (Ap 14.9-11; 16.2; 19.20; 20.4) e passarão a eternidade no lago de fogo. O fato de João usar essa passagem crucial para transmitir sabedoria e entendimento aos crentes, com relação a um assunto de consequências eternas, mostra que Deus proverá o conhecimento necessário para que o Seu povo possa segui-lo fielmente.

Capítulo 14

O Cordeiro no Monte Sião

O primeiro versículo deste capítulo começa com uma cena no monte Sião, o qual sem dúvida representa o céu - única referência a Sião no Apocalipse. Somos apresentados a um grande grupo de 144.000, com características que os destaca de maneira fora do comum: (a) nas suas testas trazem os nomes do Cordeiro e do Pai - o que acontecerá com todos os redimidos por toda a eternidade (22:4); (b) só eles são capazes de compreender o novo cântico cantado diante do trono pelos harpistas; (c) não se contaminaram com mulheres, pois são; (d) seguem o Cordeiro por toda parte; (e) são as primícias de Deus; (f) são irrepreensíveis. Sem dúvida é um grupo selecionado de santos de Deus, dos quais nada mais sabemos (cf.vv.1-4).

A identidade dos 144.000 é determinada por Ap 7.4. João mal representaria dois grupos diferentes por tal número tão extraordinário, especialmente quando ele acrescenta que ambas as companhias têm a marca de Deus nas suas testas (Ap 7.3-4; 14.1).

Igualmente, diz-se que eles estão sobre o monte Sião (v.1), isto é, a Jerusalém celestial da era milenária (Ap 21.9); isto está também de conformidade com o cântico de ação de graças, em Ap 5.10, mas representa um avanço sobre o prévio retrato dos 144.000, onde esta multidão está ainda sobre a terra (Ap 7.1-8) e depois é vista no céu, ainda não incluída, contudo, nos privilégios reais.

O tema do Cordeiro e da Jerusalém celestial encontrado neste capítulo expande-se em Ap 21.9. O nome escrito nas testas dos cristãos (v.1) explica a natureza do "selo" mencionado em Ap 7.1-8. As hostes angélicas cantaram "um novo cântico" (Ap 5.9), mas somente os 144,000 podiam

aprendê-lo (v.3); evidentemente, ele trata da experiência de redenção, que somente pecadores salvos podiam conhecer.

"Não estão contaminados com mulheres" (v.4). O único verdadeiro problema aqui se encontra no versículo 4. Muitos têm insistido que deve ser entendido literalmente. Em nenhum lugar das Escrituras a virgindade, ou o celibato, é mencionado como sinônimo de santidade, ou como se tornasse alguém particularmente apto para o serviço divino. A família é uma instituição divina desde o começo das Escrituras. Portanto, isto deve ter significado simbólico, semelhante ao uso que Paulo faz desses termos em 2Co 11.2,3. O casamento não é desonroso (Hb 13.4).

Embora a nossa interpretação deste versículo seja condicionada, na nossa identificação desta companhia, com a do cap. 7, é impossível, no entanto, considerá-lo como enumerando homens solteiros somente. Entendemos que esta expressão tem sentido espiritual. Os 144.000 permaneceram puros, recusando-se a se conformar com o sistema mundial ímpio ou a pertencer à igreja apóstata dos últimos dias (ver 17.1). Note-se o caráter dos que estarão perto de Cristo no céu. Estão separados do mundo e da igreja apóstata; seguem a Cristo (Mc 8.34; Jo 14.21); dedicam-se a Deus e a Cristo (v. 4); não falam mentira (v. 5; cf. 21.27-22.15); são moralmente inculpáveis.

"... e vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno..." (v.6). Assim é introduzida a proclamação dos juízos de Deus neste texto. O evangelho é eterno em contraste com a antiga aliança, que era provisória, e deve ser ouvido universalmente. É uma boa nova para aqueles que respondem a ele, mas julgamento àqueles que o recusam. Em determinada ocasião da grande tribulação, o Evangelho de Cristo também será proclamado por um anjo (ou anjos) ao mundo inteiro, advertindo-o com clareza e poder. É um alerta à humanidade para temer a Deus, dar-lhe glória e adorá-lo, e não ao Anticristo.

Um segundo anjo (v.8) conclama: "Caiu! Caiu Babilônia, aquela cidade que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição!" Nessa visão dos vs. 6-8, embora a Babilônia seja um símbolo do sistema mundial satânico, é possível que tal sistema tenha estado centralizado em uma cidade literal. Historicamente, houve especulação sobre o fato de a Babilônia geográfica ter sido restaurada no atual Iraque. Seja simbólica ou literal, a Babilônia terá grande significado religioso e político nos últimos dias (caps. 17-18; Is 13).

"E os seguiu o terceiro anjo (v.v9). Seguiu com grande voz a total fúria da ira de Deus sobre todos aqueles que adoram a besta. Os mártires crentes da tribulação sofrerão morte física, mas aqueles que louvam o anticristo sofrerão punição eterna (20.10-15). A advertência é dirigida aos incrédulos e aos santos que serão tentados a negar a sua fé ante o grande perigo do martírio.

A ceifa e a vindima (14.14-20). O alcance dos julgamentos que estão por vir e a antevisão do Armagedom são revelados. Essa passagem retrata uma separação dos ímpios dos justos, e o foco será a negociação de Deus com os habitantes da terra (Mt 25.31-46). Esse alguém como "filho do homem" é uma figura de Cristo, como estando pronto para lançar a foice do julgamento, num mundo já maduro na iniquidade (vv. 14-20). Os versículos 14-16 são uma antevisão dos eventos de 16.12-16 e 19.11-20. Uma grande matança ocorre nos últimos dias da tribulação. Trata-se da batalha de Armagedom (Zc 14.1-4; ver Ap 16.16; 19.17-19). Aqui temos uma antevisão dela.

O que é o Armagedom? Deus escolheu a nação de Israel para que ele tivesse um recipiente de verdade divina para as gerações que viriam. Através de Israel, Deus deu ao mundo a Palavra de Deus, os patriarcas, os profetas, Jesus Cristo e os apóstolos. Não haveria nenhum Cristianismo sem a contribuição dos judeus. O amor de Deus por Israel produziu ódio em Satanás por Israel e pelo povo judeu. O anti-semitismo

é impulsionado por um espírito demoníaco, por causa das contribuições de justiça que o povo judeu deu à civilização.

No início da Tribulação, o messias de Satanás, o Anticristo, assinará uma aliança de paz de sete anos com Israel, garantindo-lhe a segurança nacional e o direito de construir o terceiro templo no monte do Templo. Ele quebrantará esse tratado depois de três anos e meio e tentará eliminar todos os judeus da face da terra. João escreve em Apocalipse: "Quando, pois, o dragão [Satanás] se viu atirado para a terra, perseguiu a mulher [Israel] que dera à luz o filho varão" (12.13).

Em Apocalipse, descobrimos que as nações do mundo vão para o Armagedom por causa de três espíritos de demônios que operarão sinais e se dirigirão "aos reis do mundo inteiro... com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso" (Ap 16.14).

O propósito de Satanás é exterminar cada judeu da face da terra. O Senhor Jesus Cristo está voltando à terra para governar sobre a semente de Abraão, Isaque e Jacó. Se Satanás, através do Anticristo, pode destruir os judeus, não há razão para a volta de Jesus, e Satanás poderia continuar como dominador do mundo.

Eis aqui a sequência da batalha do Armagedom. Em Ez 38.9 lemos: "Então, subirás, virás como tempestade, far-te-ás como nuvem que cobre a terra". Note a expressão "que cobre aterra". Antes de terminar, a batalha do Armagedom cobrirá toda a terra de Israel.

Deus diz em Joel: "Congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá" (3.2). O vale de Josafá é aquela parte da terra de Israel que vai de Jerusalém até o Leste do Jordão e, em seguida, em direção ao Norte. A batalha do Armagedom alcançará Armagedom no Norte até o vale de Josafá no Leste.

Deus falando através de Zacarias diz: "Eis que eu farei de Jerusalém um cálice de tontear para todos os povos em redor e também para Judá, durante o sítio contra Jerusalém... Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja" (Zc 12.2; 14.2).

Quando ajuntamos todos estes versículos, descobrimos que a batalha do Armagedom cobre toda a região. Ela começa nas planícies de Megido, no Norte, descendo através do vale de Josafá, incluindo a terra de Edom, no Sul e Leste, e Jerusalém.

Em Ap 14.19, lemos sobre o Armagedom: "Então, o anjo passou a sua foice na terra, e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios". Imagine isso! Mil e seiscentos estádios são aproximadamente 300 quilômetros. Se olharmos no mapa, você descobrirá que da parte norte de Israel até à parte sul se atingem aproximadamente 300 quilômetros.

A batalha do Armagedom começará quando "no tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele" (Dn 11.40). Creio que o rei do Sul é o Egito juntamente com uma força militar pan-islâmica em direção a Jerusalém para a Terra Santa.

Daniel continua, dizendo: "e o rei do Norte arremeterá contra ele". Isso é a Rússia. A Rússia tentará se tornar uma superpotência militar novamente, conquistando o golfo Pérsico. Os fundamentalistas radicais islâmicos se juntarão a eles num esforço para mandarem os judeus para o mar Mediterrâneo.

Após uma aliança russo-arábica ter varrido a cidade de Jerusalém, eles se retirarão para a planície de Megido, que é o Armagedom. Ali, Deus os destruirá, para que as nações gentias possam saber que ele é Deus e que "não dormita, nem dorme o guarda de Israel" (Sl 121.4).

Com a Rússia e as nações árabes destruídas, o Anticristo dos Estados confederados da Europa vai para Israel para estabelecer o seu governo mundial, "mas, pelos rumores do Oriente e do Norte, será perturbado" (Dn 11.44). A razão pela qual o Anticristo será perturbado é que seu serviço secreto militar relata a ele que um exército de dois milhões de soldados está marchando em direção ao leito seco do rio Eufrates para uma luta titânica pela supremacia do mundo (Ap 9.14-16; 16.12).

A batalha do Armagedom é concluída com outra invasão, não do Norte ou do Sul, ou do Leste ou Oeste, mas do céu. João escreve: "Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça... e o seu nome se chama o Verbo de Deus; e seguiam-no os exércitos [os santos] que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-poderoso. Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES" [Βασιλεὺς βασιλέων καὶ Κύριος κυρίων](Ap 19.11,13-16). O Anticristo e o Falso Profeta são jogados no lago de fogo e enxofre (Ap 19.20), e Jesus Cristo, o verdadeiro Messias, o Príncipe da Paz, o Abençoador de Abraão, o Filho de Davi, Siló, reinará para todo o sempre de Jerusalém, a cidade de Deus.

“Porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso... Então, os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom" (Ap 16.14,16).

Capítulo 15

A Consumação da Ira de Deus

É feita uma preparação para a consumação do Juízo com a introdução de sete anjos que esvaziarão as sete taças (16.1-21). Enquanto os selos e as trombetas retratam julgamentos parciais, as sete taças retratam julgamentos que estão prestes a ser consumados e, portanto, são os últimos.

Diz-se que as taças iniciam "pragas", que são as últimas, porque nelas é consumada a ira de Deus (v.1). Isto se relaciona, muitas vezes, com o fato que nenhuma descrição foi dada da sétima trombeta, ainda que trouxe o fim (Ap 11.15); então, sugere-se que o conteúdo das taças consiste de eventos que se seguem ao soar da última trombeta. Isto é possível. Deve-se notar, contudo, que o conteúdo das sete taças é muito semelhante ao das sete trombetas; na maioria dos casos, a diferença parece estar na amplificação das pragas anteriores, nas sete trombetas. A segunda e terceira taças, por exemplo, parecem simplesmente revelar que têm aumentado em extensão as pragas da segunda e terceira trombetas. A quarta trombeta afeta o sol, de uma certa maneira, a quarta taça, em uma outra (Ap 8.12; 16.8). A quinta e a sexta trombetas têm uma correspondência extraordinária com a quinta e a sexta taças (Ap 9.1-21; 16.10-16). O terremoto, depois da sétima trombeta, parece ser o mesmo que se segue à sétima taça, somente que se descreve em mais detalhe (Ap 11.19; 16.17). Desta maneira, as taças dão uma mais plena revelação do que já, se tinha revelado sob os juízos das trombetas, junto com certas novas características.

"E vi um como mar de vidro misturado com fogo" (v.2). O mar de vidro é misturado com fogo, por causa do juízo iminente. Os confessores têm desafiado a besta, recusando-se a adorar a sua imagem e abjurando a marca que é o número do seu nome. O cântico de Moisés... e o cântico do Cordeiro

são um, recordando o cântico triunfante dos israelitas nas praias do Mar Vermelho (Êx 15). O nome de Moisés é ligado com o de Cristo porque um livramento semelhante, ainda que muito maior, tem sido conseguido de um inimigo semelhante, se bem que muito maior. É comum nos profetas a comparação de redenção final com o êxodo (cfr. Is 51.9-11). Cada linha do cântico é reminiscente dos profetas e salmistas: Grandes e maravilhosas são as tuas obras (cfr. Sl 111.2; 98.1; 139.14); justos e verdadeiros são os teus caminhos (cfr. Sl 145.17; Dt 32.4); Rei dos Santos (das nações ARA). Quem te não temerá...? (3-4; cfr. Jr 10.7); todas as nações virão (4; cfr. Sl 86.9); os teus atos de justiça se fizeram manifestos (cfr. Is 26.9; Sl 98.2). A aproximação e o culto das nações parecem antecipar a sua conversão no milênio.

"... o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu (v.5). O tabernáculo se chamava "a tenda do testemunho" (Nm 9.15), desde que a arca, contendo as tábuas da aliança, nele se guardavam. Uma vez que a arca mais tarde ficava no templo, o próprio templo às vezes se chamava o tabernáculo (Sl 84.1-2; Ez 41.1). Aqui, por conseguinte, a segunda cláusula deve ser traduzida "o templo, a saber, o tabernáculo do testemunho no céu, foi aberto". Ressalta que os juízos que estão para se executar são a expressão da justiça de Deus. Uma versão diz que os anjos estavam "vestidos de pedras preciosas, puras e resplandecentes", em vez de linho puro e resplandecente, como na Almeida. Porém as palavras gregas para "pedras" (lithon) e "linho" (linon) são muito semelhantes, de maneira que é difícil dizer qual é certa. Ver, contudo, Ez 28.13.

“E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre" (v.7). As taças (salvas RC) de ouro, como os recipientes da ira de Deus, podem ter sido sugeridas pelo frequente uso, no Velho Testamento, de "cálices", para denotar a medida de Deus de juízo sobre os pecadores (cfr. Ap 14.9-10).

“O templo encheu-se com a fumaça da glória de Deus" (v.8). Para semelhantes ocasiões deste fenômeno no Velho Testamento, ver Êx 40.35; 2Cr 7.2-3; Is 6.4; Ez 10.4; 44.4.

Capítulo 16

As Sete Taças da Ira de Deus

Começa agora o derramamento das sete taças da ira de Deus antes da volta pessoal de Cristo à terra. Uma grande guerra mundial ocorrerá perto do fim desses julgamentos (v. 14; ver v. 16; Dn 11.36-45). Esses julgamentos serão mais intensos e mais severos do que os anteriores.

A primeira taça (v.2). A praga da primeira taça não tem contraparte naquelas das trombetas, porém, como muitas destas últimas, ela recorda as pragas do Egito (Êx 9.10-11).

A segunda taça (v.3). Cfr. a primeira praga egípcia (cfr. Êx 7.17 e segs.). Onde a segunda trombeta afetou uma terça parte do mar (Ap 8.8), esta se estende através de todos os mares.

A terceira taça (vv.4-7). A mesma praga egípcia está em mente. Cfr. a terceira trombeta (Ap 8.10-). Estar embriagado com sangue, no Velho Testamento, significa morte pela espada; cfr. Is 49.26. O altar concorre neste juízo; cfr. Ap 6.10 e Ap 14.15-18.

A quarta taça (vv.8-9). A quarta taça fica em contraste à quarta trombeta (Ap 8.12), mas ver vers. 10- 11.

A quinta taça (vv.10-11). A quinta taça manda trevas ao império do anticristo; cfr. Êx 10.21 e as trevas sobre a terça parte da terra, depois da quarta trombeta, Charles sugere que a dor excessiva desta praga deve-se aos gafanhotos demoníacos da quinta trombeta, cujo aparecimento, coincidindo com a fumaça do abismo, escureceu os céus. É que causou tormentos aos aderentes da besta (Ap 9.1-6); tal

interpretação estaria de acordo com a relação das trombetas e as taças esboçada na introdução aos capítulos 15-16.

A sexta taça (vv.12-16). E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates (v.12a). A sexta trombeta também afeta ao Eufrates (cfr. Ap 9.13 e segs.), uma coisa que mal pode ser coincidente. Mas, enquanto a sexta trombeta traz para fora as hostes demoníacas, a sexta taça prepara para a invasão do império pelos reis do oriente (12; "do lado do nascimento do sol"). Estes últimas se descrevem mais pormenorizadamente em Ap 17.12-13; eles se põem à disposição do anticristo (Ap 17.17), saqueiam a cidade meretriz e guerreiam contra o Cordeiro (Ap 17.14). Se esta é a posição original deste versículo, a advertência não está sem finalidade (cfr. Mt 24.43; 1Ts 5.2,4). Há sete bem-aventuranças neste livro: Cfr. Ap 1.3; 14.13; 19.9; 20.6; 22.7,14.

E os congregaram no Armagedom (v.16b). Armagedom (gr. harmagedon - ἁρμαγεδδών), localizado no centro-norte da Palestina, significa "vale do Megido" será o ponto central da batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso (v. 14). Essa guerra será travada perto do fim da tribulação, e acabará quando Cristo voltar para destruir os ímpios (ver comentário em Ap 14.19), para libertar o seu povo e para inaugurar seu reino messiânico. Note os seguintes fatos no tocante a esse evento: Os profetas do Antigo Testamento profetizaram o evento (Dt 32.43; Jr 25.31; Jl 3.2,9-17; Sf 3.8; Zc 14.2-5); Satanás e os seus demônios reunirão muitas nações sob a direção do anticristo a fim de guerrearem contra Deus, contra seus exércitos, contra seu povo e para destruir Jerusalém (vv. 13,14,16; 17.14; 19.14,19 ; ver também Ez 38,39 ; Zc 14.2). Embora o ponto central esteja na terra de Israel, o evento do Armagedom envolverá a totalidade do mundo (Jr 25.29-38); Cristo voltará e intervirá de modo sobrenatural, destruindo o anticristo e os seus exércitos (19.19-21; Zc 14.1-5), e todos aqueles que desobedecem ao evangelho (Sl 110.5; Is 66.15,16; 2Ts 1.7-10). Deus também enviará destruição e

terremotos sobre o mundo inteiro nesse período (vv. 18,19; Jr 25.29-33).

A sétima taça (vv.17-21). A sétima taça é despejada no "ar" (17), dando a noção de algo até mesmo mais portentoso do que o dano feito na "terra" (v.2) ou "mar" (v.3) ou "águas" (v.4) ou "sol" (v.8); ela significa o golpe final contra as forças do mal, tanto humanas como satânicas (Ef 2.2). Daí a voz (de Deus?) proclama: Está feito (17), Cf r. "Está consumado" (Jo 19.30) e ver Ap 21.6. Nos vers. 18-19 dá-se, afinal, o significado dos relâmpagos, etc., que seguiram à sétima trombeta (Ap 11.19) e ao sétimo selo (Ap 8.5); eles conseguem a destruição da civilização anticristã. Através do terremoto (cfr. Ap 6.12), a grande cidade foi dividida em três partes. Dá-se no v. 20 a descrição hiperbólica da magnitude do terremoto. O tamanho das pedras de saraiva (v.21) condizem com as proporções espantosas desta última sacudidura dos céus e da terra (Ag 2.21); um talento pesa cerca de 45 quilos. Os egípcios sobreviveram a uma praga de grandes pedriscos (Êx 9.24), uma aliança, de exércitos perseguida por Josué foi desbaratada por eles em Bete-Horom (Js 10.11), enquanto as hostes de Gogue deveriam aguardar uma sorte semelhante (Ez 38.22); este evento eclipsa todas as tais descrições. Ele subjuga os homens, porém não os conduz ao arrependimento.

16.1. As Atividades do Anticristo

Ao começar o Dia do Senhor, "o iníquo" aparecerá neste mundo. Trata-se, nos meios eruditos da Bíblia, de um governante mundial que fará aliança com Israel por sete anos, antes do fim da presente era (Dn 9.27).

A verdadeira identificação do Anticristo será conhecida três anos e meio mais tarde, quando ele romper sua aliança com Israel, tornar-se governante mundial, declarar ser Deus, profanar o templo de Jerusalém, proibir a adoração a Deus (2Ts 2.4, 8,9) e assolar a terra de Israel (Dn 9.27; 11.36-45).

O Anticristo declarará ser Deus, e perseguirá severamente quem permanecer leal a Cristo (Ap 11.6,7; 13.7, 15-18; Dn 7.8, 24,25). Exigirá adoração, certamente sediada num grande templo que será usado como centro de seus pronunciamentos (cf. Dn 7.8, 25; 8.4; 11.31, 36).

O "homem do pecado" fará mediante poder satânico, grandes sinais, maravilhas e milagres a fim de propagar o engano (2Ts 2.9). "Prodígios de mentira" significa que seus milagres são sobrenaturais, parecendo autênticos, para enganar as pessoas e levá-los a crer na mentira. Tais demonstrações possivelmente serão vistas no mundo inteiro, pela televisão. Milhões de pessoas ficarão impressionadas, enganadas por esse líder altamente convincente, por não darem a devida importância à Palavra de Deus nem ter amor às suas verdades (2Ts 2.9-12).

16.2. A Derrota do Anticristo - Batalha do Armagedom

No fim da tribulação, Satanás congregará muitas nações no Armagedom, sob o comando do Anticristo, e guerrearão contra Deus e o seu povo numa batalha que envolverá o mundo inteiro (Dn 11.45; Ap 16.16). Quando isso ocorrer, Cristo voltará e intervirá de modo sobrenatural, destruindo o Anticristo, seus exércitos e todos os que não obedecem ao evangelho (Ap 19.15-21). A seguir, Cristo prenderá Satanás e estabelecerá seu reino na terra (20.1-6).

Capítulo 17

A Mulher assentada sobre a Besta

17.1. A visão de Babilônia na sua glória (Ap 17.1-6)

As palavras do anjo a João poderiam formar um título adequado dos caps. 17 e 18: A condenação da grande prostituta que está assentada, sobre muitas águas. Como o cap. 17 descreve as circunstâncias da sua queda, a promessa no título não é realmente cumprida até o cap. 18. A cidade de Tiro é chamada meretriz, por Isaías (Ap 23.16-17), como também é Nínive por Naum (Ap 3.4), enquanto a última parte do vers. 2 cita a descrição, por Jeremias, de Babilônia (Jr 51.7), assim como esta cidade foi chamada pelo profeta como "tu que habitas sobre muitas águas" (Jr 51.13). Do vers. 9 é uma para uma boa parte dos teólogos, a certeza de que Roma está na mente de João. Nesta descrição, portanto, como na figura apocalíptica do vers. 3, ele ensina que este império (Roma ou outro) inclui em si a maldade de todos os seus predecessores.

A besta, que representa o império, retrata-se semelhantemente como o dragão (cfr. Ap 12.3), mostrando com isso a sua afinidade com ele. O símbolo de uma mulher assentada sobre uma besta cor de escarlate (v. 3) originalmente denotava uma unidade, a besta sendo a representação anterior, e a mulher a posterior, de um e o mesmo monstro caótico. Para João, contudo, forma um retrato adequado para ilustrar a relação entre a cidade capital e o Império. À primeira vista, parece estranho que no vers. 1 a prostituta assenta-se sobre muitas águas, enquanto que no vers. 3 ela habita num deserto. A explanação pode ser que João está recordando a profecia de Isaías contra Babilônia, o título de que é "Sentença contra o deserto do mar" (Is 21.1); é digno de nota que os LXX omitem as últimas três palavras. A luxúria e a imundícia moral da cidade aqui se revelam vividamente, de novo com o auxílio da caracterização, de

Jeremias, de Babilônia. A exibição do nome na testa da prostituta (5) provavelmente (pensam alguns) alude ao costume das meretrizes romanas que, semelhantemente, expunham seus nomes nas suas testas. O prefixo MISTÉRIO podia ser uma parte da inscrição; mas é mais provável que indique que o nome não devia ser tomado literalmente (cfr. Ap 11.8, "a grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito"). Moffatt traduz "por meio de símbolo". O título serve para caracterizar cidade tirana como sendo da mesma natureza como aquela contra a qual os antigos profetas profetizavam tão veementemente; é a MÃE DAS MERETRIZES (ou devassidões, Vulg. e Primasius) E DAS ABOMINAÇÕES (isto é, IDOLATRIAS) DA TERRA (5). É importante mencionar que Roma causou a ruína moral de todo o Império. A alusão no vers. 6 inclui não somente a perseguição Nerônica, como também o costume geral de levar para Roma todos os mártires para morrerem no anfiteatro.

17.2. A visão explanada: a destruição da Babilônia (Ap 17.7-18)

A interpretação desta seção se torna difícil pela flutuação no simbolismo. Nos vers. 10 e 11, diz-se encarnar a besta num rei que uma vez viveu e que reaparece como o último imperador de uma sucessão ímpia; isto é, ele é um indivíduo. Contudo, é claro que os vers. 1-6 falam de uma cidade e de um império, não de um indivíduo ou até mesmo uma linha de soberanos (imperadores são apenas cabeças, não a besta toda). Com isto concordam os vers. 9 e 10, os sete montes denotando a cidade de Roma, a sede do império anticristão. Uma vez que é tradicional o uso da besta com sete cabeças e dez chifres para representar a potência universal sem Deus e perseguidora, é quase certo que João se serve de fontes anteriores em vez de compor algo inteiramente original (cfr. o cap. 12); isto pode explicar algo da ambiguidade. A maioria dos expositores interpretam o vers. 8 com o auxílio do vers. 11, e consideram que a passagem toda descreve um anticristo individual; a expressão era, e já não é, mas que virá

no vers. 8, sente-se ser inteiramente explicável pelo mito do Nero ressuscitado, cujo retorno dos mortos para lutar contra Roma era largamente esperado quando este livro estava sendo escrito. Com esta expectação os vers. 16 e 17 concordam admiravelmente.

Há, contudo, uma outra possível linha de interpretação. Admite-se unanimemente que os vers. 1-6 retratam um império, não um indivíduo. Se João utilizou algum escrito anterior em compilar os vers. 7-18, essa fonte também se referia à besta como o império. Por isso não é improvável que o profeta cristão tivesse particularmente em vista, o império. Se assim é, o vers. 8a deve-se explicar principalmente, não de Nero ressurreto, mas do império. De tais Escrituras, como Is 27.1; 30.7; 51.9-10, é claro que os profetas do Velho Testamento aplicavam propositadamente o símbolo do "monstro caótico" às nações hostis a Israel, especialmente ao Egito, mas não somente àquela potência. Deus havia conquistado aquele monstro no princípio. Jaz dormente por enquanto (cfr. Is 30.7) mas está, para se levantar de novo. A tal tempo, Deus o destruiria de uma vez para sempre. "A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição" (comp. Is 27.1) assim descreve este monstro, esboçando a sua história.

Uma solução razoável parece ser que João aqui fundiu dois símbolos para dar a sua mensagem, o do monstro caótico e o de Nero Redivivus. A besta é o poder do mal, manifestando-se através da história nos impérios sem Deus, mas agora no Império Romano. Até agora, tem jazido mais ou menos dormente; em breve se levantará da sua inatividade e revelar-se-á num furor de impiedade, encarnando-se no Nero ressurreto. Com esta chave à passagem em mente, podemos atender aos seus detalhes.

A explanação dada pelo anjo (v.7) é uma continuação direta da visão anterior; diz quem a mulher e a besta representam. É de esperar, portanto, que a interpretação

envolverá mais de que um membro da besta. A besta foi, e já não é (8); isto é, tinha antes uma existência como uma potência má e ímpia, mas que tem sido silenciada. Isaías chama o Egito de "Gabarola que nada faz" (Is 30.7), isto é, o monstro caótico, feito inútil por Deus. A Roma é dado aqui um nome semelhante, ela foi, e já não é, mas que há de vir, isto é, brevemente está para subir do abismo e fará uma obra de horror como os faraós, os reis assírios e Antíoco Epifânio de outrora. Contudo, irá para a perdição - o monstro caótico não pode triunfar sobre Deus, nem o pode Roma. Como o vers. 11 refere isto a Nero, que está para voltar à terra, podemos compreender que a plena posse por parte de Roma das características do monstro caótico só poderá, ser quando ele se encarnar no Nero que há de vir. Este rei demoníaco compartilha tão plenamente da natureza do poder do mal, que as suas histórias podem ser delineadas nos mesmos termos. Ele é a besta encarnada. Uma manifestação tão espantosa de poder sobrenatural faz que toda a terra se admire, salvo aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida.

Dá-se uma dupla interpretação das sete cabeças a fim de identificar a besta além de qualquer dúvida. Roma era familiarmente conhecida como "a cidade sobre sete montes". A besta se localiza desta forma em Roma. Mas as cabeças representam reis. Qualquer que tenha sido o significado do número "sete" aos antigos escritores, para João era símbolo de inteireza; cinco já caíram (10) significa que a maioria já passou; o "um existe" refere-se ao soberano contemporâneo; outro imperador reinará, mas quando vier, convém que dure um pouco de tempo (10); a curta duração do seu reino se reforça pela consideração que "o tempo está próximo" (Ap 1.3).

Depois do último imperador humano, a besta revelar-se-á em toda a sua bestialidade. A besta que viste foi e já não é (8), é o poder perene do mal; manifestar-se-á como o oitavo rei, se bem que na realidade não o oitavo, pois ele manifestar-se-á, na forma de um dos sete, isto é, Nero. No contexto dos vers. 9 e

10 parece que a afirmação "a besta... também é ele o oitavo rei" (11) deve significar que o império inteiro, ou antes o mau gênio que caracteriza o império, se encarna no oitavo rei. A ênfase está no império na sua inteireza. Não deve ser interpretado como "A besta, Nero, é um oitavo rei, além de um dos sete"; a cláusula descritiva "era, e já não é" denota o império monstro caótico em primeiro lugar, e Nero só secundariamente. Quando, contudo, se diz que a besta "subirá ao abismo", a ênfase está na pessoa que é a sua encarnação.

Os dez reis aliados ao anticristo (v.12) podem ser governantes de estados satélites ou governadores de províncias. Bousset sugere, com menos probabilidade, que eles podem ser poderes demoníacos de uma natureza semelhante ao seu líder. Reconta-se imediatamente o destino final dos dez reis a fim de completar a sua descrição (14). Logicamente este versículo devia seguir o v. 17 depois da narração da sua parte na destruição do império. Alguns comentadores, por conseguinte, o transferem para esse lugar. Mas apocaliptistas nem sempre seguem uma sequência estritamente lógica. Este versículo realmente antecipa Ap 19.19 e segs.; se de um ponto de vista é supérfluo nesta visão, de outro a sua posição aqui é plenamente inteligível. O seu significado é, ou que eles, que estão com ele, chamados, e eleitos, e fiéis (14), compartilham desta conquista do anticristo e dos seus auxiliares, ou que eles, tão bem como o Cordeiro, triunfarão sobre o anticristo na sua vida moral (cfr. Ap 12.11).

Enquanto as águas de Babilônia foram literalmente em vista na profecia de Jeremias, o profeta as considera como apropriadamente simbolizando os povos sobre os quais reinava Roma (v.15). O anticristo, com os seus aliados, ajudará na destruição de Roma, que, de outra forma, se faz pelo grande terremoto (Ap 16.19). Ambos os meios de destruição são devidos à providência ativa de Deus. A linguagem do vers. 16 é tirada da descrição de Ezequiel do castigo de Israel (Ez 23.25-29). Não se dá nenhuma explanação porque o imperador anticristão se vira contra a cidade anticristã. A

história popular de Nero esperava que ele se erguesse somente para esmagar o império; contudo, este capítulo todo, e Ap 8.5, dá explicitamente por admitido que ele primeiro reinará sobre o império e, com o auxílio deste, se enfurecerá contra as obras de Deus durante três anos e meio. Este procedimento bem ilustra o método de João de livremente adaptar as suas fontes a fim de entregar a mensagem que Deus lhe tem dado para a instrução dos seus santos.

Capítulo 18

A Queda da Babilônia

18.1. O lamento sobre Babilônia (Ap 18.1-24)

Este capítulo modela-se nos cânticos de vitória dos profetas do Velho Testamento sobre as nações hostis dos seus tempos. Tão rememorativo destes é ele, que se pode dizer que sumaria todos os oráculos proféticos sobre a destruição dos povos injustos. As profecias contra Babilônia (Is 13; 21; 47; Jr 1; 51) e Tiro (Ez 26-27) parecem ter estado especialmente na mente de João.

Descreve-se a glória deste anjo (v.1) em palavras empregadas por Ezequiel na descrição da Chequiná (glória de Deus) que voltava para o templo restabelecido (Ez 43.2). Para semelhantes quadros de resplendor angélico, cfr. Ap 10.1 e Ap 14.14. Caiu, caiu a grande Babilônia - ἔπεσεν ἔπεσε Βαβυλὼν ἡ μεγάλη (v.2) é uma citação de Is 21.9. Para o resto do versículo, cfr. Is 13.21-22. Estritamente falando, este quadro é incompatível com Ap 19.3; não é impossível que João misture propositadamente o seu simbolismo, esperando que os seus leitores exercitem cautela na interpretação. Comparar ambos os vers. com Is 13.19-22. Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição (v. 4); isto atribui a Roma a responsabilidade pela corrupção de toda a terra. Cfr. o vers. 4 com Jr 51.6,45; Is 52.11; também o vers. 5 com Jr 51.9; e o vers. 6 com Jr 16.18; 1.29; Is 40.2. Dirige-se o clamor do vers. 6 aos exércitos vingadores do anticristo e os seus aliados? Ver Ap 17.12-13,16-17. O juízo de Roma deverá ser em proporção à sua auto-glorificação, devassidão e orgulho; cfr. Is 47.7-9. É possível que no vers. 8 como em Ap 6.8, thanatos deva ser traduzida "pestilência", em vez de morte. Podemos também traduzir penthos por "calamidade", em vez de pranto, assim

fazendo as três pragas "pestilência e calamidade e fome". A destruição pelo fogo faz-se pelas hostes invasoras sob o anticristo (cfr. Ap 17.16).

A lamentação sobre Babilônia faz-se pelos reis da terra (vv.9-10), os mercadores da terra (11-17a) e os proprietários de navios e marinheiros (17b-19). João aqui se endivida particularmente ao cântico de destruição de Ezequiel sobre Tiro (Ez 26-27). Note-se que os reis da terra (v.9) são aqueles mencionados em Ap 17.18, não aqueles em aliança com a besta (Ap 17.16-17). Cfr. Ez 26.16-17. A substância de cada lamentação é a mesma, a saber, pois numa hora veio o seu juízo (10; ver vers. 17,19).

Com o vers. 11 cfr. a lista das nações mercantes que negociavam com Tiro (Ez 27.12-24) e o seu pavor e medo (Ez 27.35-36). Vers. 12-13 fornecem uma relação das mercadorias vendidas pelos mercadores a Roma. Cfr. as importações de Tiro (Ez 27.12-24). Madeira odorífera vinha da África setentrional e era especialmente usada na fabricação de mesas dispendiosas. Marfim era popular entre os romanos tanto para adorno para móveis como para ornamentos. Cinamomo é uma especiaria aromática, "amomo" era uma planta fragrante da Índia, usada na fabricação de caro unguento para os cabelos. Carros aqui são de um gênero especial (gr. rhedai), tendo quatro rodas e muitas vezes custosamente decorados. Duas palavras são usadas aqui para escravos: sõmata, "corpos", e psychai anthrõpõn, "algumas de homens", esta última frase ocorrendo em Ez 27.13. Talvez João tenha empregado ambos os termos para exprimir a sua repugnância ante um sistema tão brutal, que esmagava tanto os corpos como as almas dos homens.

Swete observa que, enquanto os reis lamentam sobre Babilônia pela força que lhe partira (v.10), os mercadores se preocupam principalmente com a riqueza que esvaecera; assim também os marinheiros, no vers. 19.

O apelo aos céus e à Igreja para regozijar-se sobre o juízo de Babilônia (v.20), formando um forte contraste à lamentação anterior, parece proceder do mesmo profeta. Dever-se-á ser assim ou não, Ap 19.1-7 forma uma resposta adequada ao clamor. A ação simbólica do anjo (vv.21-24) sugere-se por uma semelhante feita sobre Babilônia por Jeremias (Jr 51.63-64). Mousikõn, traduzida músicos (v.22), deve ser traduzida "cantores" como em Test. Judá 23.2. A sentença relembra Ez 26.13. As cláusulas que se seguem, descrevendo a cessação de artes, indústria, as alegrias do matrimônio e todos os meios de iluminação, reproduzem Jr 25.10, porém, numa ordem diferente. Os teus mercadores eram os grandes da terra (v.23) foi primeiro dito por Isaías com relação a Tiro (Ap 23.8). Aduze-se como uma razão pelo juízo de Roma porque, julgando do vers. 3, os seus mercadores promulgaram a "devassidão" da cidade, e isso de pura ambição, e desta maneira eles mesmos se ligavam com o vício luxurioso de Roma. Isaías já havia comentado as feitiçarias da original Babilônia (Ap 47.12), e Naum trouxe uma acusação semelhante contra Nínive, (Ap 3.4). As feitiçarias (23), contra as quais se invectiva, podem ser tomadas no sentido literal de magia negra, porém mais provavelmente "a feitiçaria de vício alegre e luxurioso e as suas idolatrias concomitantes, pela qual o mundo era fascinado e desviado" ("Swete").

Cfr. o vers. 24 com Mt 23.35, onde o nosso Senhor acusa Jerusalém da mesma maneira. A afirmação de João se justifica não somente pelas perseguições ferozes que ele antecipava se ergueriam na grande tribulação, mas também pelo seu conceito de Roma como a encarnação do espírito do mal, que tem assaltado ao povo de Deus.

18.2. Notas sobre o Império Anticristão

Uma principal pergunta pede a consideração da leitura dos cap. 13, 17 e 18. Se Roma é o Império das visões de João, não são eles desacreditados, vendo que Roma

subsequentemente não foi destruída, mas se tornou um centro universal do Cristianismo? Não há, contudo, nenhuma dúvida de que Roma fosse, na realidade, a cidade meretriz das visões de João. O profeta faz tudo senão nomeá-la em Ap 17.9,18 e pelo seu uso do nome místico Babilônia (ver 14.8 n.). Roma era, para João, o requinte do espírito ímpio manifesto nas eras mais antigas, porém, agora, em seu auge. Como tal, era o último Império sobre o qual o diabo dominaria. O aparecimento iminente de um anticristo pessoal, que encarnaria a sua maldade, seria um fenômeno de curta existência. João parece sugerir que cairiam brevemente os juízos messiânicos e o domínio de Roma cederia lugar ao reino milenário.

Antes de passar juízo nesta matéria, torna-se necessário recordar que o ponto de vista de João em nada difere do parecer de seus predecessores no ofício profético. Todos os profetas aguardavam derrota da nação opressora do seu dia, seguida pelo estabelecimento do reino de Deus. Isaías esperava que o livramento messiânico se seguisse ao juízo de Deus sobre a Assíria (ver Is 10-11), Habacuque, na destruição de Babilônia (Hb 2.2-3), Jeremias, Isaías e Ezequiel, todos profetizavam o estabelecimento do reino depois do retorno dos judeus, sob Ciro (Jr 29-31; Is 49; 51; Ez 26). Ageu, escrevendo depois daquele retorno, predisse o advento do reino após o término do templo, que estava então no curso de reconstrução (Ag 2), enquanto toda a visão de Daniel colocou o término depois da derrota de Antíoco Epifânio. Semelhantemente no Novo Testamento, a segunda vinda de Cristo parece ser esperada no futuro não muito remoto (Rm 13.11-12; 1Co 7.29-30; Hb 10.37; Tg 5.8; 1Pe 4.7; 1Jo 2.18; Ap 1.3). Até mesmo o nosso Senhor coloca o seu ensino, com respeito ao segundo advento, lado a lado com as suas profecias concernentes à queda de Jerusalém (ver Mc 13).

Não era João exceção a esta regra. Foram-lhe dadas revelações da consumação da era. Elas não foram novas; estavam de acordo com a fé do resto da Igreja, ainda que

formassem um avanço nela. Toda a Igreja esperava uma última rebelião sob um anticristo como o precursor do fim, e não tinha nenhuma dúvida quanto à consequência do conflito. Viu João que Roma já estava apresentando o papel de anticristo. Como a consequência destas tendências era precisamente a de que falavam os profetas anteriores, ele aplicava as suas visões à situação. Roma era a cidade meretriz, um imperador demoníaco seria o anticristo pessoal, e o sacerdócio do culto do imperador supriria o falso profeta. Estava preparado o palco para o fim e João descrevia o drama. Que o fim não chegou então, não invalida a essência da sua profecia, não mais do que os outros profetas de que temos falado. Os muitos anticristos desde o dia de João têm-se aproximado mais e mais do retrato dele e culminarão em um que calhará perfeitamente.

Capítulo 19

O Fim da Grande Tribulação e a Gloriosa Segunda Vinda de Cristo

Introdução

O capítulo 19 trata do fim da grande tribulação (gr. θλίψεως τῆς μεγάλης) e da gloriosa segunda vinda de Cristo à terra para julgar as nações, abater os ímpios e reinar com o seu povo. Esta é a primeira das quatro ocasiões em que a palavra "aleluia" (gr. Ἀλληλούϊα), ocorre no Novo Testamento (ver vv. 1,3,4,6). Ela deriva-se de duas palavras hebraicas: halal, que significa "louvor", e Jah, uma forma abreviada do nome "Javé" ou "SENHOR", significando, então "louvai ao Senhor". Aqui, os salvos no céu louvam ao Senhor, porque Deus julgou o mundo e vingou aqueles que o mundo fez sofrer, e porque Jesus Cristo está voltando à terra para reinar (vv. 6,11; 20.4). Esse é o hino "aleluia" do céu.

19.1. Ação de graças pelo juízo de Babilônia (Ap 19.1-10)

A afirmação que Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao nosso Deus (v.1), vindo neste ponto, sugere que Deus tem manifestado estes atributos. O cântico, portanto, expande Ap 7.10 e tem um sentido semelhante ao Ap 12.10.

Verdadeiros e justos são os seus juízos (v.2) foi dito junto ao altar depois de derramada a terceira taça (Ap 16.7); cfr. também Ap 15.3. Os dois grandes crimes da civilização prostituta eram a sua corrupção da terra e a morte dos cristãos.

Se se considerarem o novo céu e a nova terra de Ap 21.1 como uma criação completamente nova, a expressão para todo o sempre (v.3) tem que ser aqui limitada aos mil anos do milênio; as cinzas da cidade arruinada presumivelmente

desaparecem com a velha terra. O emprego desta, e de frases semelhantes na literatura bíblica é muitas vezes muito frouxo (cfr. especialmente os Salmos), mas, em tais passagens, como Ap 4.9; 5.13; 11.15; 22.5, ela significa claramente a eternidade, presumivelmente tem este significado em Ap 14.11.

Os "vinte e quatro anciãos, e os quatro animais" (v.4) aparecem em quase todas as cenas do Apocalipse (4.4, 10; 5.5,6,8,11,14; 7.11, 13; 11.16; 14.3; 19.4), agora, porém, eles dão o "Amém": final de sua missão, e não reaparecem mais, a não ser quando nós os encontramos na Eternidade. No presente versículo eles são vistos a adorar a Deus. Na primeira passagem, eles também lançaram suas coroas diante do Senhor. E isso significa que tudo quanto possuem, tudo o que são, em seu poder e autoridade, lhes fora dado pelo Cordeiro de Deus, para prestarem esse serviço eterno. O "Amém", final de sua missão, é também bastante significativo neste livro. A palavra "Amém" é usada nada menos de dez vezes neste livro, e nesta secção, foi: "Assim seja!". Além deste "Amém" do texto em foco, aparece também o terceiro "Aleluia" pronunciado no interior do céu, como um brado de confirmação.

Uma voz que saiu do trono pede à Igreja que se una a este serviço de ação de graças (v.5). Como os quatro seres viventes estão mais perto do trono, é provável ser um deles que clama, certamente não Cristo, que nunca diria louvai o nosso Deus (cfr. Ap 3.12). A descrição daqueles que são invocados como vós, os seus servos, e vós que o temeis, assim pequenos como grandes (v.5) exclui a possibilidade que está em vista somente um seleto corpo da Igreja, tal como os mártires. A "esposa do Cordeiro" é a Igreja toda, não uma seção dela. A primeira linha da ação de graças da Igreja deve ser traduzida "Aleluia: porque o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, tem começado a reinar" (v.6; cfr. Ap 11.17). O símbolo de casamento, aplicado a Cristo e à Igreja, exprime a união íntima e indissolúvel de Cristo e o seu povo redimido.

Diz-se que as bodas são vindas (v.7) a esta altura, no mesmo sentido em que se dizia ter caído Babilônia, em Ap 14.8; isto é, está no ponto de se cumprir. A Igreja está preparada. Tão logo a besta e os seus exércitos sejam mortos, as "bodas" tomarão lugar, e a noiva começará a sua vida consumada na nova era (Ap 20.4; 21.9). Para o símbolo da Igreja como a noiva de Cristo, cfr. Mt 22.2; 25.1; 2Co 11.2; Ef 5.23. Observe-se no vers. 8, que é provavelmente um comentário de João, em vez de uma parte do cântico, o balanço delicado entre a graça de Deus e a resposta humana; "foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente"; isto é, o vestido vem de Deus; mas o linho fino são os atos de justiça dos santos. Cfr. Fp 2.12-13. Para as várias tonalidades de sentido sugeridas pelo simbolismo do vestido dos santos, cfr. Ap 3.5; 6.11.

Aqueles que são chamados (v.9), é-lhes atribuída a aceitação do convite, não como aqueles mencionados em Mt 22.14. Os convivas e a noiva são um só; cfr. Ap 22.9-10 onde a noiva também é a cidade santa. A declaração do anjo - Estas são as verdadeiras palavras de Deus - pode-se relacionar particularmente com as visões de Ap 17.1 até este ponto, inclusive a certeza da vinda da ceia das bodas do Cordeiro, a que agora mesmo se fez alusão.

O anjo recusa o culto de João por enumerar-se a si mesmo com o resto dos servos de Deus (v.10). Tanto as hostes angélicas como a Igreja seguram bem o testemunho de (dado por) Jesus. Esse testemunho inclui tanto o testemunho histórico do Senhor, preservado pelos Evangelhos, como o que ele continua a dar pelo seu Espírito, tais como as revelações deste livro. A cláusula explanatória que se segue significa, ou que o ensino de Cristo, tornado conhecido no

passado e no presente, é o espírito ou essência de profecia, ou que o Espírito Santo, que inspira a profecia, interpreta ao profeta o testemunho de Cristo, tanto o revelado como o não revelado.

19.2. Vitórias de Cristo sobre a besta e sobre o falso profeta (Ap 19.11-21)

O nome Fiel e Verdadeiro (v.11) recorda Ap 3.14. O resto do versículo parece ter em vista Is 11.3-5.

Cristo tem muitos diademas (v.12) porque Ele é REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES - Βασιλεὺς βασιλέων καὶ Κύριος κυρίων, (v.16). O seu nome desconhecido (v.12) faz lembrar o nome secreto que Ele dará aos Seus depois deste evento (Ap 2.17 e especialmente Ap 3.12). Em vista destas últimas duas referências, não é provável que todos os seres criados sejam excluídos de saber o Seu nome. Bousset sugere que o fato do seu sigilismo pode ser ligado à crença popular que poder se prende ao conhecimento de um nome. Se o nome de Cristo leva consigo poder sobre toda a criação, então, atualmente, Ele é o único dono desse poder, só Ele sabe do Seu nome; mas quando Ele tiver conquistado os Seus inimigos na Sua vinda, Ele compartilhará a Sua autoridade com os Seus fiéis e, portanto, também o Seu nome. O fundo deste, conceito é reconhecidamente não-cristão, como João plenamente reconheceria; mas o sentido espiritual que ele pretende dar por esta interpretação acha reconhecimento através do Novo Testamento. É possível, portanto, que este seja o sentido.

A veste do Senhor salpicada de sangue tem por finalidade lembrar o leitor Is 83.1-5. Cristo é o vindimador celeste. Se a interpretação de Bousset de vers. 12 está correta,

a identificação do Messias com a Palavra de Deus (v.13) não revela o segredo do nome desconhecido. A sua menção aqui alude, talvez, ao poder criador do Senhor, evocando para nós as associações do Velho Testamento da "Palavra".

Os exércitos no céu (v.14) certamente incluem companhias angélicas (cfr. Ap 12.7; 14.14-20) e todos os santos que já estão nos céus (ver Ap 17.14; Ap 2.27). A conquista é conseguida principalmente, não pelas hostes seguidoras, mas pelo Cordeiro (cfr. vers. 15,21).

Em vista de Ap 15.4; 20.3, que sugerem a existência de nações no início do milênio, parece que só aqueles povos hostis a Cristo estão em mente nos vers. 15 e 19-21. Para a linguagem figurada que se emprega, comparar Ap 1.16; Is 11.4; Sl 2.9; Is 63.1-6.

"... Rei dos reis, e Senhor dos senhores" - Βασιλεὺς βασιλέων καὶ Κύριος κυρίων (v.16). Apenas dois monarcas aqui na terra tiveram um título como este: Nabucodonosor e Artaxerxes (Ed 7.12). Mas a profecia nos dá ali o desconto imediato: "... és rei ("de") reis" (Dn 2.37a). O título já havia corrido uma vez com respeito a Cristo, sendo porém, de forma invertida: "...Senhor dos senhores e Rei dos reis" (17.14). Swete pensa que o terceiro nome de Cristo (v.16) está "exposto na sua veste, onde cai sobre a coxa".

Vinde e ajuntai-vos à Ceia do Grande Deus (19.17b). Esta sinistra ceia tem a ver com a batalha de Armagedom (ver 16.16). Nessa ocasião, a destruição dos inimigos de Deus na terra será tão grande, que será preciso um excessivo número de aves para limpar o campo da batalha. É chamada a "ceia do grande Deus", porque Deus a ordenará para as aves de rapina. Trata-se da cena de julgamento da terrível crueldade e impiedade deste mundo. Outras profecias que, com toda a probabilidade, referem-se a esse evento vindouro, são: 14.14-

20; 16.13-16; 17.14; Jr 51.27-36; Ez 39.17-20; Jl 3.9-15; Sf 3.8; Zc 14.2-5.

"E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo e ao seu exército" (v.19). Deus permitirá que agentes demoníacos reúnam as tropas das nações, na região de Armagedom, como parte dos preparativos para esta cena (ver 16.16; Jr 25.32,33; Jl 3.2; Sf 3.8; Zc 14.2,3). Este conflito durará pouco. O anticristo será destruído e também todos os ímpios (vv. 19-21). O julgamento divino não somente abrange os exércitos ali reunidos, mas também o mundo inteiro (Jr 25.29-33).

Nenhuma descrição nos vers. 19-21 é dada da batalha, somente a disposição das hostes rivais. O anticristo e o seu profeta são lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre (v.20), que arde com enxofre, e os seus exércitos mortos com a espada de Cristo (v.21).

Deus destrói os ímpios em toda a terra (ver Jr 25.29-33). Logo, nenhuma pessoa não-salva entrará no reino milenial de Deus (v.20.4). Durante a tribulação, o evangelho foi devidamente anunciado a todos os que habitavam na terra. Aqueles que rejeitaram a verdade receberam "a operação do erro, para que creiam a mentira, para que sejam julgados todos os que não creram a verdade" (2Ts 2.11,12). Note que os injustos "não hão de herdar o Reino de Deus" (1Co 6.9-11; cf. Gl 5.21). Eles serão separados dos justos, depois que Cristo voltar em glória e serão destinados ao castigo eterno (Mt 25.31-46).

Capítulo 20

Satanás é Amarrado, Os Fiéis Reinam com Cristo

20.1. O Aprisionamento de Satanás (Ap 20.1-3)

"E vi descer (gr. καταβαίνοντα , lit. vindo abaixo) do céu um anjo, que tinha a chave do abismo (gr. ἀβύσσου), e uma grande cadeia (gr. ἅλυσιν μεγάλην, lit. corrente grande) na sua mão" (gr. Καὶ εἶδον ἄγγελου καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, ἔχοντα τὴν κλεῖδα τῆς ἀβύσσου, καὶ ἅλυσιν μεγάλην ἐπὶ τὴν χεῖρα αὐτοῦ - v.1).

O Arcanjo Miguel deve está em foco nesta passagem. Ele é o anjo guerreiro, citado sempre em conexão com a guerra (Dn 10.21; 12.1; Jd v.9; Ap 12.9). Mas dessa vez sua tarefa é infinitamente maior. Ele deve amarrar (gr. ἐκράτησε, lit. agarrar) ao próprio Satanás. Naturalmente não poderia fazer isso, exceto pela autoridade e poder de Deus. De acordo com Ap 1.18, é Cristo o possuidor das chaves: da morte e do Tártaro, lugar inferior ao Hades, chamado poço do abismo em Ap 9.1. Portanto, nesta passagem, o uso dessas chaves é concedido ao elevado poder angelical por delegação divina.

20.1.1. Tártaro

Na mitologia grega o Tártaro é personificado por um dos deuses primordiais, nascidos a partir do Caos (apesar de alguns autores o considerarem irmão de Caos). Suas relações com Gaia geraram as mais terríveis bestas da mitologia grega, entre elas o poderoso Tifão.

Assim como Gaia era a personificação da Terra e Urano a personificação do Céu, Tártaro era a personificação do Mundo Inferior. Nele estavam as cavernas e grutas mais profundas e os cantos mais terríveis do reino de Hades, o

mundo dos mortos, para onde todos os inimigos do Olimpo eram enviados e onde eram castigados por seus crimes. Lá os Titãs foram aprisionados por Zeus (Júpiter), Hades (Plutão) e Poseidon (Netuno) após a Titanomaquia.

Na Ilíada, de Homero, representa-se este mitológico Tártaro como prisão subterrânea 'tão abaixo do Hades quanto a terra é do céu'. Segundo a mitologia, nele eram aprisionados somente os deuses inferiores, Cronos e outros titãs, enquanto que os seres humanos, eram lançados no submundo, chamado de Hades.

Na Bíblia, a expressão "Abismo" (gr. ἀβύσσου), é equivalente a "Tártaro" (τάρταρος lugar inferior ao Hades). Lugar que estiveram aprisionados alguns tipos de anjos caídos, 2Pe 2.4; Jd 6; e que foram soltos na Grande Tribulação, Ap 9.1; de onde saiu o espírito do anticristo (gr. τὸ θηρίον τὸ ἀναβαῖνον ἐκ τῆς ἀβύσσου , lit. que vai para cima do abismo), Ap 11.7. E agora, o "abismo" servirá de prisão durante mil anos para Satanás. Ele é realmente uma prisão contendo portas e ferrolhos (Jó 17.16; Mt 16.18), e ainda chaves que presentemente estão nas mãos de nosso Senhor Jesus Cristo. "O abismo ou ἀβύσσου (grego) ou poço do abismo, ou tártaro no grego é a "escuridão" onde está localizada a prisão dos anjos malignos que não guardaram seu principado Jd v.6.

"Ele prendeu o dragão (gr. ἐκράτησε, lit. agarrar), a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos" (v.2). Muitos têm dificuldade em aceitar a prisão de Satanás no sentido literal. Mas nós temos na Bíblia outras passagens falando de "... espíritos em prisão" (1Pd 3.19; 2Pd 2.4; Jd v.6). As algemas que o agrilhoarão são de fabricação divina. Não há, pois, razão para o sentido literal da "cadeia" e "prisão" de Satanás, pois a palavra grega usada para "cadeia" (hálusin - ἅλυσιν, lit. corrente), é a mesma usada nas passagens de (At 12.7; 28.20; 2Tm 1.16; T. Nestlé). Entretanto, em todas essas passagens a significação é literal. Essas

precauções contra o grande inimigo de Deus mostram-nos a grande e perigosa força desse inimigo; segurar, prender, lançar no abismo, fechá-lo, amarrá-lo, pôr selo sobre ele! Os mil anos de Satanás no abismo não produzirão nenhuma mudança em seu caráter maligno. Uma vez que seja liberto, provará ser o mesmo antigo diabo. Isso prova que prisão não "transforma". Mas enquanto estiver preso, a terra se sentirá aliviada, e o reino milenial de Cristo trará paz e justiça por mil anos.

"E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele..." (v.3). Devemos observar que, além da chave e da corrente, haverá também alguma "espécie de selo" posto sobre ele impedindo-lhe espaço para qualquer movimento ou ação maléfica de sua pessoa. Este selo posto sobre Satanás o colocará na condição de uma "múmia", o qual como "sombra" apenas em seu sentimento perverso se revolverá ao redor da prisão. É possível que, nesta passagem, devamos entender a selagem da entrada do abismo, para que dali Satanás não possa sair.

"Até que os mil anos se acabem" (v.3). Neste capítulo chegamos a "sétima" e última "dispensação da plenitude dos tempos" (o Milênio). Nesta secção encontramos seis vezes expressão ("mil anos"): vs. 2, 3, 4, 5, 6, 7, com respeito ao Milênio. O termo derivado do grego "chillia" - τὰ (os) χίλια (mil) ἔτη (anos) -, e do latim "millenium"; aponta para o futuro governo sobre a terra, exercido pelo "Príncipe da Paz" durante mil anos. Jerusalém será o centro de adoração para todos os povos e a Capital religiosa do mundo (Jr 3.17; Zc 14.16 e ss): Assim o Reino do Messias será universal.

20.2. O Milênio - τὰ χίλια ἔτη (Ap 20.4-6)

Será observado que nenhuma descrição dá-se aqui das condições de vida no milênio, somente uma mera afirmação quanto à espécie de pessoas que nele exercem domínio. Provê-se em Ap 21.9-22.5 uma caracterização da vida desta era.

E vi tronos - καὶ εἶδον τρόνους (v.4) vistos por João recordam Dn 7.9. Mas de quem se diz que assentaram-se sobre eles? A maioria dos exegetas os interpreta como a companhia que se nomeia imediatamente, a saber, as almas daqueles que foram degolados, assume-se então que as demais frases seguintes também denominam este corpo, de maneira que a alusão aos "que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos" denota os mártires somente. Esta exposição está correta só em parte, pois já vimos que participação no reino é prometida a todo cristão que vence (ver Ap 2.26-28; 3.12,21), enquanto os vers. 9-10 declaram que a Igreja toda há de reinar na terra, e Ap 19.7 se regozija que "vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa sua aprontou".

É exegese curiosa que em Ap 19.5-9 faz da esposa do Cordeiro os mártires somente, mas em Ap 21.2 toda a Igreja. De maneira que parece melhor interpretar a cláusula "Eu vi tronos", e assentaram-se sobre eles de "Cristo e seus assessores, os apóstolos" (Mt 19.28) "e os santos" (1Co 6.2,3). A menção especial dos mártires, em vista do seu lugar neste livro, espera-se naturalmente (cfr. a sua posição em Ap 6.9-11; 8.3-5; cfr. Ap 9.13; 16.7) e é um pouquinho de encorajamento merecido. Desde que a afirmação e viveram (v.4) evidentemente significa "eles tornaram a viver", um termo figurativo para a ressurreição dos mortos, é provável que a expressão os que não adoraram a besta... também denota os mártires. Não é impossível, contudo, que esta última metade do versículo tenha em mente os vencedores que haviam escapado do martírio.

A primeira afirmação do vers. 5 mostra com toda a clareza desejada que a primeira ressurreição é uma ressurreição literal dos mortos, não um sinônimo para o novo nascimento, Um apocaliptista tem a liberdade para mudar as suas figuras livremente contanto que faça claro o seu sentido e nisto João tem bom êxito em grau notável.

Desde que não tem poder a segunda morte (v.6) sobre os participantes da primeira ressurreição, podemos inferir que finalmente eles têm sido perdoados e não aparecem no último juízo; cfr. Jo 5.24. Admite-se, contudo, que a inferência mencionada por último não seja de maneira nenhuma necessária. Que os cristãos serão sacerdotes, tão bem como reis no milênio, sugere que há um mistério para eles cumprirem naquela era entre os habitantes da terra.

20.3. As Características do Milênio

Depois da volta de Cristo e dos eventos do capítulo 19, Satanás será preso e amarrado por mil anos para que não mais engane as nações ("prendeu o Dragão... e amarrou-o por mil anos", Ap 20.2).

Assentam-se nos tronos os vencedores oriundos de todos os tempos e com certeza incluem os santos do Antigo Testamento, bem como aqueles que viveram, isto é, voltaram à vida (Ap 20.4, "e vi tronos; e assentaram-se sobre eles").

20.4. O milênio foi predito no Antigo Testamento (Is 9.6; 65.19-25).

Do reino milenial de Cristo participarão: Os salvos da igreja (Ap 2.26,27; 3.21; 5.10; 20.4); os santos ressurretos do Antigo Testamento (Ez 37.11-14; Ef 2.14-22; Hb 11.39,40),e; e os mártires da Tribulação (Ap 20.4).

O povo do Milênio a ser governado por Cristo consistirá: dos que permaneceram fiéis a Ele durante a tribulação até sua vinda e dos que nascerem durante o Milênio (Is 65.20-23).

Nenhum inconverso entrará nesse reino. Aqueles que reinarem com Cristo terão autoridade sobre todas as nações (Mt 19.28). Haverá paz, segurança, prosperidade e justiça em toda a terra (Is 2.2-4; Mq 4.1-4; Zc 9.10); a natureza será restaurada à sua condição original, de ordem, perfeição e beleza (Sl 96.11-13; 98.7-9; Is 14.7,8; Ez 34.25; Zc 14.8); todos

que optarem pela senda da impiedade, da rebelião e da desobediência serão castigados (Ap 20.7-10vv);

20.4. Doutrina da Ressurreição

"Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos" (Ap 20.6).

A ressurreição do corpo é uma doutrina fundamental das Escrituras. Refere-se ao ato de Deus, de ressuscitar dentre os mortos o corpo do salvo e reuni-lo à sua alma e espírito, dos quais esse corpo esteve separado entre a morte e a ressurreição.

A Bíblia revela pelo menos três razões por que a ressurreição do corpo é necessária.

(a) O corpo é parte essencial da total personalidade do homem; o ser humano é incompleto sem o corpo. Por conseguinte, a redenção que Cristo oferece abrange a pessoa total, inclusive o corpo (Rm 8.18-25).

(b) O corpo é o templo do Espírito Santo (1Co 6.19); na ressurreição, ele voltará a ser templo do Espírito.

(c) Para desfazer o resultado do pecado em todas as áreas, o derradeiro inimigo do homem (a morte do corpo) deve ser aniquilado pela ressurreição (15.26).

Tanto as Escrituras do Antigo Testamento (cf. Hb 11.17-19 com Gn 22.1-4; Sl 16.10 com At 2.24ss; Jó 19.25-27; Is 26.19; Dn 12.2; Os 13.14), como as Escrituras do Novo Testamento (Lc 14.13,14; 20.35,36; Jo 5.21,28,29; 6.39,40,44,54; 1Co 15.22,23; Fp 3.11; 1Ts 4.14-16; Ap 20.4-6,13) ensinam a ressurreição futura do corpo.

Nossa ressurreição corporal está garantida pela ressurreição de Cristo (ver Mt 28.6; At 17.31; 1Co 15.12,20-23).

20.4.1. A Ressurreição dos Mortos em Cristo

A ressurreição da Igreja ocorre na volta de Jesus, imediatamente antes do arrebatamento (1Ts 4.16,17): "Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor".

Instantes antes do arrebatamento, ao descer Cristo do céu para buscar a Sua Igreja, ocorrerá a ressurreição dos "que morreram em Cristo" (1Ts 4.16).

Ao mesmo tempo em que ocorre a ressurreição dos mortos em Cristo, os crentes vivos serão transformados; seus corpos se revestirão de imortalidade (1Co 15.51-53). Isso acontecerá num instante, "num abrir e fechar de olhos" (1Co 15.52). Tanto os crentes ressurretos como os que acabaram de ser transformados serão "arrebatados juntamente" (1Tessalonicensses 4.17) para encontrar-se com Cristo nos ares, ou seja, na atmosfera entre a Terra e o céu. Estarão literalmente unidos com Cristo (1Ts 4.16,17), levados à casa do Pai, no céu (Jo 14.2-3), e reunidos aos queridos que tinham morrido (1Ts 4.13-18).

Em termos gerais, o corpo ressurreto do crente será semelhante ao corpo ressurreto de Nosso Senhor (Rm 8.29; 1Co 15.20,42-44,49; Fp 3.20,21; 1Jo 3.2). Mais especificamente, o corpo ressurreto será:

(a) um corpo que terá continuidade e identidade com o corpo atual e que, portanto, será reconhecível (Lc 16.19-31);

(b) um corpo transformado em corpo celestial, apropriado para o novo céu e a nova terra (1Co 15.42-44,47,48; Ap 21.1);

(c) um corpo imperecível, não sujeito à deterioração e à morte (15.42);

(d) um corpo glorificado, como o de Cristo (15.43; Fp 3.20,21);

(e) um corpo poderoso, não sujeito às enfermidades, nem à fraqueza (15.43);

(f) um corpo espiritual (isto é, não natural, mas sobrenatural), não limitado pelas leis da natureza (Lc 24.31; Jo 20.19; 1Co 15.44);

(g) um corpo capaz de comer e beber (Lc 14.15; 22.16-18,30; 24.43; At 10.41).

Quando os crentes receberem seu novo corpo se revestirão da imortalidade (1Co 15.53). As Escrituras indicam pelo menos três propósitos nisso:

(a) para que os crentes venham a ser tudo quanto Deus pretendeu para o ser humano, quando o criou (cf. 1Co 2.9);

(b) para que os crentes venham a conhecer a Deus de modo completo, conforme Ele quer que eles o conheçam (Jo 17.3);

(c) a fim de que Deus expresse o seu amor aos seus filhos, conforme Ele deseja (Jo 3.16; Ef 2.7; 1Jo 4.8-16).

20.4.2. A Ressurreição das duas testemunhas

A ressurreição das duas testemunhas do Apocalipse (Ap 11.12), durante o período da grande tribulação.

20.4.3. Os Mártires do Período da Grande Tribulação

Os mártires do período da Grande Tribulação sendo ressuscitados no final da tribulação, quando Cristo retorna a Terra para inaugurar o milênio (Ap 20.4) e possivelmente com os santos do Antigo Testamento, Ap 20.6.

20.4.4. Os Crentes do Antigo Testamento

Os crentes do Antigo Testamento vão de igual modo participar da primeira ressurreição. Alguns defendem que estes serão ressuscitados com a Igreja (1Ts 4.16,17), antes da tribulação; outros defendem que é mais harmonioso com as Escrituras do Antigo Testamento incluir os crentes do Antigo Testamento com aqueles que vão ressuscitar depois da tribulação, porque ambos, Isaías e Daniel, mencionam a ressurreição dos santos do Antigo Testamento acontecendo após um período de grande sofrimento (Is 26.16-21; Dn 12.1-3).

20.4.5. Os Injustos Incrédulos

A ressurreição do corpo dos ímpios mortos é descrita por Daniel. "E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão... outros para vergonha e desprezo eterno" (Dn 12.2). Este versículo contém a referência mais clara do Antigo Testamento à ressurreição dos ímpios (Jó 19.25,26; Sl 16.10; Is 26.19). Jesus mostra que há uma ressurreição distinta (Jo 5.28,29) que ocorrerá mil anos depois da "primeira ressurreição" de Ap 20.6, isto é, depois do reino milenar de Cristo na Terra (Ap 20.4). Isso ocorrerá depois da volta de Cristo para o estabelecimento do milênio, período em que Satanás esteve preso e amarrado para que não enganasse as nações. Todavia, Satanás será solto, provoca uma última rebelião, será julgado por Deus (Apocalipse 20.3, 7-9) e lançado no lago de fogo e enxofre (Ap 20.10).

Após os fatos citados, o apóstolo João relata: "E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a Terra e o céu, e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro, que é o da vida, e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que neles havia; nele a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras" (Ap 20.11-13). Esta é a segunda ressurreição e o juízo final. Assim, a ressurreição dos ímpios ocorrerá no fim do milênio (Ap 20.11).

20.5 A última insurreição de Satanás (Ap 20.7-10)

No fim do reino de Cristo, Satanás será solto (Ap 20.7). Na tentativa de ainda derrotar a Deus, Satanás sairá a enganar aqueles que quiserem rebelar-se contra Cristo, e ajuntará uma multidão de semelhantes rebeldes. Não é de se admirar que hoje, alguns crentes, se levantem nas igrejas contra seus dirigentes!

No fim dos mil anos, o reino será entregue ao Pai, por Jesus (1Co 15.24); então começará o reino final, eterno e perfeito de Deus e do Cordeiro (Ap 21.1-22.5).

Já foi indicado que João não é inovador em colocar o assalto final do mal depois do estabelecimento do reino de Deus na terra. Em fazer isto, ele apenas segue fielmente a profecia, em Ezequiel, da invasão da Terra Santa por Gogue e Magogue (Ez 38-39).

A soltura de Satanás (v.7) está, de acordo com o comando de Deus; o abismo "se destranca" pelo anjo (cfr. vers. 1). Por este meio o profeta torna paralelo o divino oráculo a Gogue. "Hei de trazer-te contra a minha terra, para que as

nações me conheçam a mim, quando eu me houver santificado em ti aos seus olhos, ó Gogue" Ez 38.16. Na profecia de Ezequiel, Magogue parece ser tanto a terra de que Gogue veio (Ez 38.2) como a nação (Ap 20.8); é, portanto, possível que Gogue seja visto como o líder e Magogue, o seu povo, com quem se associam os povos de Meseque e Tubal (Ez 38.2). Estas nações estavam provavelmente situadas em torno das partes a sueste do Mar Negro, uma área vaga e desconhecida no que diz respeito ao conhecimento dos hebreus. Outros aliados ao norte do Mar Negro são enumerados em Ez 38.6, mas Persas. Etíopes e Africanos do leste são mencionados em Ez 38.5, de maneira que João se sente justificado em usar os termos Gogue e Magogue (v.8) para denotar todos os membros da aliança hostil, descendo dos quatro cantos da terra.

Diz-se que o seu "número é como a areia do mar" (v.8), mas podemos imaginar que João tinha em mente a passagem já citada de Ez 38.16, que torna claro que uma proporção estritamente limitada da população da terra se envolve nesta última insurreição.

"E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu, e os devorou" (v.9). O comandante do norte na sua invasão a Terra Santa, chegou a cercar "... o arraial dos santos" (Israel) e "... a cidade amada" (Jerusalém), mas foi derrotado por Deus. Gogue e Magogue aqui, representados, serão tragados por fogo que "desceu do céu", e os devorou. No sentido mais profundo, o Apocalipse é um livro de divindade. É um livro acerca de Deus; é um livro sobre os atos de Deus. Por igual modo, a derrota das forças do mal é um ato divino. Os habitantes da cidade amada descobrirão que Deus terá feito a causa dele e a causa deles. Eles terão armas suficiente poderosas para aquela batalha final. Mas Deus proverá seu fogo destruidor dos céus.

"E o diabo que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre" (v.10).

Satanás tinha já passado mil anos no abismo, mais isso foi uma ação intermediária. Agora, entretanto, ele sofrerá sua derrota final e irá para seu destino. Finalmente a cabeça da serpente é ferida para sempre (Gn 3.15). A vitória conseguida sobre o diabo no calvário agora recebe operação completa. Sua queda será gradual. Ele será expulso dos ares para a terra e o mar no período da Grande Tribulação (12.9 e ss). Será aprisionado por mil anos (20.2 e ss). E então, no texto em foco, derrotado completamente pela ação poderosa e imediata de Deus, mesclada de ira. O poder de Satanás acabará então, pois Deus o lançará no lago de fogo para todo o sempre (ver Is 14.9-17). Ali, ele não reinará, sendo sempre atormentado, dia e noite, eternamente.

20.6 O Juízo Final (Ap 20.11-15)

"E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a Terra e o céu, e não se achou lugar para eles" (Ap 20.11).

"Mas os céus e a Terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o Dia do Juízo e da perdição dos homens ímpios" (2Pe 3.7).

"Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a Terra e as obras que nela há se queimarão" (2Pe 3.10).

"... Em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2Pe 3.12,13).

Com o fugir da terra e do céu da face de Deus como o precursor da nova terra, e do novo céu (cfr. 2Pe 3.10-13), o espetáculo solitário do grande trono branco como a única realidade para a qual os homens podem olhar é verdadeiramente uma coisa pavorosa.

"E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro, que é o da vida, e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; nele a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo" (Ap 20.12-15).

O julgamento aqui descrito é chamado o "Julgamento do Grande Trono Branco", abrangendo os perdidos de todas as épocas. Alguns entendem que os que foram salvos durante o reino milenar de Cristo na Terra, serão incluídos nesse julgamento. A Bíblia descreve um quadro terrível do destino dos perdidos. Fala de "tribulação e angústia" (Rm 2.9), "pranto e ranger de dentes" (Mt 22.13; 25.30), "eterna perdição" (2Ts 1.9) e "fornalha de fogo" (Mt 13.42, 50). Fala das "cadeias da escuridão" (2Pe 2.4), do "tormento eterno" (Mt 25.46), de um "inferno" e de um "fogo que nunca se apaga" (Mc 9.43), de um "ardente lago de fogo e de enxofre" (Ap 19.20) e onde "a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não tem repouso, nem de dia nem de noite" (Ap 14.11). Realmente, "horrenda coisa é cair nas mãos de Deus vivo" (Hb 10.31); "bom seria para esse homem se não houvera nascido" (Mt 26.24). Jesus usou a palavra Gehenna como o termo aplicável a isso.

Gehenna é um nome aramaico do Vale de Hinom, uma ravina estreita que vai do oeste ao sul de Jerusalém. Durante o declínio do reino de Judá, os judeus apóstatas ofereciam seus

filhos ali como sacrifício ao deus amonita Moloque, através do fogo (2Rs 23.10; Jr 7.31). Por isso, os judeus nos tempos do Novo Testamento fizeram deste um depósito de "o municipal", e aí sempre havia fogo ardendo, e Jesus fez alusão figurada a ele como o lugar do juízo final, o lago de fogo. Ali, as chamas de enxofre demonstravam quão desagradável o fogo será. As trevas também indicam que os ímpios estarão excluídos da luz de Deus. A fé, esperança e amor que sempre permanecem para nós (1Co 13.13) faltarão eternamente naquele ambiente. O 'repouso' do qual desfrutaremos nunca estará à disposição deles, e nem a alegria e paz que nosso Senhor dá àqueles que crêem. Será, também, um lugar de solidão, excluído da comunhão com Deus. E a amargura e o ranger de dentes, bem como sua natureza caída e imutável, impedirá a comunhão uns com os outros.

Depois do juízo final, a morte o e Hades serão lançados no lago de fogo (Ap 20.14), será o único lugar onde a morte existirá. É então que a vitória de Cristo sobre a morte, como o salário do pecado, será final e plenamente consumada (1Co 15.26). Mas nos novos céus e terra não haverá mais morte (Ap 21.4).

Os crentes do Novo Testamento tinham nítida consciência do destino de quem vive no pecado. Por essa razão eles pregavam com lágrimas (Mc 9.24; At 20.19) e defendiam a Palavra infalível de Deus e o evangelho da salvação contra todas as distorções e as falsas doutrinas (Fp 1.17; 2Tm 1.14). O sinistro fato do castigo eterno para os ímpios é a maior razão para levar o evangelho a todo o mundo, e fazer o máximo possível para persuadir as pessoas a arrependerem-se e a aceitarem a Cristo antes que seja tarde demais (Jo 3.16).

O juiz é o próprio Deus. Dá-se por admitida a segunda ressurreição no vers. 12 e somente descrita indiretamente no vers. 13. O julgamento dos homens pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras (v. 12) salienta a

justiça, completa do procedimento. O retrato é tirado de Dn 7.10, que pode refletir tanto o corrente procedimento no tribunal, como o hábito dos reis persas de registrar cada pormenor das suas províncias através de um sistema elaborado de espionagem. Deve-se notar que o livro da vida (vv.12,15) tem um testemunho a dar independente do de outros livros. A respeito disto, Alford escreve: "Aqueles livros e o livro da vida davam testemunho independente do fato de os homens estarem ou não entre os salvos: aquele por inferência das obras registradas: e este em inscrição ou não inscrição do nome na relação. De maneira que os livros podiam ser abonadores para o livro da vida".

"A morte e o inferno" ("Hades") (v.14) representam o fato de morrer e a condição em que se entra depois da morte, isto é, a vida não ressurreta. Ambos os fenômenos são simbolicamente representados como tendo cessado ao serem aqueles lançados no lago de fogo.

"Lançados no Lago de fogo" (v.15). A Bíblia descreve um quadro terrível do destino dos perdidos. Fala de "tribulação e angústia" (Rm 2.9), "pranto e ranger de dentes" (Mt 22.13; 25.30), "eterna perdição" (2Ts 1.9) e "fornalha de fogo" (Mt 13.42,50). Fala das "cadeias da escuridão" (2Pe 2.4), do "tormento eterno" (Mt 25.46), de um "inferno" e de um "fogo que nunca se apaga" (Mc 9.43), de um "ardente lago de fogo e de enxofre" (Ap 19.20) e onde "a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite" (Ap 14.11). Realmente, "horrenda coisa é cair nas mãos de Deus vivo" (Hb 10.31); "bom seria para esse homem se não houvera nascido" (Mt 26.24; ver também Mt 10.28).

Capítulo 21

Novos Céus e Nova Terra

21.1 A nova criação (Ap 21.1-8)

"E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe" (v.1).

No principio, portanto, Deus criou os céus e a terra. No texto original hebraico a palavra para céus é ("shamayim"). A terminação "im" indica o plural. Isso pretende mostrar que há mais do que somente um céu.

Na Bíblia distingue-se pelo menos três céus; o céu inferior (auronos), o céu intermediário (mesoranios) e o superior (eporanios).

(a) Céu inferior. Por céu inferior entendemos o céu atmosférico. Isto é o ("alto"): onde sobrevoam as aves e os aviões, passam as nuvens, desce a chuva, se processam os trovões e relâmpagos. Deus o chamou de "...a face da expansão dos céus". Gn 1.20 e Jesus, de "...extremidade inferior do céu" (Lc 17.24);

(b) Céu intermediário. Por céu intermediário entendemos céu estelar ou planetário, chamado também o céu astronômico. A Bíblia o chama de a ("altura");

(c) Céu superior. Esse é chamado de as ("alturas" - plural). Sl 93.4; At 1.9; Hb 1.3. É declarado em 2Co 12.2, como sendo "...o terceiro céu", o "Paraíso"; podemos chamá-lo de "o espiritual", e de "céu dos céus" por estar acima de todos (Ne 9.6; Jo 3.13). É o lugar onde habita Deus (Sl 123.1), Cristo (Mc 16.19), o Espírito Santo em seu retorno (Ap 14.13), os anjos (Mt 22.30; Jd v.6); será também a morada dos salvos em Cristo (Jo 14.3).

Deus criou os céus pelo supremo poder da palavra (1Cr 16.26; Jó 26.13; Sl 8.3; 33.6; 96.5; 136.5; Pv 8.27). Os céus incluindo a terra (Êx 20.11; 31.17; Ne 9.6; Sl 89.11, 12; 102.25; Salmo 115; Salmo 121.2; 124.8; 134.3; 156.6; Pv 3.19; Is 37.16; 42.5; 44.18; 51.13; Jr 10.12; 32.17; 51.15; Zc 12.1; At 4.24; 14.15; Ef 3.9; 2Pd 3.5; Ap 4.11; 10.6; 13.7). Deus os criou em seis dias (Êx 20.11; 31.17). São sustentados pelo poder da sua palavra (Sl 33.9; 148.5; Hb 1.3; 2Pd 3.5). Uma vez que o ("Céu Superior"), é eterno, não é, pois sujeito a nenhuma mudança "... um novo céu, e uma nova terra" implica a transformação dos ("céus atmosféricos e astronômicos"); eles passarão com grande estrondo no dia do juízo (Is 51.6; Mt 24.33; Mc 13.31; Lc 21.33; Hb 1.10, 11; 2Pd 3.7, 10; Ap 6.16 (1º estágio); Ap 20.11; 21.1; consumação.

"E o mar já não existe" (v.1). Uma omissão conspícua da nova criação de Deus é a de oceano: "... e o mar já não existe" (Ap 21.1). Como o coração de João deve ter sido confortado por tal revelação, pois na ilha de Patmos o Apóstolo estava separado pelo revolto do mar! No céu, entretanto, nada nos separará dos nossos queridos.

21.2 A Jerusalém Celestial (Ap 21.9-22.5)

A revelação da noiva tem sido antecipada em Ap 19.7-9, onde se diz que ela se tem preparado para o seu marido. Aqui se cumpre a promessa, não, contudo, em termos de uma metáfora nupcial, mas sob a figura de uma cidade. O vers. 10 é tão semelhante a Ez 40.2, que devemos supor que João o tinha em mente. Pareceria, por conseguinte, que o profeta viu a cidade descer do céu sobre o monte onde ele estava. O céu vem à terra no reino de Deus. A luz da cidade compara-se a de uma pedra de jaspe, como o cristal resplandecente (v.11); isto é, tem uma glória como a do Criador, cuja aparência se diz ser como a de pedra de jaspe (Ap 4.3).

O grande e alto muro (v.12) serve o duplo propósito de guardar fora os que não têm parte nas bênçãos da cidade (Ap 21.27; 22.14-15) e de garantir a segurança eterna dos seus habitantes. As doze portas são inscritas com os nomes das doze tribos dos filhos de Israel (v.12). Por esta característica João alega que "através das igrejas, em toda a parte do mundo (aqui doze, porém, uma só, como nos cap. 1-3 elas eram sete, porém, uma só), jaz a entrada à cidade de Deus" (Kiddle).

Os doze fundamentos (v.14) parecem não estar sobrepostos um no outro, mas formar uma cadeia contínua de várias espécies de pedra em torno do muro da cidade, dividida por suas doze portas. Os doze apóstolos correspondem às doze tribos do vers. 12 e, como estes, denotam o corpo na sua coletividade em vez dos membros individuais; não há, portanto, nenhuma necessidade para especular sobre se o nome de Paulo está incluído, ou não, nos "doze", e, se assim for, o nome de quem foi omitido; não se ergue a questão.

A cidade estava situada, em quadrado (v.16); mal se torna necessário citar que os gregos consideravam o quadrado como símbolo de perfeição; é mais provável que se menciona este formato para recordar o santo dos santos no antigo templo, que também era um cubo (1Rs 6.20); a cidade toda é um santuário para Deus e participa da santidade do antigo sacrário interior.

Doze mil estádios (v.16) (gr. stadioi) representam 2.500 km, se bem que, para traduzi-lo em termos modernos, é roubar à medida o seu óbvio simbolismo - um múltiplo infinito de doze (note-se a proeminência do número doze nesta visão da glória da Igreja). O sentido deste grande algarismo ilumina-se pelo dito rabínico que Jerusalém seria aumentada até alcançar as portas de Damasco e exaltada "até alcançar o trono de Deus".

A Nova Jerusalém se estende da terra ao céu e os une em um só. Cento e quarenta e quatro côvados (v.17) (cerca de setenta metros - 72 jardas) novamente deriva a sua significação de ser o múltiplo perfeito de doze. Se foi aceitável a explanação anterior da grande altura da cidade, não há necessidade para realçar a disparidade evidentemente absurda entre a altura da cidade e a do muro; o muro é forte bastante para servir ao seu propósito, mas a cidade tem a função extraordinária de unir a terra e o céu. Há pouca dúvida de que, como no caso de suas dimensões, assim com a enumeração dos materiais da cidade, João usa, propositadamente a linguagem de símbolo; ele não está simplesmente descrevendo riqueza fantástica. Ele já disse que o lustre da cidade é como jaspe, a aparência de Deus (ver o vers. 11); ele agora declara que todo o muro é feito dele. O ouro puro pode aludir a tal pensamento como em Ap 3.18. As doze pedras de fundamento do muro, a despeito de certas dessemelhanças em nossas traduções, parecem ser idênticas com as do peitoral do Sumo Sacerdote (Êx 28.17-20). Com respeito a estas, tem sido estabelecido através de evidência tirada de Filo, Josefo, e monumentos egípcios e árabes, que cada uma destas jóias representa um dos doze sinais do Zodíaco. Um exame da ordem das pedras preciosas do nosso texto dá o resultado assombroso que elas retratam o progresso do sol através dos doze sinais, mas em ordem contrária. Tal fenômeno não podia ser acidental. Dele Charles deduz que João aqui mostra que a cidade santa de suas visões não tem nada que ver com as correntes especulações pagãs acerca da cidade dos deuses. Esse pensamento acentua-se pela inscrição dos nomes das doze tribos nas portas da cidade e os dos apóstolos nos fundamentos da cidade.

Numa cidade modelada no santíssimo lugar, não há necessidade de um templo (v.22); tudo é santo e Deus em toda

a parte se adora. Cfr. Jo 4.21. Com o vers. 23, cfr. o vers. 11; ver também Is 60.19-20. Como nesta última passagem, condições terrestres estão claramente em vista. Enriquece-se o pensamento quando se recorda que os leitores originais conheceriam o conceito pagão de que são deuses o próprio sol e a lua; longe de serem deuses, desvanece a sua glória nativa ante o resplendor do Senhor Deus e do Cordeiro.

Vers. 24-26 reproduzem a substância de Is 60.3-11. Eles descrevem a relação entre a cidade de Deus e as nações da terra durante o milênio. Para todos que a desejarem, a comunhão entre o céu e a terra será ininterrupta nessa era.

Ainda existe na terra, mesmo quando Satanás não mais exerce a sua influência, a "contaminada" e "o que pratica abominação e mentira" (v.27). Para os tais há, como se fosse, "uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida" (Gn 3.24).

Capítulo 22

Epílogo Ap 22.6-21

O rio puro da água da vida (v.1), em vista de Ap 7.17; 21.6; 22.17, denota um conceito puramente espiritual, "as fontes das águas da vida" vendo-se talvez, por assim dizer, como a origem deste puro rio. Nós nos lembramos que o Jardim de Éden tinha um rio (Gn 2.10), e na visão de Ezequiel corria um rio do templo, possuindo propriedades naturais de cura (Ez 47.8-11).

A árvore da vida (v.2), dessemelhante em Gn 2.9; 3.22, aqui, trata-se coletivamente; há árvores em cada lado do rio, dando uma fruta diferente para cada mês do ano e folhas com propriedades de cura. O quadro se tira de Ez 47.7,12, no entanto, como no caso da água da vida, os poderes de cura das folhas tomam-se em sentido puramente espiritual. A árvore do conhecimento do Bem e do Mal não aparece mais aqui: com a morte de Cristo, ela secou-se na cruz.

"Ali nunca mais haverá maldição" (v.3) Significa que temos aqui um contraste propositado à maldição pronunciada no paraíso original por Deus, que trouxe calamidade para toda a criação (Gn 3.14-19). É como se ali estivesse uma placa escrita "nem Deus amaldiçoará", como aconteceu no Éden. Os efeitos dessa maldição têm sido completamente superados na Nova Jerusalém.

O alvo da humanidade redimida é que verão o seu rosto (v.4). Tal visão acarretará a transformação dos que o vêem na mesma imagem (1Jo 3.2). Para os nomes das suas testas. Na era antiga, ninguém podia olhar para Deus e viver (Êx 33.20). Deus agora é invisível para os mortais, mas isso será alterado na nova era. Assim como Cristo foi mediador do que se pode conhecer de Deus, da sua existência e do caráter, em nosso

velho e mortal período, assim também ele terá essa função na Eternidade (cf. 1Tm 6.15-16). Assim veremos a Deus "face a face" como Ele é.

No vers. 5 a afirmação absoluta é a melhor tradução, "Então já não haverá noite"; no entanto, é essencialmente correto: E ali não haverá mais noite, pois, como em Ap 21.23, a cidade de Deus está em mente. O tempo se compõe, essencialmente, de três partes: o passado o presente, o futuro. Só o presente existe: o passado já não é, o futuro ainda não é. Isto prova, ainda, que o tempo, tomado na sua totalidade, não existe realmente a não ser no espírito, que, graças à memória, conserva o passado e, pela previsão, antecipa o porvir.

"Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro" (v.7). Surge neste versículo uma particularidade sui generis do capítulo 22: a intercalação de palavras do próprio Jesus. Essa situação repetir-se-á, também, como veremos nos versículos 13 e 16. A seguir, vem a sexta "Bem-aventurança" do Apocalipse. As cinco anteriores vêm citadas nas seguintes passagens com significações especiais: 1.3 (para os leitores); 14.13 (para os mortos salvos); 16.15 (para os que vigiam); 19.9 (para aqueles que são chamados à ceia das bodas); 20.6 (para os mártires ressuscitados por Cristo); 22.7 (para os que guardam as palavras da profecia); 22.14 (para o que lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro). A palavra "profeta" ocorre por 12 vezes neste livro e o vocábulo "profeta", por 7. Portanto o livro traz o selo da profecia, e a raiz desta se encontra em toda a extensão da Bíblia. O Apocalipse abre-se com uma bênção para "aquele que lê" e se fecha com uma bênção para "aquele que guarda" as palavras da profecia!

"Prostrei-me aos pés do anjo" (v.8). É esta segunda tentativa de João adorar o anjo que lhe trouxe a revelação (19.10), mas o elevado poder angelical não aceitou e, diz a João num tom de amor, mas com exortação: adora a Deus.

"... Adora a Deus" (v.9). Os anjos são seres superiores aos homens (2Pd 2.11), e obviamente inferiores a Cristo em cinco pontos (Hb 1.4 e ss); contudo, jamais, por hipótese alguma, eles aceitam adoração. Sua santidade, à semelhança da santidade de Deus, não é apenas uma isenção de toda impureza moral, mas antes, o conjunto de todas as excelências morais. Eles são exatamente na era presente aquilo que Deus quer que sejam. Eles possuem um senso, de apreciação da santidade divina; sentem, por essa santidade, intensa admiração, pois são seres santos. Portanto, o anjo não era digno objeto de adoração, conforme João chegou a supor momentaneamente.

"... Não seles as palavras" (v.10). Um livro que não é selado está aberto ao exame e benefício de todos. O que foi selado nos dias de Daniel (12.4) agora é exposto aqui". Daniel viveu cerca de 600 anos antes da introdução do "...tempo do fim". Eis a razão por que era necessário a Daniel selar o livro, mas João, no contexto geral, pertencia a uma geração da "...última hora", e não podia fazer o mesmo. Porque próximo está o tempo.

"... Quem é injusto... quem é justo" (v.11). O que João diz neste versículo é "O tempo é tão escasso que não se pode mais esperar que os homens queiram mudar, de mal para o bem. A decisão ou escolha é inevitável, mas é livre: quem quiser continue na maldade. Quem está em santidade, em santidade fique. Essa é a séria advertência! A parte de Deus está feita: a decisão cabe ao homem.

"... O meu galardão está comigo" (v.12). Temos nesta secção alusão ao "Tribunal de Cristo". Nos estádios gregos, a assembléia se reunia defronte de uma "plataforma" chamada de "bema" de onde as questões oficiais eram conduzidas. Paulo, emprega essa palavra, para denotar o "Tribunal de Cristo". Essa palavra é empregada por ("11") vezes no Novo Testamento, e em todas as passagens onde ela aparece, tem sentido especial:

(a) 2Co 5.10, onde o que temos "feito por meio do corpo" será manifestado perante os olhos de todos tribunal;

(b) Rm 14.10, onde nossas relaçoes com nossos irmãos serão examinadas perante o eterno Salvador;

(c) 1Co 3.10-15, onde nosso serviço a Deus é provado como pelo fogo. Este fogo diz Speaker "durante apenas ("um dia"); é futuro, não presente; é destrutivo, não purificador; destrói; apenas doutrinas, não pessoas, causa perda e não lucro; causa apenas a reprovação das obras e não do obreiro".

Da parte de Cristo, portanto, haverá uma "avaliação" do que fizemos e não fizemos; então cada um receberá seu galardão segundo a sua obra.

"... O Alfa e o Ômega" (v.13). No presente versículo, o sentido é que o Pai, e o Filho são os Senhores de toda a História, sem principio, sem fim e todo o seu curso. Comparado isso com Hebreus (12.2). Cristo é o autor e consumador da fé. Portanto, em todas as dimensões e épocas ele é o começo, a causa primária, e também o fim, a causa final, a realização daquilo que fora iniciado e a consumação daquilo que foi continuado. Isso também é dito acerca de Deus Pai, em Ap 1.8 e 21.6; assim o Pai e o Filho são iguais em poder e glória.

"... Aqueles que lavam suas vestiduras" (v.14). Este versículo encerra a sétima e última "bem-aventurança". Ela aparece na vida daqueles que "lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro".

"... Os cães" (v.15). Tanto o cão quanto o porco, são citados por Jesus e Paulo em (Mt 7.6 e Fl 3.2), como figuras de maus elementos.

“... E qualquer que ama e comete a mentira" (v.15). Note como os dois últimos capítulos da Bíblia destacam o caso da mentira. Os praticantes da mentira são mencionados três

vezes: (a) todos os mentirosos, "a sua parte será no lago que arde com fogo" (21.8); (b) os que cometem mentira não entrarão na cidade eterna de Deus (21.27); e (c) os que amam e cometem mentira estarão fora do reino eterno de Deus. A mentira é o pecado final condenado na Bíblia, possivelmente porque foi uma mentira que levou à queda da raça humana (Gn 3.1-5; cf. Jo 8.44). Estas palavras solenes devem servir de advertência a todos que, inclusive na igreja, acham que Deus tolera a mentira e o engano.

"... A resplandecente estrela da manhã" (v.16). Já encontramos esse título aplicado a Cristo em (Ap 2.28). Na antiguidade, o planeta Vênus era considerado como símbolo da imortalidade, em toda a sua glória. Em 2Pd 2.19, essa estrela surgirá em nosso coração, dando a imortalidade e triunfo. A "aurora" era um símbolo messiânico (cf. Jr 23.5; Zc 3.8; 6.12), que denotava o "Renovo". Conforme a idéia usada neste texto, trata-se de um duplo simbolismo: Jesus tinha um passado humano, mas também tinha um futuro divino. Assim ao mesmo tempo em que Jesus é a "estrela da manhã" também é a "raiz e a geração de Davi", isto é, o "Renovo" conforme é descrito pelos profetas do Senhor (Is 4.2; 11.1; Jr 23.5; 33.15; Zc 3.8; 6.12, 13).

"... O Espírito e a esposa dizem: Vem" (v.17). Após dois mil anos ausente da corte celestial, o Espírito Santo é o primeiro a solicitar o retorno de Cristo para o arrebatamento: Vem! A Igreja segue o mesmo exemplo, dizendo: Vem! E um terceiro grupo: e quem ouve, diz também: Vem!

"... Se alguém acrescentar alguma coisa" (v.18). O presente versículo tem seu paralelo em Pv 30.5-6, que diz: "Toda a palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele. Nada acrescentes às suas palavras...". A biblioteca divina é composta de 66 livros. Em nossas edições, há quatro divisões menores que estão assim estabelecidas: ("1.189 capítulos, 31.173 versículos; 810.697 palavras e 3.506.480 letras"). Do ponto de vista divino, esse conteúdo é o suficiente

para suprir toda e qualquer necessidade humana; assim a partir do ("AMÉM"), contido no versículo 21 do presente capítulo, qualquer "acréscimo" à revelação de Deus é "anátema".

"... Quaisquer palavras do livro desta profecia" (v.19). A palavra "livro" ou "livros" ocorre por 28 vezes no Apocalipse. Mas agora, na presente secção, ela termina a sua missão.

"... Certamente cedo venho" (v.20). Há na Bíblia cerca de 2.500 referências sobre a vinda de Jesus para o arrebatamento 2.182 são predições proféticas e 318 em termos reais são encontradas em 24 livros do Novo Testamento. Apenas três livros dos 27 não contêm as citações textuais, mas em essência: (Filemon, 2 e 3 João).

"... Ora vem, Senhor Jesus". É esta a última oração da Bíblia: "Vem!". "... Certamente cedo venho"... A Bíblia termina com a promessa de que Jesus breve voltará, à qual João responde: "Vem, Senhor Jesus". Este anseio é também o de todos os cristãos verdadeiros. Esta súplica é também uma confissão de que, enquanto Ele não vier, nossa redenção está incompleta, o mal e o pecado não estão exterminados, e este mundo não está renovado. Temos toda razão para crer que rapidamente aproxima-se o dia em que aquele que é chamado "a Palavra de Deus" (19.13) e "a resplandecente Estrela da Manhã" (v. 16) descerá do céu para levar da terra os seus fiéis para a casa do Pai (Jo 14.1-3; 1Ts 4.16-18), depois Ele voltará em glória e triunfo para reinar para sempre como "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (19.16). Essa é a nossa imutável esperança e jubilosa expectativa (2Pe 1.19).

"A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém." (v.21).

῾Η χάρις τοῦ Κυρίου ἡμῶν ᾽Ιησοῦ Χριστοῦ μετὰ πάντων ὑμῶν. ἀμήν. (v.21).

Referências

ARCHER, Gleason. *Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas*. São Paulo: Vida, 1997.

ARRINGTON, French L; STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Luz para o Caminho Publicações, 1990.

BÍBLIA ANOTADA SCOFIELD. Geórgia, EUA: Publicaciones Española, 1975.

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE. São Paulo: SBB, 2001.

BÍBLIA DE ESTUDOS DAS PROFECIAS. Belo Horizonte: Atos, 2001.

BÍBLIA PASTORAL. CD-Rom. São Paulo: Paulus, sd.

BÍBLIA THOMPSON. CD-Rom. Flórida - EUA: Vida, 1990.

BÍBLIA THOMPSON. CD-Rom. São Paulo: Vida, 1992.

CHAMPLIN, Russel Norman; BENTES, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Física*. São Paulo: Candeia, 1991.

CHOWN, Gordon. *Dicionário de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1978.

HALLEY, Henry H. *Manual Bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 1970.

MURRAY, Beasley G. R. *Biblos CD-Rom*. São Paulo: Vida Nova, sd.